

Cartier reinventa um ícone e prova que o amor e a criatividade são ilimitados

Fotos Cartier/Divulgação

Love Unlimited traz pulseira e anéis em ouro amarelo, branco ou rosa; Maison também inova com bolsas e relógio

Em 1969, a Cartier ousou transformar o amor em design. Nascia ali a pulseira LOVE, criação de Aldo Cipullo, com seu formato oval, parafusos à mostra e um fecho que só se abria com chave de fenda, metáfora perfeita para um sentimento que se quer duradouro. Mais que uma joia, a peça tornou-se um símbolo de união e liberdade, acompanhando gerações que enxergam o amor como uma aventura sem fronteiras.

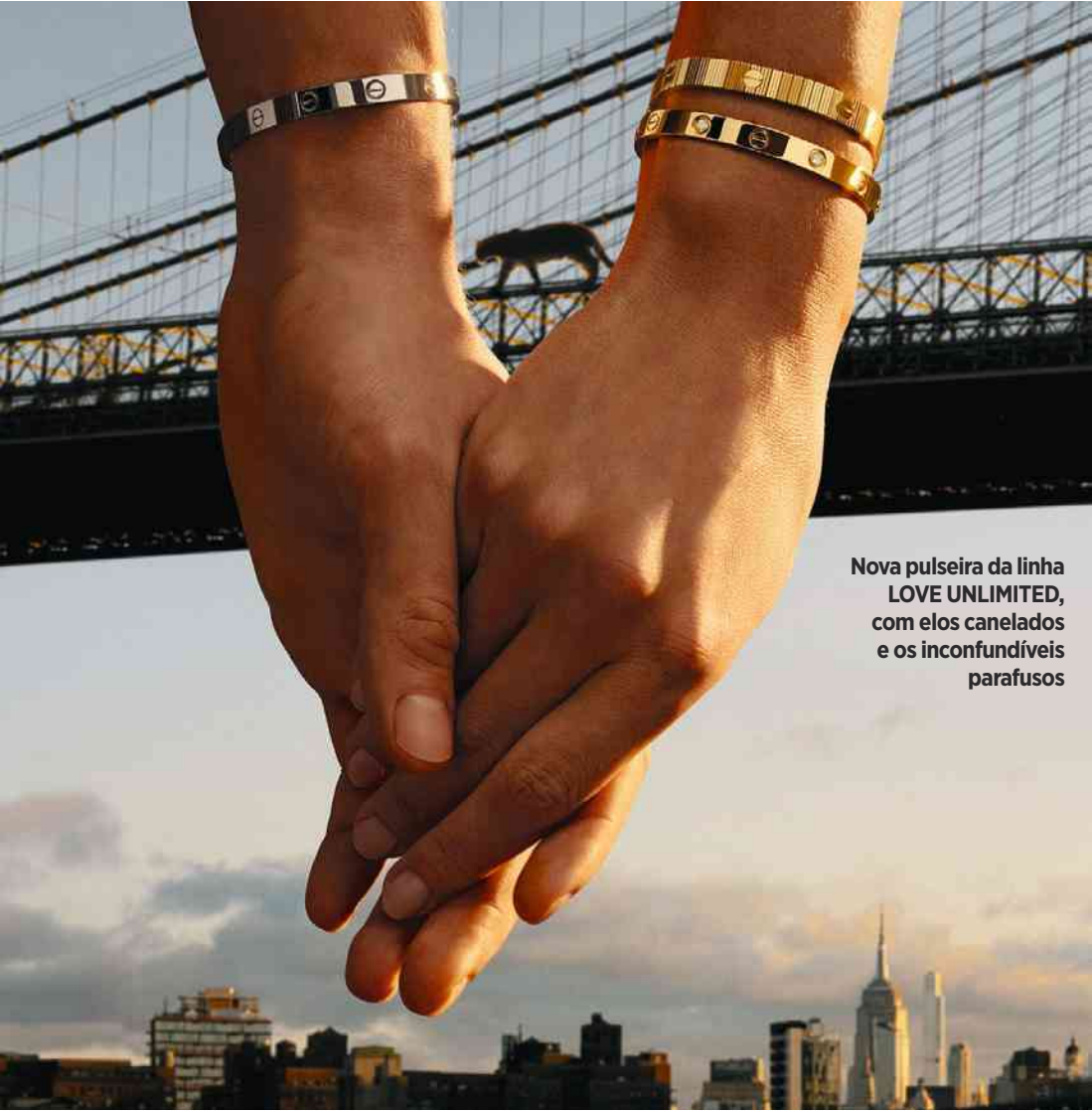
Mais de meio século depois, a maison francesa escreve um novo capítulo dessa história com a coleção LOVE Unlimited. A linha revisita o ícone com uma arquitetura de elos canelados e os inconfundíveis parafusos LOVE, todos polidos à mão para capturar a luz em cada gesto. O design combina a precisão das proporções com a suavidade das curvas — um equilíbrio entre força e delicadeza.

Composta por cerca de 200 peças miniaturizadas, a nova

pulseira é flexível e tátil, abraçando o pulso com naturalidade. O fecho invisível, patenteado pela Cartier, desaparece na estrutura como se fosse apenas uma fita de ouro. Disponível em ouro amarelo, branco ou rosa, ela pode ser usada sozinha ou combinada em pares e múltiplos, refletindo o conceito de um amor que se multiplica, conecta e se renova.

O lançamento inclui também um anel que traduz, em escala menor, a mesma elegância e fluidez da pulseira. Foram necessários mais de cem protótipos até chegar ao equilíbrio perfeito entre conforto, brilho e leveza.

Com LOVE Unlimited, a Cartier reafirma seu poder de reinvenção: tradição e inovação caminham juntas em uma celebração da visão libertadora do amor — um sentimento infinito, que continua a inspirar a criação e a vida.



Nova pulseira da linha LOVE UNLIMITED, com elos canelados e os inconfundíveis parafusos

Relógio com espírito de aventura

Cartier, símbolo de tradição e inovação na relojoaria, apresenta duas novas versões do icônico relógio Santos de Cartier, reafirmando seu compromisso com o design arrojado e a excelência técnica. Inspirada pelo espírito da aviação e da aventura, a coleção aposta em detalhes inovadores que fazem toda a diferença.

A primeira novidade é o Santos de Cartier em titânio, material reconhecido por sua leveza e resistência. O modelo é 43% mais leve e 1,5 vez mais duro que o aço, proporcionando conforto excepcional sem abrir mão da durabilidade. O visual sofisticado é realçado pelo preto do espinélio na coroa de corda e pelo acabamento fosco integral.

Já o modelo em aço com mostrador preto aposta no visual esportivo e contemporâneo. O destaque fica por conta dos ponteiros revestidos com Super-Luminova® verde fluorescente, tecnologia que ilumina o mostrador e garante excelente legibilidade em qualquer situação. A



Novos modelos icônicos de Cartier, Santos em Aço com Mostrador em Preto (à esq.) e Santos Titanium (à dir.)



coroa, em formato heptagonal, é adornada por um espinélio azul sintético facetado, reforçando o caráter sofisticado da peça.

Com essas novidades, a Cartier reforça o legado do Santos,

um dos relógios mais emblemáticos da relojoaria mundial, e mostra que tradição e ousadia andam lado a lado no pulso de quem não abre mão de estilo, inovação e espírito aventureiro.

C de Cartier Mini Tote Bag com a alça bordada



Bolsa minimalista e elegante

A Cartier amplia sua coleção de acessórios de luxo com o lançamento da C de Cartier Mini Tote Bag, peça que alia tradição e modernidade em cada detalhe. Estampada com as icônicas iniciais da Maison, a nova bolsa aposta em um estilo minimalista e elegante, com formato tote, alça tiracolo ajustável e duas alças de mão, ideal para quem busca praticidade sem abrir mão do requinte.

Disponível em tons suaves como amarelo mimosa, verde sálvia, além de preto e branco sal, o modelo é confeccionado em couro de bezerro texturizado, garantindo sofisticação e resistência. O destaque fica

por conta do duplo C, símbolo gráfico criado em 1921 e parte do patrimônio visual da Cartier. A assinatura aparece bordada em metal dourado ou prateado no logo da peça, estilizada como uma verdadeira jóia.

Além da assinatura inconfundível, a C de Cartier Mini Tote Bag permite personalização: o verso da etiqueta pode receber as iniciais do proprietário, tornando cada acessório único. A bolsa pode ser usada tanto à mão quanto a tiracolo, graças à alça ajustável, que pode ser em couro liso ou totalmente bordada com o nome da Maison replicado infinitamente, para um toque extra de exclusividade.



São Paulo: Boutique Shopping Cidade Jardim - Boutique Shopping Iguatemi São Paulo
(11) 4380-0828

Cartier



Imagens mostram um dos criminosos sendo imobilizado por um homem, que lhe tomou a arma Reprodução Youtube Folha SP

ilustrada

EXPOSIÇÃO REVÊ A ARTE DE GRANDE OTHELO

Multiartista ganha retrospectiva no Itaú Cultural, em São Paulo B6

esporte

Corinthians vence Cruzeiro nos pênaltis e vai à final da Copa do Brasil A33

cotidiano

Verticalizada, Santos lidera em ilhas de calor no litoral de São Paulo A30

Ataque terrorista mata 15 e fere 40 na Austrália em celebração judaica

Pai e filho abriram fogo contra multidão em praia turística de Sydney

No pior ataque a tiros em décadas na Austrália, homens armados mataram ao menos 15 pessoas e feriram outras 40 durante a celebração judaica Hanukkah, na praia de Bondi, em Sydney, a mais famosa do país.

A polícia disse que os atiradores eram pai e filho. O primeiro foi morto, e o segundo, detido.

Investiga-se ainda a possibilidade de haver um terceiro atirador —um dos suspeitos seria conhecido das autoridades. Ao menos uma criança de 10 anos e um cidadão israelense de 87 morreram. O governo australiano trata o episódio como um ato terrorista. As identidades dos envolvidos não foi revelada.

“Foi um ato de maldade, antissemitismo e terrorismo que assola o coração da nação”, declarou o primeiro-ministro australiano, Anthony Albanese. “Vi gente com a cabeça explodida”, relatou o estudante brasileiro Daniel Silva Gonçalves, 19. “Todo mundo pensou que eram fogos de artifício.” **Mundo A25**

Financiamento dos EUA antecipa acordo por terras raras com Brasil

Apesar de os governos brasileiro e americano ainda não terem fechado um acordo sobre minerais críticos, duas mineradoras com projetos avançados de terras raras do Brasil já selaram contratos de financiamento que podem levar os EUA a ter vantagem no recebimento de suas produções.

Diminui-se assim, porém, o poder de barganha do Brasil, que abriga a terceira maior reserva do mundo. **Economia A16**

Kast vence Jara no 2º turno, e Chile volta à direita em versão trumpista

Confirmando as pesquisas, José Antonio Kast foi eleito presidente ao derrotar a governista de esquerda Jeannette Jara neste domingo. Com acenos a Trump, Kast será o nome mais à direita a comandar o Chile desde a ditadura de Pinochet. **Mundo A24**

Sylvia Colombo

Eleito não repetirá Bolsonaro ou Milei

Vitória de Kast é guinada chilena à direita, mas dificilmente significará ruptura institucional ou um modelo autoritário. **A24**

Carla Zambelli renuncia na Câmara, e Motta vai dar posse a suplente A8

Esquerda organiza atos em 21 capitais contra Congresso A10

entrevista da 2ª

JASON STANLEY
Filósofo americano

Brasil é líder na luta contra o fascismo

Para o autor do livro “Como Funciona o Fascismo”, o Brasil deu exemplo ao mandar “seu líder autoritário, Jair Bolsonaro, para a cadeia”. “E o mundo agora quer entender como o Brasil fez isso, como derrotou esse inimigo”, afirma. **A34**

EDITORIAIS A4

Obstáculos econômicos e políticos à queda dos juros Sobre decisão do BC.

Enxugando gelo nos Correios, com aval do contribuinte Acerca da estatal.



JHSF
SURPREENDENTE

BOA VISTA

ESTATES

NASCE UMA TRADIÇÃO

VEJA NAS PÁGS. A18 E A19.



EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Obstáculos econômicos e políticos à queda dos juros

Copom mantém Selic em 15% e deixa dúvida quanto ao início de redução; inflação fora da meta, recusa de Lula em ajustar as contas públicas e disputa eleitoral geram incerteza em torno da gestão monetária

O Banco Central estima que a inflação acumulada em 12 meses cairá até 3,2% —muito perto da meta oficial de 3%— em algum momento do segundo trimestre de 2027, momento que por ora é o horizonte relevante da política monetária, quando deve ser mais intenso o efeito da alta dos juros.

A projeção consta do comunicado em que o BC divulgou sua decisão de manter sua taxa, a Selic, em sufocantes 15% ao ano. Embora o IPCA pareça rumar para patamares confortáveis, as perspectivas de o país voltar a conviver com juros civilizados ainda estão nubladas por obstáculos econômicos e políticos.

Pelas projeções mais consensuais de analistas de mercado, coletadas em pesquisa do BC, deve

haver redução até agressiva da Selic em 2026 —o que, em tese, coincide com a conveniência governista em ano eleitoral. Seriam cinco cortes de 0,5 ponto percentual, a partir da segunda reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), em março, e mais um de 0,25 em dezembro.

Nesse cenário, a próxima administração do país assumirá em 2027 com juros de 12,25% anuais. Note-se que essa ainda será uma taxa muito elevadíssima, incompatível com crescimento sustentável e contaminada por problemas fiscais e incertezas diversas.

As expectativas do mercado para a evolução da inflação são menos otimistas que as do BC, apontando para um índice de 3,8% ao final de 2027. As medidas da inflação nos serviços, mais resis-

tente, ainda ficam em torno de 6% anuais, algumas em alta, ante um IPCA de 4,4% acumulado nos 12 meses até novembro.

Ou seja, alguns indicadores centrais para a política monetária ainda estão fora do lugar. Talvez por isso o comunicado da última reunião do Copom não tenha dado indícios claros de início do ciclo de reduções dos juros.

Por enquanto, segundo o próprio comando do BC, faltariam as condições necessárias para o começo do afrouxamento monetário. Ademais, há questões políticas que podem vir a ser consideradas empecilhos no caminho para taxas de juros mais baixas.

Após as eleições presidenciais, o vencedor, qualquer que seja ele, terá de enfrentar uma situação orçamentária difícilima, que

Caso os candidatos à Presidência não apresentem planos críveis de contenção de déficits e da dívida pública, maior será o risco de turbulência financeira, e tal hipótese de tensão no mercado pode fazer com que o BC venha a ser mais cauteloso

vai requerer medidas imediatas.

O resultado do pleito será decisivo para a formação das expectativas a respeito do destino econômico imediato do país. A esse respeito, restam evidentes sinais de que a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afetaria preços essenciais, como a taxa de câmbio —ao menos até este momento, em que o petista não demonstra nenhuma preocupação com o ajuste das contas públicas.

Caso os candidatos mais competitivos não apresentem planos críveis de contenção de déficits e da dívida, maior será o risco de turbulência financeira. A não ser que expectativas e inflação correntemente apontem clara tendência de queda, a hipótese de tensão no mercado pode fazer com que o BC venha a ser mais cauteloso.

Enxugando gelo nos Correios, com aval do contribuinte

Empréstimo articulado pelo governo Lula à estatal falimentar cai de R\$ 20 bi para R\$ 12 bi, mas operação continua dependendo da garantia do Tesouro; acredite quem quiser no plano de ajuste prometido

Diante do risco iminente de colapso dos Correios, com prejuízo acumulado de R\$ 6,1 bilhões nos primeiros nove meses deste 2025, o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) corre contra o tempo de para viabilizar um empréstimo de R\$ 12 bilhões de um consórcio de bancos à empresa estatal.

Cinco instituições —Banco do Brasil, Caixa, Bradesco, Itaú e Santander— acabam de apresentar proposta com juros entre 115% e 120% do CDI (até 18% ao ano atualmente). A operação, na prática, fica na conta do contribuinte, pois contará com garantia da União em caso de calote.

O pleito inicial dos defensores

dos Correios no governo era obter R\$ 20 bilhões, mas a primeira proposta recebida, com taxas elevadas (cerca de 136% do CDI), foi recusada pelo Tesouro Nacional. O valor foi então reduzido para viabilizar o acordo, em troca de um plano de reestruturação e cortes de custos.

Tudo isso era previsível desde o início do terceiro mandato de Lula. A resistência ideológica e corporativista da gestão petista ao modelo de eficiência privada, aliada à má qualidade da gestão da estatal, confirmou o desastre.

Após ter obtido lucro em anos anteriores, em 2023 os Correios registraram prejuízo de R\$ 597 milhões. Em 2024, o rombo mais

que quadruplicou e chegou a R\$ 2,6 bilhões, impulsionado por queda de receitas (especialmente encomendas internacionais), aumento de despesas com custeio e perdas judiciais.

Neste ano, a crise anunciada explodiu: prejuízo de R\$ 1,7 bilhão no primeiro trimestre, R\$ 4,3 bilhões no semestre e R\$ 6,1 bilhões até setembro —uma sequência de trimestres ruinosos que expõe ineficiência crônica.

Na teoria, o empréstimo de R\$ 12 bilhões será usado para bancar um projeto de reestruturação tardio e insuficiente. Com a contrapartida da garantia, a estatal deverá submeter ao governo um plano de reequilíbrio, com pres-

Existia uma alternativa viável —o plano de privatização do negócio de entregas e logística, com concessão dos serviços postais universais preservando sua natureza pública, elaborado pelo BNDES

tação de contas semestral.

Parâmetros divulgados incluem um novo programa de demissão voluntária para até 15 mil empregados e reformulação de cargos, salários e benefícios, além de corte de agências deficitárias. Acredite quem quiser.

Existia uma alternativa viável —o plano de privatização do negócio de entregas e logística, com concessão dos serviços postais universais preservando sua natureza pública, elaborado pelo BNDES no governo passado. Em vez disso, Lula prefere enterrar dinheiro público em um negócio inviável que, de mais estratégico, serve de cabide de emprego para apaniguados do partido.

FOLHA DE S.PAULO ★★

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

EDITOR-EXECUTIVO Vinicius Mota

CONSELHO EDITORIAL Candido Bracher, Demétrio Magnoli, Dora Kramer, Mônica Bergamo, Maria Alice Setubal (Neca), Oscar Vilhena, Paulo Junqueira Moll, Vera Iaconelli, Vinicius Mota, Wilson Gomes, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), Marcelo Benez (comercial), João Cestari (tecnologia), Alexandre Bonacio (financeiro, planejamento e novos negócios), Luciana Pandolfi (recursos humanos)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR BDO)

877.134 - Fechamento 1º Semestre de 2025

Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.

Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

João Montanaro



COLONISTAS

SÃO PAULO

Combate ao feminicídio precisa ser realista

Lygia Maria

Casos de feminicídio voltam a chocar o país. A reação é conhecida: discursos indignados e promessas mirabolantes. Lula fala em discutir com Congresso e STF a regulação de conteúdos misóginos na internet, e setores conservadores pedem penas mais duras. Falta, porém, realismo pragmático de longo prazo. Evidências e experiências internacionais indicam o caminho para conter a violência contra o sexo feminino. O Brasil já tem um bom sistema normativo nesse sentido, reconhecido internacionalmente. O problema inescapável é sua debilidade crônica na gestão de recursos escassos. Sim, o combate ao feminicídio, assim como a outras mazelas do país, passa pelo Orçamento público. Mas a es-

querda —que de fato reivindica ações comprovadamente eficazes— finge ignorar, por questões ideológicas, esse fator essencial. Não se trata apenas do que fazer, mas de como conseguir fazer. Relatório da ONU deste ano aponta as medidas para conter feminicídios: prevenção primária com educação; resposta ágil do sistema criminal, com unidades especializadas; abordagem multiagência entre polícia, saúde, assistência social e Justiça; coletas de dados e estatísticas a partir de monitoramento contínuo. Tais ações são necessárias porque o feminicídio é o ponto culminante de um processo gradual de violência doméstica. Mas o engessamento estrutural do Orçamento brasileiro —

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

alto peso de gastos obrigatórios, crescimento contínuo das despesas correntes e baixo espaço fiscal discricionário— afeta diretamente a capacidade do Estado de implementar tais políticas. Com grande parte do erário indo para custeio (salários, manutenção, aposentadorias) e benefícios sociais, resta pouca margem de manobra para programas transversais inovadores, que dependem de capacitação técnica, infraestrutura e tecnologia —é o mesmo mecanismo que mantém pífios os indicadores educacionais do país, por exemplo. Sem reformas profundas, como administrativa e previdenciária, o Brasil continuará preso neste ciclo pernicioso de mortes, indignação e promessas vazias.

Tensões no Supremo Tribunal Federal

Corte passou do combate à corrupção à defesa da democracia, e agora o tema começa a afetá-la diretamente

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante do MIT e da Universidade Yale (EUA)

Nas duas últimas décadas o Supremo sofreu transformações cruciais: passou do combate à corrupção à defesa da democracia; logrou fazer aliança tácita com o poder legislativo contra o poder executivo, para depois alinhar-se a este último; tem assumido paulatinamente perfil político e não judicial para o que contribuiu o padrão personalístico de nomeações sob os governos do PT e Bolsonaro. O protagonismo do STF no combate à corrupção consolidou-se a partir do mensalão e reflete sua jurisdição criminal. A inédita cobertura midiática e a visibilidade alcançada pelo relator, ministro Joaquim Barbosa, conferiram ao julgamento um caráter excepcional. Seu impacto, contudo, foi potencializado por três fatores. Primeiro, envolvia o governo Lula em seu primeiro mandato, invertendo o papel do PT de acusador a acusado. De ‘UDN de macacão’ (Bri-zola), passou a deslegitimar o tema como lawfare. Segundo, a corte era então majoritariamente composta por ministros indicados pelo próprio PT, o que reforçou seu perfil técnico e legitimidade das condenações. O relator do processo também fora nomeado pelo partido. Dos 37 denunciados, 25 foram condenados, e dois ex-presidentes da legenda perderam seus mandatos. A corrupção tornou-se a principal preocupação dos brasileiros, alimentando as mobilizações de 2013. A Lava Jato e o petróleo apresentaram o ápice desse ciclo, contribuindo para

uma “tempestade perfeita” que levou ao impeachment e à prisão de presidentes. O STF sustentou de forma ativa a agenda anticorrupção até o governo Bolsonaro, quando escolheu a batalha que passou a travar: da luta contra a corrupção para a defesa da democracia. Sob ataque do bolsonarismo, a corte se defrontou com uma ameaça existencial. E respondeu hiperbolicamente. Esta metamorfose implicou altos custos reputacionais. Nesse movimento, o que denominei “anistia judiciária” de Lula constituiu o primeiro passo. O segundo foi o brutal desmonte da Lava Jato e a anulação em massa de delações premiadas. Forjou-se, então, uma aliança tácita entre o STF e setores majoritários do Congresso, voltada à contenção do bolsonarismo e à responsabilização dos envolvidos no complô para um golpe. Sob Lula 3, essa convergência foi substituída por um novo alinhamento entre Executivo e STF. A conjuntura atual, porém, tensiona esse equilíbrio em pelo menos três frentes. Primeiro, a ameaça representada por Bolsonaro arrefeceu com o julgamento que culminou em sua prisão; somam-se a isso o recuo das sanções norte-americanas e a perda de centralidade do bolsonarismo como risco imediato. Segundo, o cenário eleitoral exacerba a polarização entre um Executivo hiperminoritário e um centrão cada vez mais assertivo, com disputas orçamentárias que refletem conflitos mais amplos entre os Poderes. Terceiro, escândalos de grande envergadura — INSS e Banco Master— atingem fortemente a reputação da corte e do governo. Como apontou Malu Gaspar, o argumento segundo o qual “investigar o Banco Master faz o fascismo voltar” perdeu totalmente sua força persuasiva. Há ineditismo duplo aqui: denúncias afetando o próprio Supremo e inversão do padrão técnico do mensalão. Já o INSS envolve, por meio de vínculos familiares, o próprio presidente.

Sob ataque do Bolsonarismo, a corte se defrontou com uma ameaça existencial. E respondeu hiperbolicamente. Esta metamorfose implicou altos custos reputacionais

BRASÍLIA

Difícil falar de amor

Ana Cristina Rosa

Eu pretendia falar de amor, mas a montoeira de crimes contra pessoas negras em Santa Catarina, o “estado mais branco do Brasil”, me levou a falar de ódio. Vejamos alguns fatos: Apesar de ter a menor população negra do país, Santa Catarina lidera as estatísticas de denúncias referentes à injúria racial (Anuário da Violência). A taxa de analfabetismo entre pessoas negras é o dobro da registrada entre pessoas brancas (Tribunal de Contas do Estado). Trabalhadores brancos têm rendimento médio mensal 25% superior ao de pretos e pardos (IBGE). A disparidade entre o tamanho da população e a quantidade de grupos neonazistas faz de SC o

estado que, proporcionalmente, abriga a maioria dos coletivos dessa natureza no território nacional. Eu poderia falar da miss discriminada e ofendida por ser negra. Ou do sujeito que ameaçou de morte uma mulher preta por andar na mesma calçada que ele, um branco. Ou da torcedora do Avaí Futebol Clube flagrada proferindo ofensas racistas e xenofóbicas contra torcedores do Remo. Contudo, vou me ater ao absurdo mais recente que se tem notícia: o fim das cotas étnico-raciais para pretos e pardos em universidades estaduais de Santa Catarina. A decisão da Assembleia Legislativa aplica-se a estudantes e à contratação de docentes, técnicos e outros profissionais. Tam-

bém impede as cotas nas instituições de ensino superior que recebam verbas públicas estaduais. Quem descumprir a regra fica sujeito a multa de R\$ 100 mil por edital publicado, além da perda de verbas públicas estaduais. Não é necessário notório saber jurídico para constatar que a proposição (que tramitou a toque de caixa, é bom dizer) contraria vários dispositivos instituídos nacionalmente para promover equidade racial. A vigência desse absurdo (que, a meu sentir, é inconstitucional) depende apenas da sanção do governador catarinense, um político que, a julgar pelas declarações públicas recentes, não pode ser classificado como antirracista. Difícil falar de amor.

RIO DE JANEIRO

Espólio como moeda de troco

Ruy Castro

A Warner —antiga Warner Brothers, o maior estúdio de Hollywood depois da MGM— está a leilão nos EUA entre forças poderosas. Seu controle por esta ou aquela tecno significará quase um monopólio da comunicação por quem se sair vencedor. O irônico é que em disputa está o presente da Warner —enorme, apesar da situação quase falimentar a que foi levada por fusões malsucedidas. Já seu passado, um patrimônio da cultura americana, será no máximo um bônus para quem levar a marca. É uma marca com 102 anos de história, desde que os irmãos Harry, Jack, Sam e Albert Warner se estabeleceram em Hollywood em 1923. Da Warner saíram “O Cantor de Jazz” (1927), primei-

ro filme sonoro da história, com Al Jolson, os caleidoscópicos musicais de Busby Berkeley, os filmes de gângsteres com James Cagney, Edward G. Robinson e Humphrey Bogart, a fabulosa linha de desenhos animados com destaque para Pernalonga, os capa-e-espada com Errol Flynn, grandes dramas com Bette Davis e Joan Crawford, os musicais de Doris Day e clássicos como “Relíquia Macabra” (1940), “Casablanca” (1942), “O Pirata Sangrento” (1952), “Juventude Transviada” (1955), “Rastros de Ódio” (1956), “Um Rosto na Multidão” (1957), “Clamor do Sexo” (1962), “My Fair Lady” (1963), “Uma Rajada de Balas” (1967). Como todos os estúdios, a Warner sangrou com a perda do mo-

nopólio de produção e exibição e teve de se diversificar. Investiu em televisão, jornalismo, futebol (dela nasceu o Cosmos, que contratou Pelé para o futebol americano) e música popular (com a gravadora WEA, que teve sob contrato João Gilberto, Tom Jobim, Gilberto Gil e um escrete de artistas internacionais). Em tudo, o empenho pela qualidade. Mas as atuais tecnologias são outra coisa. A Warner há muito não é mais dos Warners, que, um dia milionários, hoje seriam pobretões diante dos magnatas das tecnos. Quem vencer a guerra pela Warner ganhará de lambujem um espólio que, já tendo sido a sua razão de existir, será apenas moeda de troco para seus novos donos.

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Expansão do feminicídio e combate às facções: um paralelo necessário

Penas rígidas e sistema processual veloz funcionam para reafirmar valores na sociedade, não para criá-los; lei deve acompanhar outras instâncias sociais

Alberto Zacharias Toron

Advogado, é mestre e doutor em direito (USP), especialista em direito constitucional (Universidade de Salamanca), professor de direito processual penal (Faap) e conselheiro estadual da OAB-SP

Em sua consciência, ninguém advoga qualquer leniência com o crime e muito menos com facções criminosas ou com o feminicídio, mas é importante perguntarmos sobre quais os meios eficazes para a contenção desses delitos.

A resposta do Estado tem sido uma constante e decepcionante: novos crimes e aumento de penas. Isso nos lembra a velha crítica de Foucault (“vigiar e punir”) ao médico que, para todos os males, tinha o mesmo remédio.

Cornelius Prittwitz, professor de criminologia na Universidade Goethe de Frankfurt, adverte em suas aulas que não há uma relação de causa e efeito tão simplista como quem aumenta a dose de um analgésico para diminuir a dor e pensa que, criando novos crimes e aumentando as penas dos já existentes, além de agravar o cumprimento destas, irá diminuir a criminalidade.

O Brasil já tentou isso com a Lei dos Crimes Hediondos, em 1990, e não funcionou. Repetiu a dose com o feminicídio. E é frustrante.

Os estupros e sequestros não diminuíram com o aumento das penas e a imposição do regime integral fechado para o seu cumprimento. Mas a atuação mais eficaz da polícia praticamente extinguiu a indústria de sequestros com reféns no cativeiro, que teve seu auge nos anos 1990. O número de estupros, a despeito da lei mais dura, até aumentou. Até mesmo o crime de feminicídio, cujas penas foram elevadas para os patamares de 20 a 40 anos de reclusão —e o projeto de lei do deputado Guilherme Derri-te (PL-SP) invoca como modelo—, segue em tenebrosa alta. Vale dizer: a lei, por si só, atua com escassa eficácia se não for acompanhada da ação de outras instâncias sociais (família, escola, trabalho, religião etc.)

e estatais (polícia, acesso ao ensino, condições de habitação etc.).

Perceber que vivemos numa sociedade que apresenta, como dizia o sociólogo alemão Ralf Dahrendorf, uma alarmante “incapacidade em criar lealdade a seus valores básicos” (“Lei e Ordem”, ed. Instituto Tancredo Neves), e não será o sistema penal que irá instaurá-los ou restaurá-los, é uma necessidade. As penas e o sistema processual veloz funcionam para reafirmar valores, mas não para criá-los.

No caso do feminicídio, em que afloram sentimentos machistas arraigados, associados à brutalidade e covardia, torpeza e outras vilanias, a lei mais dura não o conteve. A pergunta é: cairemos na ilusão de que conterà a ação das facções criminosas?

O jurista Miguel Reale Jr., com sua vasta experiencia na docência de nível superior (USP) e ex-ministro da Justiça (governo

No caso do feminicídio, em que afloram sentimentos machistas arraigados, associados à brutalidade e covardia, torpeza e outras vilanias, a lei mais dura não o conteve. A pergunta é: cairemos na ilusão de que conterà a ação das facções criminosas?

FHC), em instigante artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo (“Populismo penal”, 6/12), constata que a certeza da punição e a eficiência das investigações são centrais no combate ao crime. Mais: é “fundamental a reocupação das áreas abandonadas pelo poder estatal e a implementação de política criminal de cunho social que promova solidariedade, bem como confiança na administração pública”.

A resposta dada pelo projeto de Derri-te, ainda que sensivelmente melhorada pelo trabalho do revisor, o senador Alessandro Vieira (MDB-SE), apresenta um receituário bastante conhecido: cria novos crimes e impõe penas altíssimas. É uma espécie de “modelo-álibi” que exonera o legislador do dever de ir além da solução mais simplista e mais à mão, com a utilização do recurso ao incremento das penas.

Nesta Folha (22/11), o colunista Elio Gaspari levanta uma hipótese interessante sobre o significado da inteligência no combate ao crime: “Admitindo-se que cada um dos 121 ‘suspeitos’ vitimados na matança da Penha fosse um bandido que movia R\$ 10 milhões por ano, aqueles perigosos cidadãos traficavam R\$ 1,21 bilhão por ano. Numa de suas tacadas, o banco Master, de Daniel Vercaro, enfiou R\$ 2,6 bilhões de papéis podres na Rioprevidência”. E, com fina ironia, conclui: “O governo de Cláudio Castro pode se orgulhar de sua boa pontaria”.

Tributar nuvens como na Terra

Com estruturas que espraiam bens, direitos e ativos pelo mundo, plataformas digitais escapam à boa parte dos tributos aplicados aos negócios tradicionais

José Roberto Afonso e Celso de Barros Correia Neto

Economista, é professor do IDP e da Universidade de Lisboa; diretor da Fibe (Fórum de Integração Brasil Europa)

Advogado, é doutor em direito (USP) e professor do IDP

A tributação na era digital trouxe obstáculos importantes à soberania dos fiscos. Ao alterar radicalmente a maneira como riquezas são geradas e repartidas no mundo, com consequências relevantes em termos de concorrência, organização do trabalho e distribuição de renda, ampliou também os desafios à cobrança justa e eficiente de impostos.

As implicações são muitas, inclusive no plano da tributação internacional. Oportunidades imensas são abertas para a administração tributária, que tem acesso a dados como poucos na sociedade e, assim, pode tornar a fiscalização muito mais moderna e eficiente. Desafios complexos surgem para a política tributária porque balançam bases e fórmulas tradicionais, como negócios e lucros voando pelas nuvens entre países e continentes

e relações de trabalho cada vez mais fragmentadas, flexíveis e precárias, distantes das relações de emprego tradicionais.

Os conglomerados digitais assumiram poderes econômico e político superior a muitas nações. Exercem influência sobre a maneira como nos comunicamos, trabalhamos, nos guiamos no trânsito, nos alimentamos, fazemos negócios e pensamos. Estima-se que o valor de mercado das big techs ultrapasse a cifra de US\$ 20 trilhões.

Mas o tamanho dos negócios digitais não é proporcional ao volume de receitas tributárias geradas. Ao contrário, com estruturas de planejamento tributário que espraiam bens, direitos e ativos por todo o globo, as plataformas digitais escapam à boa parte dos tributos aplicados aos negócios tradicionais. Mesmo nos países em que se adotaram modalida-

des específicas de imposto sobre serviços digitais, unilateralmente, os resultados não são animadores. Na Europa, por exemplo, nos países em que é mais arrecadado, o valor recolhido com esse tributo mal chega ao que o Brasil obtém com o imposto territorial rural (algo como 0,03% do PIB), o nosso imposto de menor receita.

Num quadro em que os negócios se articulam em dimensão transnacional, também os sistemas tributários precisam se estruturar nas mesmas bases, valendo-se das novas ferramentas digitais de que hoje os fiscos já dispõem. Diálogos e coordenação internacional nunca foram mais necessários. Mas os tímidos consensos alcançados no âmbito da OCDE e as promessas de atuação multilateral estão longe de se tornar realidade. Encontraram sólidos obstáculos na reação norte-americana.

É preciso uma estratégia nacional com competência técnica e coragem política. O Brasil, mais uma vez, pode fazer diferente. Tem instrumentos normativos e experiência

Não basta reclamar ou esperar que os donos do mundo mudem. É preciso uma estratégia nacional com competência técnica e coragem política. O Brasil, mais uma vez, pode fazer diferente. Tem instrumentos normativos e experiência. As fórmulas e técnicas são várias: Imposto de Renda retido na fonte, inclusive sobre não residentes, substituição tributária no indireto, IOF, CPMF e Cide são caminhos já testados no país.

A Receita Federal do Brasil foi das primeiras a receber declarações de IR em meio eletrônico e pela internet. Prefeituras inovaram ao adotar código de barras em carnê de imposto predial e criar a nota fiscal eletrônica. Para lidar com negócios do exterior, a nossa sistemática de preço-transferência era diferente da aplicada nas economias avançadas.

É possível construir arranjos simples, previsíveis e isonômicos que confirmam às plataformas e corporações digitais que operam no país tratamento tributário compatível com o dos demais agentes econômicos —nem mais, nem menos. Ninguém pode escapar à responsabilidade de contribuir com o financiamento do setor público, na medida de sua capacidade econômica.

Democracia também requer impostos cobrados com justiça, eficiência e soberania.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Segurança

“Datafolha: Atrás de saúde, segurança supera economia e vira principal problema do país para 16% da população” (Cotidiano, 13/12). Não existe qualquer chance de prosperidade sem segurança. Sem segurança, não há nem saúde ou educação decente. Não há liberdade de ir e vir. Falta mais pressão por parte da população para que tenhamos leis mais severas.

Mayke Rocha (São Paulo, SP)



Tantos problemas graves a serem resolvidos para melhoria da sociedade, e o Congresso fica atrás de anistia para Bolsonaro e seus amigos. Temos o pior Congresso da história do país.

João Batista de Junior (Jundiaí, SP)



Uma das soluções para diminuir a violência e a insegurança dos cidadãos é investir maciçamente na polícia de investigação, seja em aumento de efetivo, seja em tecnologia. Com isso, a apuração bem-feita vai direto à raiz, no cerne das organizações criminosas e não no varejo, em operações pontuais que, na verdade, são mais cinematográficas do que efetivas.

Alex Sgobin (Campinas, SP)

Poderes

“Com disputa entre Poderes, Brasil vive baderna institucional” (Ilustríssima, 13/12). É uma pena tudo isso que o Brasil passa sem um equilíbrio dos Poderes.

Alfredo Amã Rico Hertzog (São Paulo, SP)



A maior imoralidade que existe no Brasil é a fortuna gasta com o fundo partidário e a fortuna eleitoral. Por causa dele é muito difícil a renovação do Parlamento.

Ademar Adams (Cuiabá, MT)



Uma análise para ser bebida a conta-gotas! Hábil articulação de ideias e interpretação de conjuntura.

Marcela Ferreira (São Paulo, SP)



Análise totalmente enviesada, que tenta eximir o atual Executivo pelo mau desempenho econômico e dificuldades de interação com o Congresso.

André Silva de Oliveira (Belém, PA)



Policiais durante operação policial na Vila Cruzeiro, no complexo de favelas da Penha, zona norte do Rio, em outubro Eduardo Anizelli - 28.out.25/Folhapress

Banco Master

“Contrato do Master com escritório da família de Moraes revelado por jornal tem valor acima da prática do mercado, dizem advogados” (Mercado, 13/12). Tem que ser muito bem investigado.

Valdicilia Tozzi de Lucena (São Paulo, SP)



Pode não ser ilegal. Porém, talvez seja imoral, o que é tão ruim quanto.

João Pinheiro (São Paulo, SP)

Ataque em Sydney

“Ataque terrorista em praia de Sydney mata 16 e fere 40 durante celebração judaica” (Mundo, 14/12). O atentado ocorrido durante uma celebração de Chanucá na Austrália, neste domingo (14), é mais um retrato perturbador da inversão de valores que assola o mundo. Uma festa de luz, memória e esperança transformada em cenário de ódio e morte. Até quando o antissemitismo será relativizado? Até quando o ódio gratuito será tolerado? Silenciar diante disso é compactuar.

Eliahu Hasky (Rio de Janeiro, RJ)

Falta de luz

“Enel tem pior desempenho entre distribuidoras de SP após temporais” (Cotidiano, 13/12). Se a concessionária atende a uma área com maior complexidade, a Enel deveria ter muito mais e melhores recursos para lidar com adversidades, especialmente quando se tratar das climáticas, cuja frequência tende a ser cada vez maior.

Sonia Rocha Marques (São Paulo, SP)

Violência contra mulher

“O ativismo feminista digital saiu do sofá” (Opinião, 13/12). Eu também me senti assim caminhando com centenas de mulheres, unidas para acabar com essa caça.

Regina Célia Baldin (Ribeirão Preto, SP)

Música brasileira

“Esculturas de gelo” (Ruy Castro, 13/12). Nara [Leão] foi minha primeira paixão musical. Uma voz delicada, uma sensibilidade sofisticadíssima na escolha de seu repertório, uma mulher que, atrás da aparente timidez, escondia uma personalidade forte de quem sabia o que queria.

Herbert Luiz B. Ferreira (Manaus, AM)



Uma gravação jamais substitui a apresentação ao vivo. Serve mais como uma recordação, uma lembrança para aqueles que estiveram presentes naquele tempo. Talvez hoje, com a evolução dos equipamentos, a gravação ganhe um outro status. O mesmo vale para aqueles que estiveram nas partidas de futebol até os anos 70.

Fernanda Stefani (Belém, PA)

Inteligência artificial

“E se aposta na inteligência artificial estiver errada?” (Ronaldo Lemos, 14/12). Grupos bilionários têm dinheiro de sobra para apostar. Enquanto isso, pessoas morrem por falta de água potável ou medicamentos elementares.

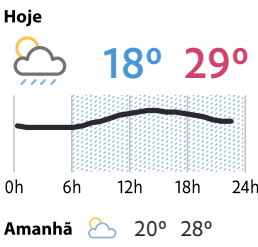
Ricardo Rago (Cambuí, MG)

Boas festas

A Folha agradece e retribui os votos de boas festas recebidos de Rodrigues Mac Dowell Gasparian, Bottini e Tamasauskas Advogados e José Ribamar Pinheiro Filho.

ATMOSFERA

São Paulo



Hoje	Rio	Brasília	Ribeirão
18° 29°	24° 35°	19° 28°	21° 29°

Amanhã	Rio	Brasília	Ribeirão
20° 28°	24° 36°	19° 28°	21° 29°

Fonte: www.climatempo.com.br

VAGAS DE ESTÁGIO

O QUÊ Ação itinerante do CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) em parceria com o Metrô de São Paulo e com a CPTM estará em estações nesta semana. Jovens e estudantes poderão se cadastrar em vagas e tirar dúvidas sobre o mercado de trabalho. Para ser atendido, é preciso levar RG e CPF.

ONDE

15.DEZ (SEGUNDA-FEIRA)
Metrô – estação Tatuapé (linha 3-vermelha).

16.DEZ (TERÇA-FEIRA)

Metrô – estação Ana Rosa (linhas 1-azul e 2-verde);
CPTM – estação Brás (linhas 7-rubi, 10-turquesa, 11-coral e 12-safira).

17.DEZ (QUARTA-FEIRA) E 19.DEZ (SEXTA-FEIRA)

Metrô – estação Ana Rosa (linhas 1-azul e 2-verde).

QUANDO Gratuito, o atendimento será das 11h às 15h.

COMUNIDADE TODAS

O QUÊ Nesta segunda-feira (15), as leitoras da Comunidade Todas no WhatsApp se encontram para debater “Uma Delicada Coleção de Ausências”, livro de Aline Bei lançado neste ano. O grupo de discussão virtual acontece às 18h e contará com a participação da autora. Interessadas em fazer parte da comunidade podem se inscrever por meio de formulário disponível em folha.com/cdt6wj4r/.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 15.DEZ.1925



Vendeiro na Mooca tenta acalmar rixa sobre Mussolini e é agredido

Em uma venda na rua da Mooca, na zona leste de São Paulo, dois italianos travaram uma acalorada discussão sobre a personalidade do primeiro-ministro daquele país europeu, Benito Mussolini. A rixa estava tão inflamada que a situação se encaminhava para o início de uma briga com agressões físicas. Nessa altura, o proprietário do estabelecimento aconselhou os dois a não perderem a calma. Entretanto, um deles não gostou da intromissão e agrediu o vendeiro com uma cadeira. Com ferimentos leves, o dono da venda foi medicado no pronto-socorro, e o comissário da polícia de plantão na Central abriu um inquérito.

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA	R\$ 29,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM	R\$ 49,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA	ASSINATURA MENSAL*	
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
SP	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 204,90
MG, PR e RJ	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 209,90
DF e SC	R\$ 8,90	R\$ 11	R\$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R\$ 9,90	R\$ 12	R\$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R\$ 14,90	R\$ 15,50	R\$ 361,90
Outros estados	R\$ 15,90	R\$ 16,50	R\$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN

ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE

(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Tiro no pé

Líderes de esquerda presentes na Paulista se dividiram sobre a estratégia de embate frontal com a Câmara e Hugo Motta. Para parte deles, generalizar com o slogan “Congresso inimigo do povo” joga o centrão nas mãos da oposição e estimula reação do presidente da Casa. As críticas mais pesadas ficaram a cargo de ativistas. O casal Boulos simbolizou essa divisão. Enquanto o ministro economizou nas ofensas pessoais, sua mulher, Natalia Szermeta, ligada ao MTST e candidata a deputada, puxou vaia a Motta.

SUJEITO OCULTO Pré-candidato (ao menos em tese) a presidente, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) foi ignorado nos discursos e cartazes no protesto da esquerda na Paulista. É um sinal, disseram pessoas presentes à manifestação, que ele não é levado a sério como candidato, nem visto como uma ameaça real —diferente, por exemplo, do governador Tarcísio de Freitas, que foi um dos principais alvos do ato.

REPRISE Os deputados José Guimarães (PT-CE), Jandira Feghali (PCdoB-RJ) e Fernanda Melchionna (PSOL-RS) postaram vídeos antigos de protestos em Salvador como se fossem deste domingo (14). As imagens são da manifestação de 21 de setembro contra a PEC da Blindagem, que foi maior e teve participações de artistas como Daniela Mercury e Wagner Moura. Procurados, os três reconheceram o erro e apagaram as postagens.

EU TENHO QUE IR EMBORA O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, confirmou ao PAINEL que pretende deixar o cargo no início de 2026. “Deve ser um pouco antes de março”, afirmou, durante a inauguração do SBT News, em SP, na sexta (12). Bem-humorado, cantou a marchinha que diz: “ai, ai, ai, ai, tá chegando a hora...”. Ele resiste a ser candidato ao governo de SP ou Senado e quer atuar na reeleição de Lula.

NÃO... Moradores do bairro de Campos Elíseos, no centro de SP, enviaram à prefeitura abaixo-assinado contra o projeto de instalação na região do Teatro de Contêiner, que foi despejado da região da Luz. O principal ponto de discórdia é o fato de o novo local ficar em uma praça pública, sem muros, o que poderia atrair viciados em crack.

...NO MEU QUINTAL “Teme-se que a referida praça venha a atrair adictos, especialmente em período noturno”, afirma a petição, que reuniu mais de mil assinaturas. Em reunião na última quinta (11), a gestão Ricardo Nunes (MDB) disse que adotou medidas de segurança para o local.

Com Danielle Brant, Artur Búrigo e João Pedro Pitombo

Cláudio



A deputada Carla Zambelli (PL-SP), que renunciou neste domingo ao seu mandato, discursa durante sessão da CPMI do 8 de Janeiro, realizada no Congresso Nacional em 2023
Lucio Tavora - 18.out.23/Xinhua

Carla Zambelli renuncia a cargo de deputada, e Motta vai dar posse a suplente

Decisão foi articulada com a cúpula da Câmara após plenário da Casa salvar mandato da parlamentar, contra determinação do Supremo

Lucas Marchesini

BRASÍLIA A deputada Carla Zambelli (PL-SP) comunicou à Câmara a decisão de renunciar ao cargo neste domingo (14). O presidente da Casa, Hugo Motta (Republicanos-PB), informou que dará posse ao suplente da parlamentar, Adilson Barroso (PL-SP).

A decisão de Zambelli foi parte de solução política articulada com a cúpula da Câmara depois que o plenário rejeitou a cassação da parlamentar, condenada à prisão pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Na última sexta-feira (12), a corte ordenou que Motta tirasse o mandato de Zambelli.

A Folha apurou que a negociação foi feita por Motta e aliados, em nome da Câmara, com a família de Zambelli, advogados e o deputado Cabo Gilberto (PL-PB), próximo da parlamentar e do presidente da Câmara.

A deputada escreveu uma carta para falar sobre a decisão. Nela, diz que “não existem provas jurídicas aptas a sustentar a perda do meu mandato, tampouco elementos capazes de embasar qualquer condenação”.

Ela defendeu a posição da Câmara de não caça-la “respeitando a soberania do voto e o devido processo legal”. Em uma crítica ao Judiciário, ela diz que a decisão do STF de anular a sessão que votou sua cassação “permanecerá como referência institucional, nas situações em que se discuta a preservação do mandato popular frente a avanços que extrapolem os limites constitucionais”.

Também justificou a renúncia dizendo que com isso, fica registrado “na História que, mesmo

sem provas reconhecidas pelo Parlamento, a vontade de um outro Poder se sobrepôs à vontade popular”.

Em nota, a defesa de Zambelli afirmou que “a renúncia da deputada Carla Zambelli foi uma decisão técnica e juridicamente orientada, não um ato emocional”. “O Plenário da Câmara dos Deputados optou por não cassar o mandato, o que caracteriza vitória institucional no âmbito do Poder Legislativo”, continuou.

“A opção pela renúncia, adotada por boa-fé, preserva direitos, fortalece sua posição no processo de extradição em curso no exterior e, ao mesmo tempo, contribui para reduzir a tensão institucional entre os Poderes, evitando o agravamento de um conflito de natureza constitucional”, diz.

Deputados afirmam que a renúncia evita o prolongamento da crise com o STF, uma vez que a ordem do tribunal perde seu objeto. Além disso, oferece a Zambelli e ao PL o discurso de que ela tomou a decisão por conta própria, sem se submeter ao tribunal.

O líder do PL, Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), disse que a renúncia “foi uma decisão estratégica diante de uma decisão vergonhosa do STF, que ignorou o devido processo legal e avançou sobre garantias constitucionais básicas”. Ele disse também que reforça a defesa contra sua extradição.

“Isso não é fuga. É cálculo jurídico em um ambiente de exceção”, escreveu Sóstenes. Ele acrescentou que Zambelli amplia suas possibilidades de defesa e “evita os efeitos mais graves de um julgamento claramente politizado”.

Zambelli foi condenada em

maio à perda de mandato e a dez anos de prisão por invadir o sistema do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) com ajuda do hacker Walter Delgatti Neto, também condenado. Ela está presa em Roma, na Itália, para onde fugiu.

O STF determinou que ela cumpra pena no Brasil. O pedido de extradição deve ser analisado pela Justiça italiana na próxima quinta (18). Se for extraditada, ela deve ser levada para a Penitenciária Feminina do Distrito Federal, conhecido como Colmeia.

Na madrugada de quinta-feira (11), o plenário da Câmara dos Deputados havia desafiado a determinação do STF, rejeitando a cassação do mandato de Zambelli.

A decisão foi vista como uma derrota de Motta, que havia decidido levar a votação a plenário com a expectativa de que ela fosse cassada. A ausência de parlamentares do centrão na sessão foi essencial para que ela preservasse o mandato na votação.

Motta havia dito inicialmente que a mesa diretora da Câmara homologaria a ordem do STF, mas recuou após pressão do PL e mandou o caso para a Comissão de Constituição e Justiça em junho. O STF, porém, decidiu que a Câmara era obrigada a homologar a perda do mandato, o que deixou Motta em um impasse, resolvido agora com a renúncia.

Restam para Motta os casos dos deputados Alexandre Ramagem (PL-RJ), que fugiu para os EUA após ser condenado pelo STF, e do deputado Eduardo Bolsonaro, que abandonou o cargo para trabalhar por sanções dos EUA contra a condenação de seu pai, Jair Bolsonaro, pelo Supremo.

Suplente de Zambelli elogia renúncia e promete mandato de continuidade

Adilson Barroso tinha tomado posse em 2023 e até recentemente exercia mandato

Renata Galf

SÃO PAULO Após a renúncia da deputada federal Carla Zambelli (PL-SP) neste domingo (14), seu suplente, Adilson Barroso (PL-SP), elogiou o ato da parlamentar, afirmando que com isso o partido terá mais deputados ativos no Congresso Nacional.

“Ela teve uma consciência muito boa quando resolveu pôr fim nisso tudo e renunciar ao mandato. Ela está de parabéns. Vou dar continuidade ao mandato dela, ela pode contar comigo porque nós defendemos a mesma coisa”, disse à *Folha*.

Adilson afirma acreditar que Zambelli não quis complicar as coisas e que teria visto que “não tinha necessidade nenhuma de ficar segurando a vaga sem poder estar atuando” e que ela “fez um papel muito bonito”.

Questionado também sobre a votação no plenário da Câmara dos Deputados que manteve o mandato de Zambelli, ele diz que ela se explica pela revolta dos de-

putados com o que ele chamou de perseguição política e de interferência do Judiciário.

“Mas salvar o quê? [A votação] salva ela, mas ela não tem como votar, como mandar emenda para ajudar os municípios, não tem direito nenhum político, gabinete fica vago de deputado.”

Adilson Barroso tinha tomado posse em fevereiro de 2023 e exercia mandato de deputado até há algumas semanas, quando Guilherme Derrite, que estava licenciado como secretário do governo de Tarcísio de Freitas, voltou para a cadeia na Câmara dos Deputados, o que Adilson disse ter sido uma surpresa.

Neste cenário, ele destaca que, na prática, ele estará apenas passando de um gabinete para outro.

Natural de Minas Gerais, Adilson nasceu em 1964. Ex-presidente do Patriota, ele acabou afastado do comando da sigla pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) em 2021. À época ele tentava filiar o então presidente Jair Bolsonaro, que estava sem partido, para a



Adilson Barroso (PL-SP), suplente de Carla Zambelli (PL-SP), discursa na Câmara

Bruno Spada - 24.set.25/Divulgação Câmara

disputa das eleições de 2022. Ala contrária à entrada da família Bolsonaro na sigla acusava Adilson de descumprir o estatuto.

Ele concorreu pelo PL, tendo recebido 62 mil votos. Já tinha disputado o cargo em São Paulo em 2018 e 2014, sem sucesso. Em 2016, foi eleito vereador de Barreira (SP), município do qual foi vice-prefeito. Em 2002 foi eleito deputado estadual em São Paulo.

Aliado de Bolsonaro, em 2023, logo após o fim do primeiro julgamento que declarou o político inelegível, Adilson protocolou um projeto de lei para anistiá-lo.

Ao ser questionado sobre o PL da Dosimetria, Adilson disse que a proposta é revoltante e que seu voto seria pela anistia ampla. “Mas quem não tem cão, caça com gato, né? Não deu para vir a anistia, então vamos com a dosimetria”, ponderou, acrescentando que seguirá buscando o perdão ao ex-presidente.

“A gente vai estar brigando por ela [anistia] o tempo todo, o ano todo, a vida toda, porque a gente não acha correto as injustiças que foram cometidas”, disse.

Sobre Zambelli, ele diz ter visto exagero nas condenações contra a deputada e defendeu a postura dela no episódio da perseguição com a arma na véspera da eleição em 2022, argumentando que ela pode ter sentido algum medo e que arma é para usar “quando a gente se sente acuado”.

ESTE É O NÚMERO DE NOVOS MERCADOS QUE O BRASIL ABRIU NO MUNDO.

Porque o Brasil é uma mistura de coragem e talento que não cabe em um mapa.

Quer conquistar o mundo? Vamos juntos!

Saiba mais em apexbrasil.com.br

US\$ 1 TRILHÃO

EXPORTADOS EM TRÊS ANOS (2023-2025)

Nossas empresas viram seus produtos alcançarem novos voos.

Produtos brasileiros chegaram a novos lugares.

Novas oportunidades que cruzam fronteiras.

apexBrasil

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

GOVERNO DO BRASIL DO LADO DO POVO BRASILEIRO

política



Janaina Quinet/Reuters

Esquerda vai às ruas contra Congresso em atos menores que os de setembro

Protestos contra o PL da Dosimetria, em ao menos 21 capitais, foram convocados pelas frentes Povo Sem Medo e Brasil Popular com apoio de partidos e artistas

João Pedro Pitombo, Yuri Eiras e Juliana Arreguy

SALVADOR, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO E BRASÍLIA Manifestantes de esquerda foram às ruas neste domingo (14) para protestar contra a aprovação na Câmara dos Deputados do PL da Dosimetria, projeto que reduz as penas dos condenados por tentativa de golpe de Estado, incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

As manifestações no Rio de Janeiro e São Paulo começaram por volta das 14h com público visivelmente menor do que nos atos de 21 de setembro, contra a PEC da Blindagem, que reuniram cerca de 40 mil pessoas cada um.

Segundo levantamento realizado pelo Monitor do Debate Político e pela ONG More in Common, o ato deste domingo em São Paulo contou com um pico de cerca de 13,7 mil pessoas (com margem de erro de 12%) perto das 16h.

No Rio, a manifestação contou com forte presença de artistas, o que ajudou a atrair um público maior. Ainda assim, por volta das 17h, foram contabilizadas 18,9 mil pessoas presentes em Copacabana segundo a medição do monitor, menos da metade do público do protesto de setembro.

Os protestos aconteceram em ao menos 21 capitais. A expectativa dos organizadores era de atos em ao menos 49 cidades.

Na avenida Paulista, o carro de som se posicionou em frente ao Masp. Por volta das 16h, o protesto chegou a ocupar três quarteirões, entre a alameda Ministro Rocha Azevedo e a rua Pamplona. “Com esse Congresso não dá” e “sem anistia para golpistas de ontem e de hoje” foram algumas das frases estampadas em faixas carregadas pelos manifestantes.

O ministro da Secretaria-Geral, Guilherme Boulos, foi um dos



Zanone Fraissat/Folhapress



Sergio Lima/AFP



Josemar Gonçalves/Agência Enquadrar/Folhapress

1 O cantor Caetano Veloso acena do palco durante ato musical em Copacabana no Rio; **2** protesto na Avenida Paulista em São Paulo com faixa escrito “sem anistia”; **3** ato em Brasília também contra o Congresso e o PL da Dosimetria; **4** manifestação na orla de João Pessoa (PB), capital do estado natal de Hugo Motta (Republicanos)

“ Nós tivemos aquele episódio na Câmara de dois pesos, duas medidas, em que o deputado de esquerda foi tratado na porrada, e a imprensa também, enquanto os bolsonaristas subiram naquela mesma mesa e ficaram dois dias

Guilherme Boulos (PSOL)
ministro da Secretaria-Geral da Presidência

que discursou no carro de som. Na hora da fala, o público começou a gritar “sem anistia”, ao que ele acrescentou: “Ouça, Congresso Nacional, a voz do povo”.

“Nós tivemos aquele episódio na Câmara de dois pesos, duas medidas, em que o deputado de esquerda foi tratado na porrada, e a imprensa também, enquanto os bolsonaristas subiram naquela mesma mesa e ficaram dois dias”, disse a jornalista.

O ministro Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário) também compareceu, assim como os deputados federais Ivan Valente (PSOL), Jilmar Tatto (PT), Juliana Cardoso (PT), Kiko Celeguim (PT), Orlando Silva (PCdoB), Rui Falcão (PT), e Sâmia Bomfim (PSOL), além do deputado estadual Eduardo Suplicy (PT).

O ato no Rio de Janeiro ocupou um quarteirão da avenida Atlântica, em Copacabana, e começou às 14h, com falas de políticos e representantes de movimentos sociais. Discursaram os deputados federais Chico Alencar (PSOL-RJ), Pastor Henrique Vieira (PSOL-RJ), Glauber Braga (PSOL-RJ), Jandira Feghali (PC do B-RJ) e Lindbergh Farias (PT-RJ).

As falas se concentraram em críticas ao presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB). Houve também discurso contra a escala de trabalho 6x1 e denunciando casos de feminicídio.

Glauber Braga foi um dos mais celebrados, após a vitória política durante a semana de ter o mandato na Câmara suspenso por seis meses, em vez de ser cassado.

O protesto foi dividido em dois trios: um para os discursos e outro para o ato musical, que começou às 16h e teve participação de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque e Paulinho da Viola. Também cantaram Leila Pinheiro, Lenine, Emicida, Fernanda Abreu e Tony Bellotto, entre outros.

Caetano iniciou o ato com “Alegría, Alegria”, canção que marcou o movimento contra a ditadura nas décadas de 1960 e 1970. Chico Buarque interpretou “Vai Passar” e chamou a atriz Fernanda Torres para cantar ao seu lado.

Os atos foram convocados pelas frentes Povo Sem Medo e Brasil Popular. Partidos como PT e o PSOL também convocaram os seus militantes para o protesto.

Em Salvador, os manifestantes se concentraram na altura do Morro do Cristo e saíram em passeata pela orla da Barra. Eles carregavam um boneco representando o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), com cartazes que o chamavam de covarde, corrupto e golpista.

Também na Bahia o público foi menor do que o protesto de 21 de setembro. Não houve participação de trios elétricos e artistas.

O protesto em João Pessoa teve como alvo o presidente da Câmara, Hugo Motta, que é da Paraíba. Manifestantes carregaram cartazes com frases como “Hugo Motta vergonha da Paraíba”.

Já em Brasília, os manifestantes se concentraram de manhã em frente ao Museu da República e fizeram uma marcha em direção do Congresso. Militantes fizeram discursos contra os parlamentares, afirmando que Motta perdeu o comando da Casa.

Terceira via tem impulso com Flávio e chance de outsider, mas esbarra em Bolsonaro

Antagonismo entre o herdeiro do ex-presidente e Lula abre espaço para alternativas, como o governador Tarcísio de Freitas e o MBL

Gustavo Zeitel

SÃO PAULO Ao tomar para si o posto de herdeiro legítimo do bolsonarismo, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), indicou, tratando a sua candidatura como irreversível, que a próxima corrida eleitoral pode reeditar o antagonismo de sua família com o presidente Lula (PT). O filho Zero Um de Jair Bolsonaro acabou por reavivar, assim, um antigo desejo de alguns segmentos da população: a terceira via.

O desejo, antes inconfessável, torna-se realidade por meio de uma série de iniciativas. De início, há o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), preferido do centrão. Em paralelo, o deputado federal Aécio Neves, empossado presidente do PSDB, afirma que organizará um movimento por um nome de centro-direita. Há também o partido do MBL, o Missão, além da possibilidade de surgir um outsider. Cientistas políticos dizem, no entanto, ser improvável que a terceira via vingue, seja com um nome da política ou com alguém de fora.

“Não podemos deixar que o Brasil fique refém do bolsonarismo e do lulismo. Esse é o momento de fazermos um chamado de partidos que não se conformam com escolhas tão rasas”, diz Aécio, rejeitando ser ele próprio candidato à presidência novamente, depois de 2014. “O PSDB é hoje uma ilha programática num oceano de partidos pragmáticos. O Congresso está ficando um espaço insalubre.”

Ocorre que, nos últimos anos, o partido se tornou irrelevante, com baixa representação e sem identidade. Aécio minimiza a derrocada da sigla e a malfadada fusão com o Podemos, paralisada devido a desacordos sobre quem a presidiria. “Passamos por uma lipoaspiração e estamos voltando mais esbeltos”, diz, em referência à diminuição do tamanho do partido.

Em 2022, o PSDB elegeu somente 13 deputados, três senadores, três governadores e 270 prefeitos. O movimento liderado por Aécio se soma a outras iniciativas, a principal delas formada por governadores de direita, tentando se desvencilhar do bolsonarismo.

Tarcísio é visto como o favorito do grupo —ele próprio admitiu a hipótese de haver mais de um candidato de direita. Ao mesmo tempo, o líder do PP na Câmara, deputado doutor Luizinho (RJ) afirmou, em entrevista à *Folha*, que seu partido agora se sente livre para construir uma candidatura não bolsonarista. O cenário torna-se ainda mais complexo diante do lançamento do Missão,



O governador Tarcísio de Freitas ao receber homenagem na sede no Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo Danilo Verpa - 6.set.25/Folhapress

o partido do MBL, que fará uma oposição de direita ao bolsonarismo em 2026. Existe ainda a possibilidade do surgimento de um outsider, ou seja, uma figura supostamente sem ligação com a política institucional.

Pesquisa realizada pela Quaest, em novembro, indicou que 24% do eleitorado prefere votar em um candidato sem relação com Lula ou Bolsonaro.

A hipótese de um outsider assusta quem está dentro dos partidos. “Eu acho perigoso. Concordo que temos de renovar os quadros, mas não negar a política”, afirma Aécio.

A visão sobre o tema não é tão diferente assim na esquerda. “Acho que, desde 2018, vivemos em uma conjuntura com esse fenômeno recorrente. Com a direita dividida, acho que pode surgir então um outsider, a possibilidade não está descartada”, conta Paula Coradi, presidente do PSOL.

O influenciador Pablo Marçal chegou a defender que um outsider, assim como ele foi no ano passado, surja para disputar o Planalto. Quem estuda ciência política diz, no entanto, que, apesar das pesquisas mostrarem demanda, as chances de uma terceira via são reduzidas, tanto para os partidos tradicionais quanto para um outsider.

Professor de ciência política da UFRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), Leonardo Belinelli afirma que o momento positivo de Lula e a influência de Bolsonaro, mesmo preso, impedem o fortalecimento da terceira via. Segundo ele, a direita ain-

da precisará incorporar o ideário bolsonarista para ter viabilidade eleitoral. Belinelli também explica que o outsider emerge quando os atores do poder se fragilizam. Em 2018, o então presidente Michel Temer era notadamente impopular —e Lula, líder da esquerda, estava preso.

Tal contexto ajudou que Bolsonaro se apresentasse como um candidato antissistema, mesmo com uma longa carreira política. “Ser outsider é mais uma estratégia retórica do que um fenômeno orgânico”, diz Belinelli, lembrando que essa figura se fortaleceu nas Jornadas de Junho de 2013.

Desde então, apareceram vários tipos de outsiders, desde a renovação via MBL até os candidatos que se dizem técnicos, caso do ex-governador de São Paulo João Doria. Também professor de ciência política, Pedro Lima, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), afirma que a fragmentação da direita é um risco de impulsionar a reeleição de Lula em 2026.

No que se refere ao outsider, ele diz que essa figura reflete o sentimento antipolítica, porque contraria os representantes tradicionais, embora uma vez no poder, todos tenham de buscar alianças. Por fim, o pesquisador observa um padrão seguido por todos que, em anos recentes, se apresentaram como outsider: nenhum deles era de esquerda. “O PT tem o controle institucional do campo progressista”, afirma. “É preciso lembrar que Bolsonaro sempre repetia a frase ‘meu partido é o Brasil.’”

Centro político revê expectativas para 2026

Pesquisa entre deputados mostra mudanças com impacto em alianças

Lara Mesquita

Professora na Escola de Economia de São Paulo (FGV-EESP) e pesquisadora do Cepesp. Doutora em ciência política pelo IESP-UERJ

Foi divulgada na semana passada pesquisa Genial/Quaest com deputados federais. A pesquisa questiona os legisladores sobre temas diversos, e uma constante é como deputados de esquerda (lulistas ou não) e deputados de direita (bolsonaristas ou não) divergem em praticamente todos os temas: da avaliação do STF à escala 6x1, da taxação de fintechs à indicação de favoritismo na eleição de 2026 e à resposta ao tarifaço de Trump.

Alguns pontos se destacam na pesquisa, seja pelas raras convergências entre esquerda e direita, seja pela mudança de ventos entre os deputados de centro.

Um dos dados mais interessantes da pesquisa aparece justamente entre os deputados que se declaram independentes em relação ao governo. Quando questionados sobre quem é o favorito para a eleição de 2026, observa-se uma queda vertiginosa dos que apostam na oposição. Em junho deste ano, 62% diziam que o candidato de oposição era o favorito; agora são apenas 30%. Entre os deputados que se identificam como de centro, a queda é menos acentuada, mas o padrão é o mesmo: apenas 33% apostam na oposição, frente 51% em junho.

A falta de confiança dos deputados de centro na vitória de um candidato de oposição ao governo Lula vai dificultar a formação de alianças para as eleições de 2026. Se o termômetro no Congresso indicar maiores chances para Lula, esses partidos terão incentivos para se manterem neutros na disputa presidencial, evitando derrubar pontes que facilitem a adesão ao governo em 2027.

Para Lula, caso reeleito, significa a manutenção do equilíbrio atual. Para a oposição, significa maior dificuldade durante a campanha e maior pressão por apresentar candidaturas próprias do PL e da base bolsonarista também nos estados. Aumentam os custos eleitorais e as rivalidades com o centrão.

No campo das convergências, mais de 90% dos deputados afirmam que “Pensando em atingir a meta fiscal, o governo deveria reduzir gastos com supersalários do setor público”. Se há concordância, por que não se aprova legislação nessa

sseara? Como já apontado por diversos estudos, os supersalários no serviço público brasileiro se concentram no Judiciário e em carreiras do Executivo que atrelam seus salários ao Judiciário. O corporativismo não é um atributo exclusivo do Congresso, é tão ou mais presente no STF e no Judiciário como um todo. A diferença é que juízes estão blindados das pressões sociais.

Outro ponto de convergência aparece na mesma bateria de perguntas. Cerca de 90% dos parlamentares afirmaram que: “Pensando em atingir a meta fiscal, o governo deveria aumentar a taxação das empresas de apostas”. Proposta sobre o tema foi aprovada neste início de dezembro no Senado e precisa ser apreciada pela Câmara. Resta saber se as preferências declaradas na pesquisa se traduzirão em votos ou se os interesses de um pequeno grupo de deputados com fortes vínculos com empresários de bets prevalecerão.

Também há concordância entre esquerda e direita, governo e oposição, quanto às propostas de endurecimento penal na área da segurança pública.

As concordâncias encerram-se aí. O contraste entre consensos pontuais e expectativas eleitorais ajuda a entender por que a coordenação política no Congresso segue sendo um desafio.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Camila Rocha / Lara Mesquita TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli

política

Assembleia de SP determina fim de contrato milionário com produtora

Entidade foi multada em R\$ 12,7 mil e já havia sido desclassificada em licitação

SÃO PAULO A Alesp (Assembleia Legislativa de São Paulo) abriu um processo para encerrar o contrato com a fundação responsável pela TV Alesp, que é acusada por funcionários e ex-colaboradores de atrasar salários e de não arcar com as multas rescisórias de contratos em demissões.

A TV Alesp é gerida, desde 2011, pela Fundac (Fundação Para o Desenvolvimento das Artes e da Comunicação), entidade privada e sem fins lucrativos. Pela primeira vez desde que assumiu a comunicação da Casa, a produtora foi desclassificada de um pregão, no mês passado, e encerrará os trabalhos na Assembleia no início do ano que vem.

O atual contrato, firmado em março de 2023 pelo valor de R\$ 30 milhões, foi atualizado para R\$ 42,9 milhões após ter sido prorrogado duas vezes. Ele se encerra em 30 de janeiro de 2026.

“No final de janeiro de 2026, vencerá o prazo legal de duração do contrato entre a Alesp e fundação. Ou seja, o contrato será executado em sua íntegra até o final”, afirmou a comunicação da Assembleia em nota.

Funcionários consultados pela

reportagem disseram que o contrato deve chegar ao fim com o processo ainda em andamento, sendo encerrado não pela determinação interna, mas sim pelo fato de a Fundac não ter vencido a última licitação.

O processo para a rescisão foi anunciado pela Secretaria Geral de Administração, responsável pelos contratos da Alesp, em publicação no Diário Oficial em 1º de dezembro. A justificativa é a de que a produtora está com parte da documentação obrigatória vencida desde novembro de 2024 —no caso, a Certidão Negativa de Débitos Trabalhistas, documento que atesta a ausência de dívidas com a Justiça do Trabalho.

A Alesp anunciou, também no início do mês, que aplicará uma multa de R\$ 12,7 mil à Fundac por não ter apresentado a documentação, o que era previsto em contrato e vinha sendo cobrado desde abril deste ano. A produtora não retornou às tentativas de contato feitas pela reportagem por email e telefone.

Sob reserva, ex-funcionários e colaboradores que ainda trabalham para a fundação alegam desvios e atrasos salariais. As re-

clamações incluem ausência de pagamento de créditos para o vale-transporte e o vale-refeição e atrasos de parcelas do FGTS desde o ano passado.

Os casos não são relatados somente em São Paulo, mas também em Brasília, na TV Justiça, do STF (Supremo Tribunal Federal), também gerida pela Fundac. Nas duas cidades, funcionários da produtora denunciaram irregularidades nos pagamentos aos sindicatos dos jornalistas e radialistas.

Em julho, a menos de dois meses da transmissão do julgamento de do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) pela trama golpista, colaboradores da TV Justiça em Brasília aprovaram estado de greve —que sinaliza a pretensão da categoria de paralisar as atividades caso negociações envolvendo direitos trabalhistas não avancem. No entanto, nenhuma paralisação ocorreu até o momento.

Além da Alesp e do STF, a Fundac mantém contratos com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e a Câmara dos Deputados. Em São Paulo, a produtora tem 120 profissionais contratados. Em Brasília, a fundação diz empregar 500 pessoas.

R\$ 42,9 milhões

valor do atual contrato, firmado entre a Alesp e a Fundac em março de 2023, e que teve o valor inicial atualizado após duas prorrogações

R\$ 12,7 mil

valor da multa que a Alesp anunciou que aplicará à Fundac por não ter apresentado documentação prevista em contrato e que vinha sendo cobrada desde abril deste ano

Dispensada de licitação em sua primeira contratação pela Alesp, desde 2013 a Fundac vinha vencendo todas as concorrências da Assembleia. Ela foi desclassificada do pregão mais recente, em novembro deste ano, por não ter apresentado um certificado emitido pelo governo federal a organizações sem fins lucrativos. Na disputa, a produtora questionou a obrigatoriedade do documento.

A vencedora do certame foi a EPTV de São Carlos, que integra o grupo responsável pelas afiliadas da TV Globo no interior paulista e no sul de Minas Gerais. O contrato, inicialmente de R\$ 26,9 milhões, ainda está sendo avaliado.

Funcionários da Fundac se preocupam que a empresa não tenha dinheiro para arcar com possíveis demissões, já que a planilha de custos da EPTV, caso seja aceita, prevê 103 vagas de trabalho, ou seja, 17 pessoas a menos do que o quadro atual da TV Alesp.

Em abril de 2023, a **Folha** publicou que o então presidente da Fundac, Ricardo Castilho, havia renunciado ao cargo em meio a suspeitas de desvio de verbas dos cofres da entidade estimados em R\$ 3,5 milhões por meio de uma empresa “laranja”.

No mesmo mês, a Fundac venceu o pregão para se manter à frente da TV Alesp, no contrato que segue vigente até hoje e que será encerrado. O processo licitatório, conforme revelado pela **Folha**, envolveu outras empresas cujos sócios eram ligados à fundação.

Juliana Arreguy

Alckmin diz que PL da Dosimetria reforça ideia de Justiça branda com crimes de ‘colarinho branco’

SÃO PAULO O vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB) disse na noite desta sexta-feira (12) que a aprovação do PL da Dosimetria não é um bom exemplo porque passa a ideia de punições brandas para crimes de colarinho branco.

“Eu acho que a gente nunca deve fazer mudanças legislativas baseadas em questões momentâneas. Legislação deve ter estabilidade, deve ser mais estrutural, ela não deve ser motivada por questões locais. E de outro lado também, reforça uma sensação na opinião pública de quando é pessoa mais simples, aí é dura. Mas para o crime do colarinho branco, para os mais poderosos, abranda. Não é um bom exemplo”, disse Alckmin.

O vice-presidente também celebrou a revogação das sanções impostas pelo governo Trump contra o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), por meio da Lei Magnitski e disse que o presidente Lula teve papel importante para a medida.

“É uma decisão importantíssima e justa, porque ninguém pode ser punido por exercer o seu dever, que é o dever do ministro da Suprema Corte. Então acho que foi importante essa medida do governo americano, é um ato de justiça, um reconhecimento do trabalho da Suprema Corte



brasileira, então a gente sempre fica feliz de ver a justiça preponderar”, disse.

Alckmin deu as declarações durante a festa de fim de ano do Grupo Prerrogativas, de advogados de esquerda e ligados ao governo Lula (PT).

O vice é um dos homenageados pelo grupo nesta noite, assim co-

mo o ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), e a ministra do Planejamento, Simone Tebet (MDB). Os três são cotados por integrantes do PT como possíveis candidatos para chapa em São Paulo no próximo ano.

Advogados do Prerrogativas têm trabalhado pelo nome de Tebet ao Senado e articulado por

O vice-presidente, Geraldo Alckmin (PSB), discursa durante jantar do Grupo Prerrogativas, em São Paulo Ronny Santos - 12.dez.25/Folhapress

uma mudança dela para o PSB.

Haddad é visto como o nome forte do PT para sair candidato ao governo paulista em 2026. Ele admitiu, em entrevista ao jornal O Globo, que pode deixar o cargo de ministro até abril do ano que vem, embora não tenha deixado claro se seria para uma eventual candidatura.

O presidente Lula também compareceu ao evento, realizado na Casa Natura, em Pinheiros, na zona oeste de São Paulo. Além dele, estiveram presentes a ministra das Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, o ministro da Desenvolvimento Agrário, Paulo Teixeira (PT), e o ex-ministro do STF Luis Roberto Barroso.

Alckmin também comentou que ainda há muito a ser definido sobre o cenário para 2026, em especial a anunciada candidatura presidencial do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

“Você vai ter vários candidatos, cabe aos partidos definir quem vai ser candidato. O fato é que o Bolsonaro, com o governo, gastando três vezes o PIB no ano da eleição para se reeleger, perdeu. Agora, fora do governo, é bem diferente”.

Alckmin também evitou dizer se sairá à reeleição novamente como vice de Lula, conforme pleiteado pelo PSB, ou se pretende tentar se lançar ao Senado ou mesmo ao governo paulista, já que tem pontuado bem em pesquisas para os respectivos cargos. “Vamos aguardar”, disse ele.

JA e Felipe Gutierrez



Catarina Pignato/Folhapress

Programar investimento é estratégia para criar reserva e aumentar o patrimônio

Especialistas indicam agendar aportes mensais; veja dicas e opções

Tamara Nassif

SÃO PAULO Um dos erros mais comuns quando o assunto é finanças pessoais é deixar para investir quando sobrar dinheiro. Ao colocar em segundo plano a formação de patrimônio ou reserva de emergência, o investidor tende a gastar em vez de guardar.

Especialistas ouvidas pela **Folha** recomendam investimentos programados, com aportes mensais fixos que, na prática, viram um compromisso financeiro como uma conta a pagar. “Mexer com dinheiro é uma coisa muito mais psicológica do que racional, e quanto mais você busca sair da emoção, mais sucesso vai ter. Ao programar um investimento todo mês, passa a tratar aquilo como uma conta a pagar, saindo do emocional e indo para o racional”, diz Adriana Ricci, fundadora e chefe de operações da SHS Investimentos.

A estratégia é indicada para todas as faixas de renda, sobretudo para quem tem orçamento apertado e dificuldade em poupar. Automatizar o investimento é também caminho para viabilizar projetos de curto, médio e longo prazos. “Investir nada mais é do que adiar uma compra, seja porque o cliente precisa de mais recursos, seja porque precisa de mais tempo”, diz Cíntia Senna, educadora financeira da Dsop.

Ao definir valor e prazo, o investidor calcula qual é o montante necessário para guardar todo mês até atingir o objetivo e usa aplicações programadas para isso. O próximo passo é escolher o produto. Hoje, a maior parte dos bancos e corretoras oferece opções para aplicações que vão do Tesouro Direto à compra de cotas em fundos.

Para quem está começando ou tem perfil conservador, a recomendação é aportes em investimentos de baixo risco, como os

da renda fixa. “Produtos assim são mais seguros e evitam perdas de patrimônio, o que é mais importante ao considerar investidores iniciantes”, afirma Ricci.

A caderneta de poupança não é indicada por causa da baixa rentabilidade, em 0,5% ao mês mais TR (Taxa Referencial).

Já para arrojados ou com familiaridade com o mercado financeiro, aportes recorrentes na renda variável podem ser uma forma de alavancar ganhos e diminuir a volatilidade de um determinado produto, como uma ação. Ao investir com frequência em um mesmo produto, o cliente o compra em momentos diferentes, de maior valorização ou desvalorização, e consegue fazer uma média de preço.

Perfis moderados podem apostar na combinação das duas cestas. A sugestão é que mais da metade dos aportes mensais seja em produtos de renda fixa, e o restante seja usado para aproveitar oportunidades do mercado.

É preciso ter cuidado. O investimento não pode comprometer contas básicas e o dinheiro deve estar na conta antes do débito, evitando o cheque especial.

*

VEJA COMO PROGRAMAR:

TESOURO DIRETO

A plataforma do Tesouro Direto permite investimento recorrente em títulos a partir de R\$ 1,84.

Selecione o título desejado em “Investir”, adicione ao carrinho e defina o valor. Na etapa seguinte, marque qual instituição financeira está vinculada à conta, escolha a forma de pagamento e clique em “agendar”. Vá em “agendamentos mensais”, defina a data em que o primeiro aporte será debitado e por quantos meses a operação se repetirá.

BANCOS E FINANCEIRAS

Algumas das principais instituições do país oferecem a ferramenta de investimentos programados no formato de “cofrinho”.

No Bradesco, a função “Objetivos”, disponível na página de investimentos do aplicativo, permite o aporte recorrente para metas definidas pelo cliente, como viagens ou compra de imóvel.

É parecido com o serviço oferecido no **Banco do Brasil**, chamado de “Cofrinho BB”, no qual o correntista define meta, prazo e valor, que pode ser depositado manual ou automaticamente.

Inter e Nubank têm funções similares, com os serviços de “Porquinho” e “Caixinha”, respectivamente.

Essas ferramentas costumam ter rentabilidade atrelada ao CDI ou a um fundo de renda fixa. O Cofrinho BB é vinculado a um fundo que acompanha a taxa Selic.

Já no **Santander**, aportes mensais são possíveis só na poupança ou na previdência privada. O cliente pode agendar investimentos não recorrentes em fundos e CDB. Pela aba “Investir”, escolha o fundo desejado ou o CDB, informe valor, prazo e data ideal da operação.

No **Itaú**, por meio da Itaú Corretora, é possível comprar ações, cotas de fundos, ETFs e títulos do Tesouro em “compra programada”. O cliente define produto, valor e data de liquidação, e a instituição executa a operação.

Esses produtos também são oferecidos em corretoras como **XP** e **Rico**.

DE GRÃO EM GRÃO

Como poupar mesmo quando você não consegue

Criar reservas com débito no cartão pode transformar gastos em poupança

Michael Viriato

Assessor de investimentos e sócio fundador da Casa do Investidor

Imagine tentar empurrar um carro parado sozinho. No começo, ele não se move, você força, empurra, quase desiste... até que a roda finalmente gira e o movimento começa a trabalhar a seu favor. Poupar funciona assim. O impulso inicial é pesado, e o hábito só aparece quando os resultados começam a surgir. Aristóteles dizia que “nós somos aquilo que repetidamente fazemos”; e, até que a repetição aconteça, a disciplina parece maior que a recompensa.

O ser humano, porém, é programado para priorizar o agora. É o chamado viés do presente: superestimamos o curto prazo e ignoramos o longo. É por isso que tantos afirmam “vou poupar quando sobrar”, mas nunca sobra. O dinheiro sempre encontra um destino. Despesa é hábito — poupança, quase nunca.

E mudar um hábito não acontece de uma vez. Como em qualquer vício, o entusiasmo inicial costuma durar pouco. A pessoa promete uma transformação, cumpre por alguns dias e, na primeira dificuldade, volta às velhas práticas.

A vontade, sozinha, não vence a inércia. É preciso criar mecanismos que sustentem o comportamento até ele virar natureza.

Por isso, antes de esperar que a disciplina floresça espontaneamente, faz sentido criar uma fase de transição. E essa fase se torna muito mais eficiente quando a reserva é cobrada diretamente no cartão de crédito. A razão é simples: o indivíduo já está mentalmente

acostumado a despesas no cartão.

A cobrança recorrente não parece um choque, não disputa com a conta bancária do dia a dia e, muitas vezes, força uma reorganização das demais despesas. O cartão vira aliado, não inimigo. Nesse espírito, há três caminhos que funcionam muito bem.

O primeiro é contratar um plano de previdência com débito automático no cartão. O valor recorrente passa a integrar o próprio fluxo mensal e deixa de disputar espaço com o saldo que transita na conta. A pessoa quase não percebe a contribuição — mas percebe o patrimônio crescendo. Nesse caso, o ideal é contratar o plano em uma seguradora segregada de onde se tem a conta bancária de movimentação para evitar a tentação do resgate.

O segundo é usar um consórcio de imóvel como poupança estruturada. Com parcelas no cartão, o compromisso se torna mais rígido e mais distante das tentações do mês. Aos poucos, o investidor percebe que está transformando gastos rotineiros em patrimônio real, capaz de gerar renda. E essa renda pode alavancar novas aquisições de imóveis, incentivando o gosto pelo hábito de poupança.

O terceiro é contratar um seguro do tipo vida inteira também debitado no cartão. Além de formar uma reserva futura com regularidade, o seguro acrescenta proteção familiar imediata. Logo após o compromisso, a família já conta, em caso de infortúnio, com um patrimônio que levaria até 30 anos para construir. É comum que, ao assumir um compromisso dessa natureza, o investidor trate essa despesa com mais seriedade, ajustando outras para caber no orçamento.

Com o tempo, o efeito do carro que finalmente saiu do lugar aparece. A reserva cresce, a ansiedade diminui e o hábito se instala. A transição acaba — mas o patrimônio continua. Porque poupar, no fim, não é apenas sobre força de vontade. É sobre construir sistemas que nos ajudem quando a vontade falha.

Transferência geracional de riqueza pode destravar filantropia, diz estudo

Levantamento inédito ouviu 70 family offices e 23 famílias brasileiras de alta renda; mais de 70% delas estruturam atuação filantrópica por meio de instituições próprias

Eliane Trindade

SÃO PAULO A expectativa de uma das maiores transferências de riqueza da história aquece o campo de gestão de grandes fortunas no Brasil e no mundo. Estima-se que US\$ 124 trilhões (R\$ 672,04 tri) mudarão de mãos até 2048, entre herdeiros, viúvas e filantropia, de acordo com relatório da consultoria Cerulli Associates, sobre o mercado de alto e ultra-alto patrimônio nos Estados Unidos.

Na América Latina, tendo o Brasil como protagonista, o movimento deve somar em torno de US\$ 9 trilhões (R\$ 48,78 trilhões) nas próximas décadas. São cenários e grandes números reunidos na pesquisa “Filantropia & Family Offices: Perspectivas e Oportunidades”, realizada por Juliana de Paula e Cássio Aoqui, consultores sêniores no campo filantrópico.

O estudo traça o panorama mais abrangente já feito no país sobre o papel dos Single Family Offices (SFOs), estruturas que atendem exclusivamente uma única família, e Multi Family Offices (MFOs), que agregam diversas famílias, na filantropia brasileira.

A pesquisa inédita ouviu 83 respondentes de 70 family offices, além de representantes de 23 famílias de alta renda, em um total de 106 entrevistas quantitativas e qualitativas que mostram mulheres e novas gerações assumindo protagonismo nas decisões sobre investimento social e legado.

“A gente vê no Brasil um número muito grande de family offices sendo criados, quando sabemos que haverá nos próximos anos a maior transferência de riqueza e patrimônio da história”, diz Aoqui. “Essa redistribuição traz a necessidade de planejamento patrimonial mais sofisticado.”

Dados de 2023 da Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais), entidade que representa bancos, gestoras e corretoras, mostram que o número de estruturas formais de family office cresceu 82,5% em três anos, passando de 80 para 146, com R\$ 457 bilhões sob gestão.

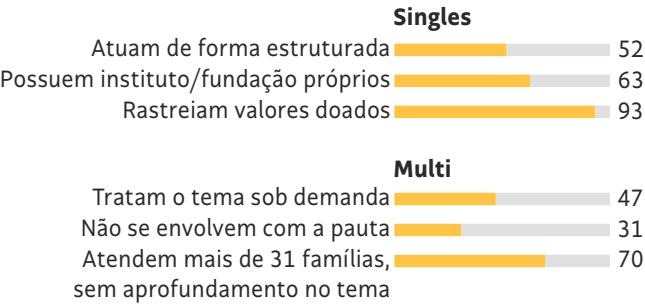
Entre os Single Family Offices, 85% da clientela detém mais de R\$ 1 bilhão em patrimônio. Já entre os multi, 6% das famílias estão nesse patamar, enquanto 11% se encontram na faixa de R\$ 500 milhões a R\$ 1 bilhão.

Quanto aos valores doados, observa-se amplitude de faixas, com destaque para famílias que destinam entre R\$ 1 milhão e R\$ 5 milhões anuais (30%) e aquelas acima de R\$ 10 milhões (25%).

A maioria das famílias de altíssima renda entrevistadas (71%) já estruturou sua atuação filantrópica por meio de fundações, institutos ou endowments próprios, o que indica nível relevante

Percepção da filantropia em Single e Multi Family Offices

Em %



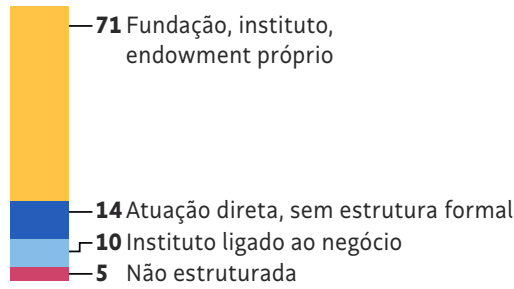
Patrimônio médio da clientela nos Multi Family Offices

Em %



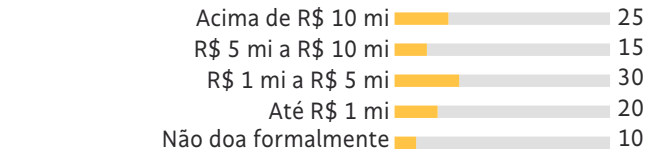
Como a filantropia se estrutura entre famílias de alta renda

Em %



Valores doados ao ano (em R\$ milhões)

Em %



Fonte: Pesquisa Filantropia e Family Offices - Perspectivas e Oportunidades

de formalização.

“Apesar de ser um tema debatido, falta colocar mais estratégia na filantropia”, diz Juliana de Paula, membro da P150, rede global de consultores em filantropia. “Os family offices podem potencializar um maior impacto socioambiental pelo público de alta renda que atendem.”

Entre os entrevistados de famílias de alta renda, 67% lideram a filantropia familiar, como Teresa Bracher, filantropa e ambientalista, casada com o ex-banqueiro Cândido Bracher.

“A gente tem compromisso com o Brasil: melhorar o país para ser mais justo, com oportunidades para todos”, diz Teresa, em depoimento destacado na pesquisa.

Entre os Single Family Offices, 52% tratam a filantropia de forma estruturada, com 63% dos clientes detentores de instituto ou fundação próprios, indicadores de uma maior maturidade insti-

tucional. Enquanto, nos Multi Family Offices, a presença do tema é mais difusa e reativa: 47% abordam a filantropia somente quando o cliente traz o assunto e 31% ainda não se envolveram com a pauta, em um contexto complexo no qual 70% atendem a mais de 31 famílias.

No evento de apresentação da pesquisa, Luiza Nascimento, diretora-presidente do Ice (Instituto de Cidadania Empresarial) e neta de Sebastião Camargo, fundador do Grupo Camargo Corrêa, destacou a importância de dados concretos para iniciar uma conversa com os gestores de family offices.

“Temos um caminho longo a percorrer e pesquisas como essas vão nos ajudar a vencer barreiras e superar aquela visão de que family office é só para fazer investimentos e preservar patrimônio da família”, afirmou.

“A filantropia é uma ferramenta que pode trazer mais união familiar, pensando em legado e na marca que se quer deixar no mundo. Não adianta só pensar em todo dinheiro que se pode herdar, mas o que vamos fazer com ele”, completa.

Entre os gestores de Multi Family Offices entrevistados, 47% apontam a nova geração e 25% as mulheres como principais impulsionadoras da filantropia.

“O protagonismo na agenda filantrópica migrou das lideranças fundadoras para novas vozes familiares”, diz Juliana de Paula. “Sinal de mudança cultural e de valores. A filantropia aproxima e humaniza relações.”

Mariana Feffer, 36, filha caçula do controlador da Suzano, David Feffer, fez parte do conselho consultivo da pesquisa, trazendo seu olhar como representante dessa nova geração e fundadora do Regeneration Group, criado para trabalhar com famílias de alta renda no campo de impacto em todos os continentes.

“Minha crença é a de que nesse momento do mundo precisamos aumentar o volume de capital para garantir o futuro do planeta, tendo famílias detentoras de alto patrimônio como financiadoras”, diz ela.

Ela atua nessa perspectiva há oito anos, ao criar a Generation Pledge, uma comunidade que reúne 93 herdeiros de 24 países, que já se comprometeu a mobilizar US\$ 840 milhões (R\$ 4,55 bilhões) em doações.

“As novas gerações têm apetite por relevância e resultados, não se guiam por paixões, mas por aquilo que funciona”, diz, sobre escolhas que qualifica de agnósticas, na base do “show me the impact” (mostre-me o impacto, em tradução livre).

Marcos de Vasconcellos

O colunista excepcionalmente não escreve nesta edição

Renda fixa avança com juros altos e impulso dos bancos digitais, mostra B3

Matheus dos Santos

SÃO PAULO O número de brasileiros que investiram em produtos de renda fixa cresceu 18% no terceiro trimestre de 2025 em relação ao ano passado, segundo dados da B3. O total passou de 86,1 milhões em 2024 para 101,4 milhões neste ano. Desses, 100,3 milhões aplicaram em CDBs (Certificados de Depósito Bancário) ou RDBs (Recibos de Depósito Bancário), títulos emitidos por instituições financeiras.

O valor em custódia da B3 nessa classe de investimentos aumentou 28% no período, totalizando R\$ 2,9 trilhões em 2025, ante R\$ 2,3 trilhões em 2024. Os dados são da pesquisa “Uma análise da evolução dos investidores na B3”.

Embora não comercialize ativos de renda fixa —como ocorre no mercado de ações—, a B3 é responsável pela custódia, pelo registro e pela liquidação de grande parte das operações do sistema financeiro. Isso significa que um CDB ou um título do Tesouro comprado por um investidor em uma corretora ou banco fica registrado na B3, o que permite à Bolsa acessar e compilar os dados desses ativos.

Para Felipe Paiva, diretor de Relacionamento com Clientes, Pessoas Físicas e Educação da B3, o aumento da renda fixa é consequência de mudanças promovidas principalmente por bancos digitais. “Quando as instituições passaram a oferecer produtos simples, como ‘cofrinhos’ e ‘caixinhas’, isso atraiu milhões de pessoas para CDBs e RDBs.”

Os números também refletem o bom momento da renda fixa, favorecida pela taxa Selic. Na última quarta-feira (10), o Banco Central manteve a Selic em 15% ao ano pela 4ª vez consecutiva, encerrando 2025 no maior patamar em quase duas décadas. A expectativa é que a taxa termine o próximo ano em 12,25% ao ano.

A alta de juros beneficia especialmente títulos pós-fixados e papéis indexados à inflação. “Apesar de os produtos prefixados oferecerem juros inferiores à Selic, eles continuam bastante atraentes em comparação à média histórica brasileira. Os títulos indexados à inflação também seguem interessantes”, afirma Rafael Filiage, analista de operações de renda fixa da Genial Investimentos.

O movimento também impulsiona o Tesouro Direto, que registrou crescimento de 20% no número de investidores. O total passou de 2,7 milhões no terceiro trimestre de 2024 para 3,2 milhões em 2025. O valor em custódia também cresceu, indo de R\$ 136,3 bilhões para R\$ 183,6 bilhões, alta de 35%.

PRÊMIO
ReclameAQUI

FOLHA
DE S.PAULO:
CAMPEÃ
DO PRÊMIO
RECLAME
AQUI 2025

C A T E G O R I A

COMUNICAÇÃO E MÍDIA
JORNAIS E REVISTAS

UM JORNAL DE QUALIDADE
NÃO É NADA SEM UMA AUDIÊNCIA
IGUALMENTE QUALIFICADA.
A FOLHA AGRADECE A TODOS
OS LEITORES PELA VOTAÇÃO
E PELA CONQUISTA.



FOLHA DE S.PAULO
★★★

Empréstimos dos EUA a mineradoras antecipam acordo sobre terras raras

Banco estatal americano fechou financiamento a empresas brasileiras, incluindo conversão em ações; medida pode reduzir o poder de barganha do governo Lula

Pedro Lovisi

SÃO PAULO Apesar de os governos brasileiro e americano ainda não terem fechado um acordo sobre minerais críticos, duas mineradoras com projetos avançados de terras raras do Brasil já fecharam contratos de financiamento que podem levar os Estados Unidos a ter vantagem no recebimento de suas produções.

As mineradoras Serra Verde e Aclara, em Goiás, assinaram recentes financiamentos com um banco estatal americano, o DFC (Development Finance Corporation), em acordos que podem evoluir para negócios maiores. Pelos termos do empréstimo fechado com a Aclara, por exemplo, o DFC pode converter o dinheiro devido em ações no futuro.

Terras raras são um conjunto de 17 elementos químicos, sendo alguns matéria-prima para a fabricação de ímãs essenciais para tecnologias relacionadas à transição energética, como carros elétricos, e à defesa.

Para os EUA, o movimento faz parte da estratégia de depender menos do fornecimento de terras raras da China, hoje dona de 60% da extração global de terras raras e 90% da capacidade de refino. Por outro lado, os acordos diminuem o poder de barganha do Brasil, que abriga a terceira maior reserva de terras raras do mundo, atrás de China e Vietnã, em um eventual acordo com os EUA.

O comprometimento mais recente veio da Serra Verde, única mineradora de terras raras em operação no Brasil e uma das poucas fora da China. A empresa, de propriedade de dois fundos de investimento americanos e um britânico, anunciou em novembro que vai receber um empréstimo de US\$ 465 milhões (R\$ 2,5 bi) do DFC, que investe em empreendimentos fora do país.

A estratégia do DFC em relação aos minerais críticos passa por garantir que os EUA ampliem seus leques de fornecedores para além da China. Em seu site, o banco diz que seus investimentos têm o objetivo de “contrabalançar a crescente influência da China em todo o mundo”. Procurado pela reportagem, o banco disse que não comentaria o assunto. O contrato entre a mineradora e o banco não foi divulgado, mas, de acordo com quem acompanha o tema, é provável que a Serra Verde tenha se comprometido a fornecer parte da produção ao mercado americano.

Procurada, a Serra Verde disse que não se manifestaria sobre o tema. Em uma entrevista no início de dezembro para a agência de notícias Reuters, o presidente da mineradora, Thrás Moraitis, disse que a empresa remodelou recentemente um contrato com clientes chineses para possibili-

Onde estão as reservas de terras raras no Brasil



Minaçu: operação da Serra Verde

Nova Roma: projeto da Aclara

Fonte: SGB (Serviço Geológico do Brasil)

tar que parte de sua produção seja destinada a clientes ocidentais, sem citar a nacionalidade deles.

“Dentro de alguns anos, teremos algumas opções para separar as terras raras pesadas fora da China”, disse Moraitis.

Hoje, apenas refinarias chinesas e uma na Malásia conseguem separar os elementos de terras raras, processo fundamental para a obtenção dos óxidos demandados pela indústria automobilística e de defesa. Empresas americanas, porém, com o apoio do governo dos EUA, têm investido bilhões de dólares para desenvolver suas próprias indústrias.

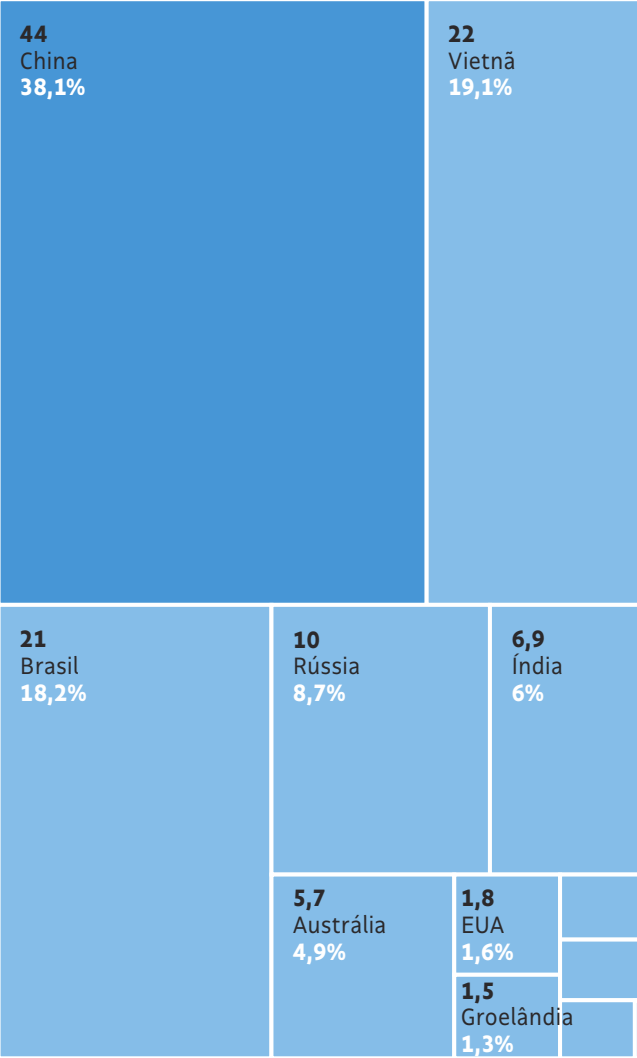
A Serra Verde opera uma mina em Goiás e quer produzir 5.000 toneladas de óxido contido no concentrado de terras raras até o início de 2027 e chegar a 10 mil toneladas até 2030. O empréstimo do DFC busca justamente viabilizar a ampliação da mina.

“Para uma empresa de minerais críticos receber financiamento do DFC, ela deve garantir que uma certa quantidade de sua produção seja destinada aos Estados Unidos; isso fará parte do acordo final”, diz Samantha Carl-Yoder, ex-vice-cônsul dos EUA em São Paulo e atual diretora de políticas da Brownstein, uma das maiores empresas de lobby dos EUA.

A Aclara, empresa com projeto em estágio avançado para explorar terras raras também no norte de Goiás, fechou um financiamento em setembro com o DFC de US\$ 5 milhões. Os recur-

Reservas globais de terras raras

Em milhões de toneladas



* Mianmar, Madagascar e Malásia não divulgam

Fonte: USGS, com dados de 2023

sos, que podem ser convertidos em ações da empresa no futuro, vão ser usados para a mineradora completar o estudo de viabilidade de sua mina. Em outubro, a empresa ainda anunciou que construirá até 2028 uma refinaria nos Estados Unidos para separar o concentrado de terras raras produzido no Brasil. Os investimentos previstos pela Aclara para a construção nos EUA são de US\$ 277 milhões, menores do que os previstos pela empresa em Goiás, de US\$ 680 milhões.

A instalação de uma planta de refino em determinado país, contudo, é considerada mais estratégica em um setor hoje dependente dos chineses. Em seu site, a mineradora diz que a refinaria será capaz de suprir mais de 75% da demanda americana por elementos pesados de terras raras para veículos elétricos até 2028.

Em nota, a Aclara disse que seu contrato com o DFC não garante aportes financeiros futuros nem impõe obrigação de direcionamento da produção a compradores nos EUA. “Eventuais etapas de processamento fora do Brasil seguem critérios comerciais, técnico-operacionais, regulatórios e tributários e não alteram o papel central do Brasil no projeto.”

O anúncio da Aclara vai na contramão do interesse do governo brasileiro de que o processamento dos minerais críticos seja feito dentro do país. O presidente Lula (PT) já sinalizou que a geração de valor agregado dessas matérias-primas no Brasil é uma condicionante para um eventual acordo entre brasileiros e americanos.

Autoridades brasileiras estiveram nos EUA no início de dezembro para tratar do assunto, mas não há indícios de que um acordo esteja prestes a sair. O Ministério de Minas e Energia disse que “mantém diálogo contínuo com diversos parceiros estratégicos sobre temas relacionados a minerais críticos e estratégicos”.

Um acordo entre os dois governos poderia ser semelhante ao assinado entre os EUA e a Austrália em outubro, quando os americanos se comprometeram a investir US\$ 8,5 bilhões (cerca de R\$ 46 bi) no processamento de minerais críticos no país da Oceania.

Para Erasto Almeida, executivo da Safe, organização que atua com o governo americano para modelar estratégias sobre minerais críticos, um acordo entre os dois governos não é essencial para garantir um fornecimento estável de minerais para os EUA.

“O Brasil tem um setor de mineração aberto ao investimento estrangeiro. Então, em teoria, não é realmente necessário ter acordos entre governos para avançar esses projetos de mineração. Mas, é claro, ter boas relações políticas bilaterais é importante”, diz.

Pessoas que acompanham o tema pelo lado americano disseram à reportagem que o governo Trump tem interesse em firmar acordos com o Brasil mesmo já tendo feito acordos com empresas diretamente. Um dos interesses é que empresas americanas recebam o direito de ser as primeiras a receber ofertas por minerais críticos extraídos Brasil ou as primeiras a terem acesso a reservas licitadas.

Prefeitos de oito capitais ganham mais do que os governadores

Reforma administrativa em tramitação quer limitar ganhos de gestores municipais, mas medida valerá apenas para cidades pequenas

Luany Galdeano

BRASÍLIA Prefeitos de oito capitais recebem salários maiores do que os dos governadores de seus respectivos estados, com diferenças de até R\$ 20,5 mil. O salário bruto dos gestores municipais chega a R\$ 52 mil por mês, cifra que fura o teto constitucional (de R\$ 46.366,19).

A maior diferença verificada foi entre o prefeito de Cuiabá, Abilio Brunini (PL), e o governador de Mato Grosso, Mauro Mendes (União). Enquanto Mendes recebe um salário bruto de R\$ 32,3 mil por mês, Brunini ganha R\$ 52,9 mil.

A remuneração de Brunini é composta por um vencimento básico de R\$ 34,9 mil, sujeito a Imposto de Renda e ao limite constitucional, e uma verba indenizatória de R\$ 18 mil por mês, que não é taxada pelo IR e pode ultrapassar o teto. Com isso, ele recebe mais do que o presidente da República e ministros do STF (Supremo Tribunal Federal).

A verba foi instituída por uma lei municipal em 2021, pelo “não recebimento de diárias, adiantamentos, ajuda de custo, despesas com telefones celulares, segurança, alimentação”, no caso de atividades externas no município e para outros gastos do cargo.

Em nota, a prefeitura afirma que o vencimento básico do prefeito não ultrapassa o teto, como previsto na Constituição, mas a verba indenizatória é autorizada pela legislação local e tem legitimidade reconhecida por órgãos fiscalizadores.

A reforma administrativa, protocolada na Câmara dos Deputados no fim de outubro, prevê limites para as remunerações de prefeitos, que não poderiam ultrapassar 80% dos vencimentos de governadores. No entanto, a mudança vale apenas para cidades pequenas, com maior dependência em relação a repasses de verbas estaduais e federais.

Questionado sobre a proposta não estender as regras às capitais, o deputado Pedro Paulo (PSD-RJ), que presidiu o grupo de trabalho sobre a reforma na Câmara dos Deputados, afirmou que os salários desses prefeitos são definidos autonomamente, mas limitados pelo teto.

“Acho que é suficiente: quem abusar, que enfrente o desgaste com o seu eleitor”, afirmou.

Outro prefeito com uma ampla diferença salarial em relação

ao governador é Eduardo Paes (PSD), do Rio de Janeiro. Paes recebe R\$ 35.608 por mês, enquanto Cláudio Castro, chefe do Executivo estadual, ganha R\$ 21.868. Paes é um dos principais aliados políticos de Pedro Paulo.

Em nota, a Prefeitura do Rio de Janeiro afirma que os salários de Paes são estabelecidos por lei municipal, aprovada pela Câmara de Vereadores. A gestão não comentou sobre o fato de que as cifras superam o salário do governador.

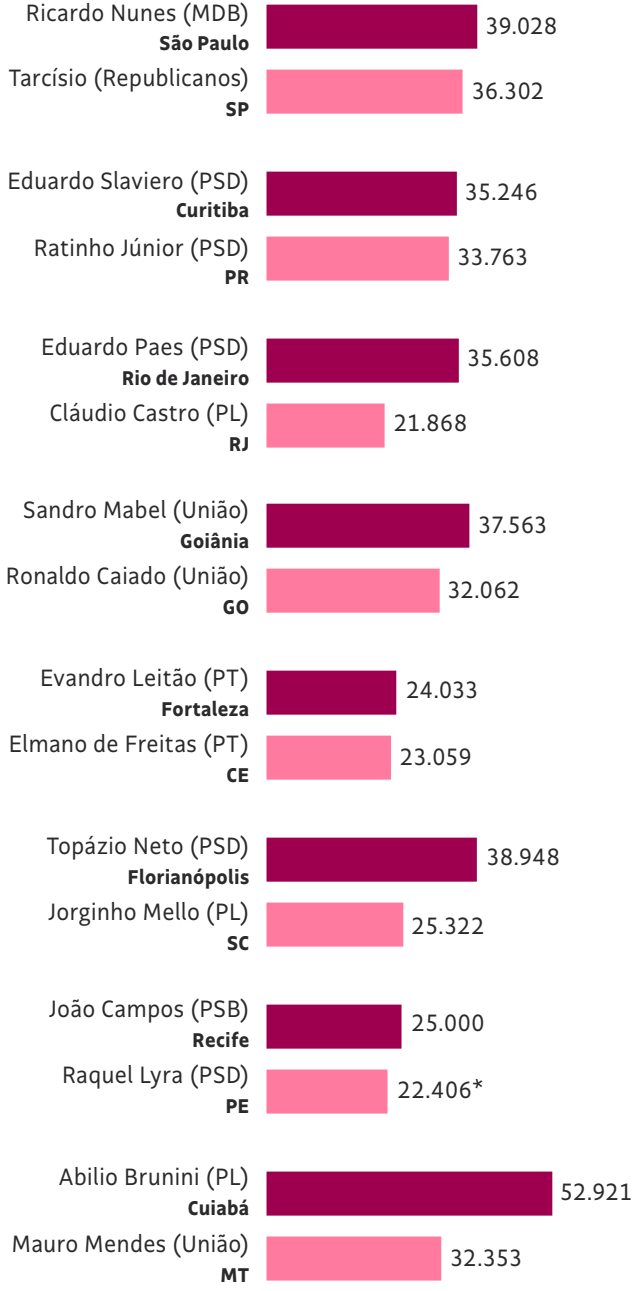
Ricardo Nunes (MDB), prefeito de São Paulo, é o segundo mais bem remunerado do país, atrás apenas do de Cuiabá. Nunes ganha um salário bruto de R\$ 39 mil, acima do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), cujo vencimento mensal é de R\$ 36 mil. A Prefeitura de São Paulo afirma que o salário é fixado pela Câmara Municipal, conforme prevê a Constituição.

No Recife, o prefeito João Campos (PSB) recebe um salário de R\$ 25 mil, superior ao previsto para a governadora do estado,

Salários de prefeitos e governadores

Em R\$

- Salário do prefeito
- Salário do governador



* Salário previsto em lei para o cargo de governador

Fonte: dados dos portais da transparência e legislações municipais e estaduais



Abilio Brunini, prefeito de Cuiabá (MT), recebe até R\$ 52,9 mil por mês Rennan Oliveira/Prefeitura de Cuiabá

de R\$ 22,4 mil. No entanto, Raquel Lyra (PSD) também é procuradora de Pernambuco e, por isso, optou por receber os vencimentos referentes a esse cargo, que são maiores. Por isso, na prática, Campos recebe menos do que Raquel. Procurada, a Prefeitura de Recife não respondeu à reportagem.

As outras capitais onde os prefeitos ganham mais do que os governadores são Curitiba (PR), Goiânia (GO), Fortaleza (CE) e Florianópolis (SC).

Em nota, a Prefeitura de Goiânia, sob gestão de Sandro Mabel (União), afirma que os salários do prefeito, vice-prefeita e secretários municipais foram definidos pela legislatura anterior e passaram a vigorar em setembro de 2024. Não houve reajustes em 2025 e 2026.

As gestões de Eduardo Slaviero (PSD) em Curitiba, de Evandro Leitão (PT) em Fortaleza e de Topázio Neto (PSD) em Florianópolis não responderam aos questionamentos da reportagem.

A reforma administrativa traz uma série de mudanças para os municípios. Além da limitação de salários de prefeitos, o texto também propõe limites para gastos de vereadores e para número de secretarias municipais, entre outros.

Essas regras se aplicam apenas a cidades em que as despesas para custeio da administração pública superam a receita corrente líquida, com exceção das capitais. No caso do limite para salário do prefeito e para número de secretarias, as mudanças também variam de acordo com o número de habitantes dos municípios.

Dados mais recentes do PIB (Produto Interno Bruto) dos municípios, mostram que há duas capitais que têm a administração pública como principal fonte de renda: Macapá (AP) e Boa Vista (RR). Se a regra prevista na reforma se aplicasse às capitais, ambos os prefeitos seriam afetados pelo limite remuneratório.

Pela proposta, prefeitos de cidades que tenham entre 300 mil e 500 mil habitantes só poderiam ganhar até 70% dos salários dos governadores. Em Macapá, o prefeito Antônio Furlan (MDB) recebe R\$ 31.920, enquanto em Boa Vista o prefeito Arthur Henrique Brandão (MDB) ganha R\$ 24.789,20. As cifras são 96,7% e 72% dos salários dos governadores do Amapá e de Roraima, respectivamente.

Ursula Peres, professora de gestão pública da USP (Universidade de São Paulo), afirma que o número de habitantes não deveria ser um dos critérios principais para o estabelecimento de regras para os municípios. “Um prefeito de São Paulo e do Rio não vai ganhar o equivalente ao prefeito de Borá [interior de São Paulo], seja em valor nominal ou em percentual de receita. Como regrar isso para que todos ganhem menos que o governador e com coerência, garantindo autonomia?”

Seria necessário, segundo a professora, pensar em indicadores de gestão local que combinem variáveis financeiras, diagnóstico de capacidade estatal e de desigualdades para estratificar municípios para além da população.



FOTO REAL DO BOA VISTA ESTATES

NASCE UMA TRADIÇÃO

Grandes lotes e estâncias a partir de 20.000 m²,
em uma área total de 700 hectares.



SAIBA MAIS



JHSF
SURPREENDENTE

BOA VISTA
ESTATES

economia

E se a aposta na IA estiver errada?

Ainda não há vencedores entre visões de China e EUA para a inteligência artificial

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Tim Wu é professor da faculdade de direito de Columbia, nos EUA. É referência quando o assunto envolve tecnologia e economia. Chegou inclusive a trabalhar na Casa Branca com temas de antitruste.

Ele acaba de escrever um dos artigos mais importantes para pensar a inteligência artificial, publicado pelo Financial Times. No título, pergunta: “Os EUA podem ganhar a corrida da IA e mesmo assim perder a guerra?”. No caso, “a guerra” diz respeito à China.

O argumento tenaz e inarredável que Tim Wu traz no seu artigo é: os EUA estão 100% investidos no sucesso da inteligência artificial. Nunca na história do país houve uma aposta tão gigantesca em uma única tecnologia. Estamos falando de investimentos com potencial de ultrapassar US\$ 1 trilhão (R\$ 5,41 tri). É mais do que a humanidade gastou para ir à Lua, criar a bomba atômica e desenvolver a internet, somados. A aposta dos EUA é de que ao assumir a liderança da inteligência artificial, tanto em infraestrutura como na chamada “superinteligência”, isso seria capaz de destravar uma bonança econômica jamais vista, permitindo à humanidade não só resolver todos os seus gargalos (energia, medicamentos, comida e outros) como também conquistar os planetas (essas palavras grandiosas vêm de textos de personalidades do Vale do Silício).

A estratégia lembra um famoso episódio da série South Park. Nele, os gnomos criam um plano de negócios para enriquecerem em três etapas. A primeira é coletar todas as cucas da humanidade. A segunda é um ponto de interrogação. E a terceira é o lucro. Tal como a série, entre a inteligência artificial e o lucro existe hoje um enorme ponto de interrogação.

É nesse momento que Tim Wu olha para a China. Ao contrário da percepção mais comum, o país não está 100% investido em IA, como os EUA. Ao contrário. Os investimentos chineses na área são relativamente modestos, na casa de US\$ 100 bilhões. A aposta chinesa está em vários setores distintos. O país está colocando suas fichas em veículos elétricos (em que domina 70% da produção), painéis solares (85% de domínio) e baterias (75% da produção).

Mesmo incluindo a IA, a aposta chinesa não é a superinteligência. É a eficiência. Enquanto os EUA buscam fenômenos da ficção científica como a “singularidade”, os chineses querem que a IA seja capaz de melhorar a eficiência produtiva: plantas industriais, robôs, veículos, comércio e outros setores.

Tim Wu reconhece com habilidade no artigo que entre a visão chinesa e a dos EUA ainda não há vencedores. O mercado de capitais tem premiado quem investiu em IA no modelo americano, por exemplo.

Se a aposta dos EUA estiver correta, o prêmio na mesa é a supremacia. Não só econômica, mas militar, científica e além. Quem duvida poderá “pagar língua”.

Mas o fato é que tudo isso lembra o artigo que escrevi em agosto de 2024 aqui na Folha: a economia global está se tornando uma grande “bet” planetária. O que antes entendíamos como investimento, vira progressivamente só aposta. Indivíduos, empresas e agora países passam a assumir riscos existenciais, colocando tudo na mesa. Os dados estão lançados.

READER

Já era um tempo em que a palavra bet significava um jogo de taco jogado na rua
Já é a palavra bet em toda parte
Já vem a lógica das ‘bets’ dominando segmentos cada vez maiores da economia



Data center da Amazon nos EUA; no Brasil, MP sobre o tema caduca em 2 de janeiro Noah Berger -2.out.25/Reuters

Investimento em data centers está paralisado por incerteza sobre tributos, diz entidade

Segundo a ABDC, empresas aguardam aprovação de MP do Redata

Patrícia Campos Mello

SÃO PAULO Os investimentos em data centers estão paralisados enquanto as empresas esperam pela votação da medida provisória do Redata, regime tributário especial para o setor, segundo a ABDC (Associação Brasileira de Data Center).

De acordo com empresários do setor e representantes das big techs, as incertezas jurídicas causadas pela resolução da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), que começou a exigir a certificação desses equipamentos, acrescidas da demora em aprovar o Redata, estão emperrando investimentos. O programa reduz a zero a alíquota dos impostos federais dos produtos comprados pelas empresas construindo esses complexos no país.

“Desde que o ministro [da Fazenda] Fernando Haddad anunciou o Redata, em maio, os grandes investimentos estão congelados, esperando os benefícios tributários. Enquanto isso, vários outros países já implementaram incentivos e estão atraindo grandes investimentos”, diz Luís Tossi, vice-presidente da ABDC.

Ele cita a Argentina, que tem o programa Rigi (Regime de Incentivos para Grandes Investimentos), com benefícios fiscais para investimentos em tecnologia e energia. A OpenAI e a Sur Energy assinaram carta de intenções para um investimento de US\$ 25 bilhões (R\$ 136 bilhões) em um data center de 500 megawatts na Patagônia.

O TikTok anunciou neste ano que está investindo em um data center de 300 megawatts no Ceará, no Complexo do Pecém,

com aporte de R\$ 200 bilhões na primeira fase, vindo de vários sócios. O projeto terá benefícios tributários das ZPEs (Zonas de Processamento de Exportações). Mas, segundo Tossi, afora esse, houve apenas anúncios esparsos de data centers de pequena capacidade neste ano por causa da incerteza tributária.

Segundo a ABDC, o Brasil tem 163 data centers, a maioria de pequeno porte. Os EUA têm 5.381, a Alemanha tem 521, o Reino Unido, 514 e a China, 449. A estimativa de analistas é que o Brasil poderia receber cerca de R\$ 60 bilhões em investimentos nesses equipamentos nos próximos quatro anos.

O governo havia costurado acordo para incluir no PL 2.338 (PL de IA) o Redata, que prevê isenção de tributos na aquisição de componentes eletrônicos e de outros produtos de tecnologia da informação e comunicação. Seria uma maneira de angariar apoio para o marco regulatório de IA (inteligência artificial), uma vez que há forte interesse do setor de energia e de tecnologia na medida.

O PL 2.338 foi aprovado no Senado em dezembro de 2024 e agora tramita na Câmara. A expectativa era que o relator do projeto na Câmara, deputado Aguinaldo Ribeiro (PP-PB), divulgasse

o relatório no fim de novembro, mas as tensões entre o governo e a Câmara atrapalharam.

Segundo apurou a Folha, o governo mantinha esperanças de que o relatório fosse apresentado nesta semana e seguisse para votação. Mas, segundo o portal Jota, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), afirmou a interlocutores que não será possível votar o texto antes do recesso parlamentar.

Com isso, volta a pressão para que o Congresso analise a MP 1.318/2025, do Redata, que foi apresentada em 18 de setembro e caduca em 2 de janeiro se não for analisada nas próximas semanas. O deputado Aguinaldo Ribeiro deve ser o relator da medida.

O projeto de IA é uma pauta cara ao governo e a ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) como Gilmar Mendes. Mas, segundo representantes das big techs e pessoas envolvidas na negociação do texto, ainda há pontos sem consenso que podem acabar ficando de fora, como a cobrança de direitos autorais sobre dados usados em treinamento de modelos de IA. Esse ponto enfrenta forte oposição das plataformas de internet. Outro item sem consenso é a natureza das listas de IA consideradas de alto risco e sujeitas a maior supervisão.

O Redata é criticado por ambientalistas e parte da esquerda pelo impacto ambiental dos data centers, que consomem muita água e energia elétrica. Mas os incentivos tributários previstos na medida têm pré-condições, como o uso de energia renovável e parâmetros de eficiência hídrica.

R\$ 60 bilhões

é quanto o Brasil poderia receber em investimentos no setor nos próximos quatro anos, segundo analistas

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Roberto Campos Neto / Marcos Lisboa / Candido Bracher / Ana Paula Vescovi
SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo / Michael Viriato TER. Michael França / Cecília Machado, Mauro Zafalon
QUA. Bernardo Guimarães / Jerson Kelman, Vinicius Torres Freire QUI. Solange Srouf, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva
SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SÁB. Marcos Mendes / Laura Müller Machado

Encontra-se ABERTA no Departamento Regional de Saúde IV – Baixada Santista, LICITAÇÃO na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO nº 90259/2025, processo 024.00169133/2025-89, destinado a Contratação de Empresa Especializada na Prestação de Serviço de Equipe Multidisciplinar em Saúde, na Modalidade Interação Domiciliar em cumprimento à ação judicial, pertencente a este DRS IV, tipo MENOR PREÇO. A realização da sessão será no dia 29/12/2025 às 10:00 horas, por intermédio do site www.gov.br/compras O Edital da presente licitação encontra-se disponível para consulta no site www.gov.br/compras

Encontra-se ABERTA no Departamento Regional de Saúde IV – Baixada Santista, LICITAÇÃO na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO nº 90263/2025, processo 024.00169137/2025-67, destinado a a Contratação de Empresa Especializada na Prestação de Serviço de Equipe Multidisciplinar em Saúde, na Modalidade Interação Domiciliar em cumprimento à ação judicial, pertencente a este DRS IV, tipo MENOR PREÇO. A realização da sessão será no dia 29/12/2025 às 10:00 horas, por intermédio do site www.gov.br/compras O Edital da presente licitação encontra-se disponível para consulta no site www.gov.br/compras

Encontra-se ABERTA no Departamento Regional de Saúde IV – Baixada Santista, LICITAÇÃO na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO nº 90261/2025, processo 024.00169136/2025-12, destinado a a Contratação de Empresa Especializada na Prestação de Serviço de Equipe Multidisciplinar em Saúde, na Modalidade Interação Domiciliar em cumprimento à ação judicial, pertencente a este DRS IV, tipo MENOR PREÇO. A realização da sessão será no dia 29/12/2025 às 10:00 horas, por intermédio do site www.gov.br/compras O Edital da presente licitação encontra-se disponível para consulta no site www.gov.br/compras

Edital de Convocação - Assembleia Geral Ordinária - Pelo presente edital, ficam **CONVOCADOS** todos os associados do **SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE GUARULHOS**, quites com os cofres da Entidade e em pleno gozo de seus direitos estatutários, a comparecerem na **Assembleia Geral Ordinária**, que se realizará no próximo dia 18 (dezoito) de dezembro de 2025, às 16h00m em primeira convocação, na sede social deste Sindicato, sito à Rua Ipê, nº 139, Centro, Guarulhos/SP, para deliberarem sobre a seguinte **Ordem do Dia:** **a)** Leitura, discussão e votação da ata de Assembleia anterior; **b)** Leitura, discussão e votação da Proposta Orçamentária para o Exercício de 2026. De acordo com o referido Estatuto combinado com a legislação vigente, o não comparecimento de número legal de associados para realização da Assembleia em primeira convocação, e, uma hora depois, em segunda convocação, depois de observado o quórum mínimo equivalente a maioria simples dos associados presentes (art. 16, §2º, do Estatuto). **Agnardo Melo Vidal** - Presidente

Edital de Convocação - SINDICATO DOS EMPREGADOS ADMINISTRATIVOS E TRABALHADORES NOS ESCRITÓRIOS DE EMPRESAS DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS TERRESTRES DE SÃO PAULO E ITAPEERICA DA SERRA, através de seu Presidente, em cumprimento aos Artigos 15, 16 incisos III e IV, 17, 18 e 19, vêm **CONVOCAR** todos os trabalhadores pertencentes à categoria profissional, associados ou não à entidade sindical, para que compareçam à **Assembleia Geral** que se realizará à Av. Rangel Pestana, nº1292, sala 10, Brás, São Paulo/SP, no dia 19/12/2025 (Sexta), às 15 horas em primeira convocação e às 16 horas em segunda e última convocação, com qualquer numero de presentes, para discutirem e deliberarem sobre a seguinte **Ordem do Dia:** **A)** Leitura e aprovação da Ata da Assembleia anterior; **B)** Discussão e Votação da Prestação de Contas relativa ao exercício de 2024; **C)** Discussão e Votação da Previsão Orçamentária para o exercício de 2026; **D)** Assuntos Diversos da entidade. São Paulo, 12 de dezembro de 2025. **Francisco Barbosa Firmino** - Presidente em Exercício.

JUSTIÇA ELEITORAL

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE ALAGOAS

AVISO DE LICITAÇÃO

PREGÃO ELETRÔNICO Nº 90050/2025

Processo nº 0007658-46.2025.6.02.8000

O Tribunal Regional Eleitoral de Alagoas, através da Seção de Licitações e Contratos, torna pública a realização de procedimento licitatório, modalidade Pregão Eletrônico, no dia 29 de dezembro de 2025, às 09:00h. (horário de Brasília), no site www.comprasnet.gov.br, cujo objeto é a aquisição de um veículo automotor tipo van de passageiros, a partir de 15 + 1 lugares para o TRE-AL, conforme condições, quantidades e exigências estabelecidas no Edital e seus anexos. O veículo deverá ser de marca consolidada no mercado, com disponibilidade de peças e serviços de assistência técnica no Estado de Alagoas. O edital poderá ser obtido nos sites: www.comprasnet.gov.br ou <https://www.tre-al.jus.br/transparencia-e-prestacao-de-contas/contratacoes/licitacoes/pregoes/pregoes-2025> ou, ainda, na Seção de Licitações e Contratos, localizada na Avenida Aristeu de Andrade, nº 377 - Farol - Maceió/AL, 6º andar, mediante gravação em mídia eletrônica (pen drive) trazida pelo interessado. Esclarecimentos: Fone: (82) 2122-7764/7765. Maceió, 12 de dezembro de 2025.

Ingrid Pereira de Lima Araújo - Chefe da Seção de Licitações e Contratos.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO VERMELHO

A Prefeitura Municipal de Rio Vermelho torna público a celebração do Termo de Fomento nº 025/2025, pactuado com Associação beneficente do hospital João Cesar de Oliveira. Cuj o objeto refere-se à complementação da folha de pagamento dos meses de novembro e dezembro de 2025, com ênfase no custeio da 1ª parcela do 13º (décimo terceiro) salário dos profissionais responsáveis pela execução dos serviços de saúde. Vigência será de 45 (quarenta e cinco) dias - Valor total R\$ 60.027,22 (sessenta mil, vinte e sete reais e vinte e dois centavos).

A Prefeitura Municipal de Rio Vermelho, torna público a realização do Primeiro Termo aditivo ao termo de fomento nº 03/2025 Pactuado ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO HOSPITAL JOÃO CESAR DE OLIVEIRA. Objeto: retificar o valor da 12ª parcela prevista no Termo de Fomento nº 003/2025, adequando-o à efetiva transferência financeira realizada pelo Estado de Minas Gerais. Vigência a partir da data de assinatura, com término previsto para 31 de dezembro de 2025.

A Prefeitura Municipal de Rio Vermelho torna público a celebração do Termo de Fomento nº 023/2025, pactuado com ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE RIO VERMELHO, cujo objeto refere-se à execução de ações esportivas e socioeducativas voltadas ao desenvolvimento integral dos participantes, ao acolhimento de pessoas com deficiência e suas famílias, ao fortalecimento de vínculos familiares, ao apoio a alunos em situação de risco e à promoção de cuidados com o corpo. Vigência a partir de 02 de fevereiro de 2026, estendendo-se até 31 de novembro de 2026.

A Prefeitura Municipal de Rio Vermelho torna público a celebração do Termo de Fomento nº 024/2025, pactuado com A BEM ESTAR DO MENOR DE RIO VERMELHO, Cuj o objeto refere-se o atendimento de até 40 crianças de 6 a 12 anos, com oferta de acolhida, orientação, reforço escolar, atividades de convívio e fortalecimento de vínculos no Centro Comunitário, incluindo oficinas do Programa CLAVES. Vigência a partir de 02 de fevereiro de 2026, estendendo-se até 15 de dezembro de 2026.

Azul S.A.

CNPJ/MF nº 09.305.994/0001-29 – NIRE 35.300.361.130

Companhia Aberta – Código CVM nº 02411-2

Edital de Convocação para Assembleia Geral de Debenturistas da Primeira Emissão de Debêntures Conversíveis em Ações Preferenciais da Azul S.A.

Azul S.A., sociedade anônima com registro de companhia aberta perante a Comissão de Valores Mobiliários ("CVM"), com sede na Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, nº 939, Edifício Jatobá, 8º andar, Castelo Branco Office Park, Tamboré, CEP 06460-040, na Cidade de Barueri, Estado de São Paulo, registrada no Cadastro Nacional sob o nº 09.305.994/0001-29 ("Azul", "Companhia" ou "Emissora"), na qualidade de Emissora no âmbito do "Instrumento Particular de Escritura de Emissão de Debêntures Conversíveis em Ações Preferenciais, da Espécie com Garantia Real, com Garantia Fidejussória Adicional, da Primeira Emissão de Azul S.A." ("Escritura" e "Debêntures", respectivamente), celebrado em 26 de outubro de 2020, conforme aditado, entre a Emissora, a Vórtx DTVM Ltda. ("Agente Fiduciário") e as Garantidoras (conforme definido na Escritura), vem, por meio deste instrumento, convocar os titulares das Debêntures ("Debenturistas") para se reunirem na Assembleia Geral de Debenturistas ("AGD"), a ser realizada, em primeira convocação, na data de **05 de janeiro de 2026, às 15 horas, de modo exclusivamente digital**, por meio da plataforma *Microsoft Teams*, com link de acesso a ser encaminhado pela Emissora e/ou pelo Agente Fiduciário aos Debenturistas habilitados, de acordo com a Lei nº 6.404/76, conforme alterada ("LSA") e a Resolução CVM nº 81/2022 ("RCVM 81"), a fim de deliberar sobre a seguinte Ordem do Dia: (a) A inclusão de nova cláusula de conversibilidade obrigatória das Debêntures em Ações Preferenciais a ser realizada pela Companhia, mediante a comunicação prévia aos Debenturistas, constando o mecanismo de conversão das Debêntures, indicando a data de conversão e a sua respectiva razão. **Informações Adicionais:** A Companhia apresentará, por meio de proposta da administração, a proposta para redação das cláusulas decorrentes da aprovação do item (a) da Ordem do Dia. Informações adicionais sobre a AGD e as matérias constantes da Ordem do Dia podem ser obtidas junto à Companhia por meio de seu canal de relacionamento com investidores (<https://ri.voeazul.com.br>; ou e-mail invest@voeazul.com.br), e/ou ao Agente Fiduciário, por meio do e-mail: agentefiduciario@vortx.com.br // ahg@vortx.com.br. A AGD será realizada através da plataforma eletrônica *Microsoft Teams*, com link de acesso a ser disponibilizado pela Emissora e/ou pelo Agente Fiduciário àqueles Debenturistas que enviarem solicitação, via e-mail, para invest@voeazul.com.br, com cópia para agentefiduciario@vortx.com.br // ahg@vortx.com.br, com antecedência mínima de 2 (dois) dias a contar da data de realização da AGD, nos termos do art. 6º, § 3º da RCVM 81, os seguintes documentos: (i) **se pessoa física:** documento de identificação original, com foto; (ii) **se pessoa jurídica:** cópia autenticada do último estatuto ou contrato social consolidado e da documentação societária outorgando poderes de representação (ata de eleição dos diretores e/ou procuração com poderes específicos para sua representação na AGD); e (iii) **se Fundo de Investimento:** cópia autenticada do último regulamento consolidado do fundo e do estatuto ou contrato social do seu administrador ou gestor, além da documentação societária outorgando poderes de representação (ata de eleição dos diretores e/ou procuração com poderes específicos para sua representação na AGD). As procurações deverão ser outorgadas observando-se o art. 126 da LSA. O representante legal do Debenturista deverá submeter à AGD a respectiva procuração válida, além de documento que comprove a sua identidade. Sem prejuízo dos prazos e procedimentos aqui previstos, solicita-se ao Debenturista que envie à Companhia, tão logo possível, as vias digitalizadas da documentação aplicável via e-mail: invest@voeazul.com.br (assunto: AGD – 05 de janeiro de 2026). Os termos iniciados por letra maiúscula, que não estiverem aqui definidos, têm o significado que lhe foi atribuído na Escritura, ou em seus documentos correlatos, conforme aplicável. A Companhia não se responsabiliza por eventuais falhas de conexão ou problemas operacionais de acesso ou equipamentos dos Debenturistas. Os documentos divulgados pela Companhia, relacionados à AGD, incluindo a Escritura, estão disponíveis para consulta na sede da Companhia, no seu website de Relações com Investidores (ri.voeazul.com.br), bem como nos websites da CVM (www.gov.br/cvm/pt-br), da B3 S.A. – Brasil, Bolsa, Balcão (www.b3.com.br); da U.S. Securities and Exchange Commission – SEC (www.sec.gov); e do Agente Fiduciário (<https://vortx.com.br/>). Barueri/SP, 15 de dezembro de 2025. **Alexandre Wagner Malfitani** – Diretor (Vice-Presidente Financeiro e de Relações com Investidores. (15, 16 e 17/12/2025)



Manifestação de agricultores contra pacto UE-Mercosul em Paris Stephane Mahe -14.out.25/Reuters

França pede à UE que adie acordo com o Mercosul

Franceses querem que votações nesta semana sejam postergadas; expectativa é de assinatura no sábado (20)

SÃO PAULO A menos de uma semana da data prevista para a assinatura do acordo entre Mercosul e União Europeia, a França pediu neste domingo (14) o adiamento das votações do tratado pelo Parlamento Europeu e Conselho Europeu, marcadas para as próximas terça (16) e quinta-feira (18).

O país, um dos mais resistentes ao tratado, avalia que as condições para uma votação dos Estados-membros do bloco europeu ainda não estão dadas.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, quer assinar o tratado de livre comércio com Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai no próximo sábado (20), durante a cúpula do Mercosul em Foz do Iguaçu (PR). Se aprovado, o acordo UE-Mercosul criaria um mercado comum de 722 milhões de habitantes. A assinatura é o primeiro passo para a tramitação do texto.

A votação no Parlamento Europeu, marcada para esta terça, avaliará medidas de salvaguarda destinadas a tranquilizar os agricultores, especialmente os franceses.

A Comissão Europeia anunciou em setembro um mecanismo de “monitoramento reforçado” para os produtos agrícolas expostos a este acordo comercial como a carne bovina, de aves, o arroz e o etanol e a possibilidade de intervir no mercado em caso de uma desestabilização.

O dispositivo prevê, por exemplo, que os produtos vindos da América do Sul respeitem as rígidas normas sanitárias da União Europeia.

Também foi negociado o teor das salvaguardas que protegem o país importador de alterações bruscas no mercado. Se um produto ou mercado sofrer uma flutuação superior a 10% nas importações, para cima ou para baixo, em qualquer um dos 27 países do bloco, uma investigação seria lançada por Bruxelas.

Antes do comunicado do governo francês, o ministro de Economia e Finanças, Roland Lescure, já havia afirmado, em entrevista ao jornal alemão Handelsblatt que, “em seu formato atual, o tratado não é aceitável”.

Com Reuters e AFP

Governo Lula prega cautela e negociação

Integrantes do governo brasileiro avaliam que o momento é de cautela. O Itamaraty vinha monitorando movimentações de grupos contrários ao acordo em alguns países e já havia identificado tentativas de adiamento da votação no Conselho Europeu. A interpretação de negociadores brasileiros é que pedidos dessa ordem podem ser também uma forma de pressão dos europeus, com o objetivo de obtenção de benefícios que ainda não fazem parte do acordo.

A orientação entre os brasileiros é manter as conversas nos bastidores até que a votação ocorra ou seja oficialmente adiada.

“Eu posso lhe garantir que no dia 20 de dezembro estarei assinando o acordo União Europeia-Mercosul”, disse Lula em entrevista ao final do encontro de líderes do G20, no fim de novembro. “Possivelmente seja o maior acordo comercial do mundo”, afirmou.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA - IICA

EDITAL Nº 446/2025

ORGANISMO INTERNACIONAL PROJETO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA BRA/IICA/20/001

SELECIONA CONSULTOR(A) POR PRODUTO

Código: **TR/PI/IICA-39716**

Contratação de consultoria, pessoa física, na modalidade produto para orientar a expansão da capacidade analítica da Rede LFDA na área de análises fiscais de produtos formulados de agrotóxicos.

Formação: Possuir diploma de nível superior, devidamente reconhecido pelo MEC, em áreas relacionadas com as atividades da consultoria, tais como Química, Farmácia, bioquímica, engenharia química, agronomia. Adicionalmente, ter Certificado de capacitação na norma ISO 17025/2017 emitido a no máximo 2 anos, por instituição qualificada.

Experiência Profissional: a) Experiência em desenvolvimento de métodos de análise por cromatografia líquida aplicada a produto formulado; b) Experiência com o equipamento de cromatografia líquida com detector por arranjo de diodos (DAD) da marca Agilent modelo 1260 infinity e com o software Chemstation. Este é o equipamento que será disponibilizado para as atividades a serem executadas, sendo necessário conhecimento prévio visto que, devido ao curto período de execução do projeto, não haverá tempo hábil para treinamento de familiarização no equipamento e software. c) Experiência em validação de métodos de análise por cromatografia líquida empregando o guia SANCO 3030 da Comunidade Europeia para análise de produtos formulados de agrotóxico. Este guia é padrão adotado pela CGAL para validação de métodos de produtos formulados de agrotóxicos conforme documentação interna do Laboratório Federal de Defesa Agropecuária; d) Experiência em validação de métodos de análise por cromatografia líquida; e) Formação acadêmica em nível de mestrado ou doutorado.

Vigência Contratual: 01/02/2026

Número de Vagas: 1

Outras Informações: Para participar do edital de seleção os candidatos deverão se cadastrar no processo, imprimevelmente até o dia **04/01/2026 às 23:49:00h**. A responsabilidade pelo processo seletivo de serviços técnicos de consultoria é de competência da entidade executora nacional, conforme legislação vigente. A íntegra do edital e o resultado da seleção (após processo seletivo) poderão ser visualizados na página do IICA <https://www.iica.int/pt/node/75>

Fundamento Legal: Decreto nº 5151, de 22/07/04, Portaria MRE Nº 08 de 04/01/2017.

Kast vence Presidência do Chile, e país volta à direita em versão trumpista

Presidente eleito promete implementar política dura contra aumento da criminalidade

Douglas Gavras

SANTIAGO As urnas confirmaram o que as pesquisas eleitorais já apontavam, e o ex-deputado de ultradireita José Antonio Kast foi eleito neste domingo (14), derrotando a governista Jeannette Jara. Ele irá governar o Chile a partir do ano que vem.

Com 99% dos votos apurados, o candidato do Partido Republicano tinha 58,1% dos votos válidos, enquanto a candidata do Partido Comunista registrava 41,8%, de acordo com dados do Serviço Eleitoral do Chile.

Presidente mais à direita no Chile desde a ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990), Kast, 59, tentava, pela terceira vez, ser presidente.

A ordem pública e o controle da imigração irregular foram temas decisivos para a vitória de Kast neste domingo, em eleições presidenciais que também marcaram a volta do voto obrigatório.

Embora o Chile tenha uma baixa taxa de homicídio em comparação a vizinhos, é um dos países que mais se preocupa com a questão da criminalidade.

Ambos os candidatos prometiam proteger a fronteira norte, controlar a entrada de imigrantes, sobretudo da Venezuela, e combater o crime organizado, mas Kast propôs ações mais severas. Ele chegou a prometer expulsões em massa de imigrantes, depois recuando para corte de acesso a serviços básicos a estrangeiros vivendo de forma irregular no país, e prisões isoladas para líderes do tráfico.

Ainda assim, em comparação com suas tentativas anteriores, desta vez ele moderou seu discurso. O advogado evitou entrar em questões de direitos humanos, casamento igualitário ou a ditadura de Pinochet.



Eleitor segura imagem de José Kast em Santiago, no Chile

Ele prometeu buscar aliados para criar um “governo de emergência” e combater a criminalidade.

A eleição de Kast também representa o fim de um ciclo histórico para o país, iniciado após os protestos massivos de rua de 2019, que culminaram na vitória do esquerdista Gabriel Boric há quatro anos, e as tentativas de redigir uma nova Constituição.

Kast, que é advogado ultracatólico e ex-congressista, pode se tornar o primeiro presidente a apoiar publicamente o ex-ditador Augusto Pinochet. No entanto, sua estratégia nesta eleição foi não falar de suas convicções ultraconservadoras e enfatizar que o Chile enfrenta uma grande crise de segurança, atribuindo

isso à administração de Gabriel Boric, da qual Jara fez parte, apesar de as taxas de homicídio serem baixas na região.

Ele recebeu uma ligação de Jara e do presidente Gabriel Boric, para quem havia perdido as eleições em 2021. Também recebeu o apoio de dois ex-concorrentes à direita no primeiro turno, Evelyn Matthei e Johannes Kaiser.

“A democracia falou alto e claro. Acabei de falar com o presidente eleito, José Antonio Kast, para desejar-lhe sucesso para o bem do Chile”, escreveu Jara, em sua conta no X. “É na derrota que mais aprendemos e onde se fortalece o nosso compromisso democrático”, discursou a esquerdista em seguida. “Continuarei trabalhando

Raio-X do Chile



Área: 756.102 km² (pouco menor que MT)
 PIB: US\$ 330,3 bi (o do Brasil é US\$ 2,18 tri)*
 PIB per capita: US\$ 34.637 (no Brasil é US\$ 22.333)**
 IDH: 45ª posição, em 2023 (Brasil é o 84º)
 População: 18.480.432

*Em valores atuais, em 2024
 **Considerando paridade do poder de compra, em 2024
 Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial e PNUD

58,1%

Porcentagem de votos que José Antonio Kast tinha com 99% das urnas apurados na eleição deste domingo, segundo dados do Serviço Eleitoral do Chile. A candidata derrotada, Jeannette Jara, registrava 41,8%

por mais oportunidades, mais segurança e para que o progresso chegue em todo o Chile.”

Boric parabenizou Kast pela vitória e disse que irá colaborar com o presidente eleito. “Quero que saiba que, como presidente da República, estarei sempre à disposição para colaborar com o país”, afirmou o presidente, convidando também o líder republicano para uma reunião no Palácio de La Moneda nesta segunda-feira (15).

Kast, por sua vez, expressou que espera “uma transição ordenada e respeitosa, e que gostaria muito de ouvir as opiniões [de Boric] e sua visão para o país a partir de 11 de março”.

Ao contrário do primeiro turno, o dia foi frio e com uma leve chuva em diferentes regiões do país. Mas a votação ocorreu sem grandes incidentes.

Ao longo da campanha, Kast fez acenos ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, embora tenha dito em um debate que não pretende replicar a política anti-imigração nos moldes do aliado, com perseguição aos estrangeiros em situação ilegal.

Também fez acenos ao presidente da Argentina, Javier Milei, dizendo que recebeu uma ligação dele no primeiro turno e que pretende manter uma boa relação com os argentinos e outros vizinhos, como Bolívia e Peru.

De acordo com o Servel (Serviço Eleitoral do Chile), quase 15 milhões de cidadãos estavam aptos para votar no Chile e no exterior. As multas para os eleitores ausentes e que não cumpriram com algum dos motivos aceitos para não votar (como doença, estar fora do país ou a pelo menos 200 quilômetros do local de votação) vão de 30 mil a 130 mil pesos chilenos (de R\$ 108 a R\$ 611).

O próximo presidente dos chilenos terá que lidar, a partir de 11 de março, com um Legislativo sem forças majoritárias, ainda que em vantagem para a direita, que terá mais facilidade para compor maiorias pontuais.

O bloco de direita e ultradireita ficou a duas cadeiras de atingir a maioria na Câmara (76 de 155) e ficou empatado com a centro-esquerda e a esquerda no Senado.

Novo líder não repetirá experiência de Bolsonaro ou de Milei

Análise

Sylvia Colombo

SÃO PAULO A vitória de José Antonio Kast na eleição presidencial do Chile representa uma guinada à direita, mas dificilmente significará uma ruptura institucional ou a adoção de um modelo autoritário nos moldes de Jair Bolsonaro ou de Javier Milei.

Embora seja hoje o principal representante de uma direita mais radical no Chile, Kast vem operando dentro de limites políticos, culturais e institucionais que o distanciam do estilo intempestivo, confrontacional e antissistêmico que marcou experiências recentes na região.

Advogado, 59 anos, pai de nove

filhos e católico, Kast chegou à Presidência em sua terceira tentativa. Sua trajetória política é convencional: foi vereador e deputado por quatro mandatos antes de fundar, em 2019, o Partido Republicano, de ultradireita. Ao contrário de “outsiders”, ele é um político profissional, formado dentro das estruturas do sistema.

É, porém, também o primeiro presidente eleito após a ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990) que nunca rompeu com o legado do regime. Kast votou pelo “sim” no plebiscito de 1988 que decidiria a continuidade da ditadura. Seu principal mentor político foi Jaime Guzmán, ideólogo central da direita chilena,

fundador da União Demócrata Independente (UDI) e assassinado por guerrilheiros de extrema esquerda em 1991.

Desde sua primeira campanha presidencial, em 2017, Kast deixou claras suas posições. Defendeu o fechamento da fronteira para conter o narcotráfico, propôs o ensino religioso obrigatório nas escolas públicas e sugeriu o indulto a militares condenados por violações de direitos.

Obteve apenas 8% dos votos, mas já sinalizava um discurso que rompia com o esforço histórico da direita chilena pós-redemocratização de se apresentar como democrática e institucional, esforço simbolizado pelo legado



Kast vem operando dentro de limites políticos, culturais e institucionais que o distanciam do estilo intempestivo, confrontacional e antissistêmico que marcou experiências recentes na região

de Sebastián Piñera, presidente de direita em dois mandatos que votou pelo “não” em 1988 e condenou a repressão da ditadura.

Kast não alterou suas convicções centrais. Continua contrário ao casamento homoafetivo, à pílula do dia seguinte e à lei de identidade de gênero, e promete recolocar no debate temas como Deus, pátria e família. Suas posições são conhecidas. Resta saber se conseguirá avançar com elas em um país que foi às ruas por meses, em 2019, justamente contra esse tipo de agenda.

A eleição de Kast marca, ainda assim, um momento histórico. A ultradireita nunca governou o Chile desde o fim da ditadura.

Ataque terrorista em praia de Sydney mata 15 pessoas e fere 40 durante celebração judaica

Um dos atiradores também foi morto pela polícia após atentado em local turístico e movimentado da Austrália

Gabriel Barnabé e Renan Marra

SÃO PAULO No pior ataque em décadas na Austrália, homens armados abriram fogo, mataram ao menos 15 pessoas e feriram outras 40 durante um evento de celebração judaica na praia de Bondi, em Sydney, a mais famosa do país, neste domingo (14).

A polícia do estado de Nova Gales do Sul disse que os atiradores eram pai e filho. O primeiro foi morto, e o segundo, detido com ferimentos leves. O governo trata o episódio como ato terrorista.

Os policiais ainda investigam se um terceiro atirador esteve envolvido. Mike Burgess, funcionário da inteligência australiana, afirmou que um dos suspeitos era conhecido das autoridades, mas não considerado uma ameaça imediata. A identidade deles não foi divulgada.

Pelo menos uma criança morreu. Um cidadão de Israel também foi morto. As vítimas tinham de 10 a 87 anos, e não há informações sobre outros estrangeiros.

A polícia isolou o local, e esquadrões antibombas vasculharam a região em busca de dispositivos explosivos que pudessem ter sido instalados. Um artefato foi encontrado em um carro e removido pelos especialistas.

Uma das praias mais famosas do mundo, Bondi estava lotada de moradores e turistas. Vídeos que circulam na internet registram centenas de pessoas correndo em pânico durante o tiroteio.

Uma das gravações registra um dos criminosos em ação antes de ser imobilizado por um homem, aparentemente civil, que lhe tomou a arma. Ele foi chamado de herói pelo premiê. Outro vídeo mostra um atirador disparando várias vezes de uma passarela próxima, antes de ser atingido pelas forças de segurança.



Banhistas fogem da praia de Bondi após homens armados abrirem fogo, em Sydney, neste domingo (14) Mike Ortiz/AFP



O primeiro-ministro australiano, Anthony Albanese, do Partido Trabalhista, classificou o caso de chocante e angustiante. “Foi um ataque direcionado contra judeus australianos no primeiro dia do Hanukkah. Foi um ato de maldade, antissemitismo e terrorismo que assola o coração da nossa nação”, afirmou.

Em paralelo, o premiê foi alvo de críticas da oposição e de autoridades israelenses, que o acusam de tolerar ações contra judeus.

A Austrália —um dos países com maior população judaica no mundo, atrás de Israel e EUA— tem registrado uma série de ataques antissemitas contra sinagogas, prédios e carros desde o início da guerra de Israel em Gaza, em outubro de 2023. Estimativas apontam para cerca de 120 mil o número de judeus no país.

O premiê de Israel, Binyamin Netanyahu, acusou o governo australiano de ter alimentado o antissemitismo. “Há três meses, escrevi ao primeiro-ministro australiano dizendo que sua política está jogando gasolina no fogo do antissemitismo”, disse ele, referindo-se a uma carta que enviou a Albanese, em agosto, após o anúncio de Canberra de que reconheceria o Estado da Palestina.”

O caso repercutiu pelo mundo. O rei britânico Charles disse ter ficado entristecido. O presidente dos EUA, Donald Trump, por sua vez, afirmou que o ataque terrorista foi “puramente antissemita”.

Já o Itamaraty comunicou que não havia informações de brasileiros entre as vítimas. “O governo brasileiro expressa solidariedade às famílias das vítimas, às pessoas feridas e a todos os demais afetados, bem como ao povo e ao governo australianos.

O incidente é o pior do tipo na Austrália desde 1996, quando Martin Bryant, de 28 anos, matou 35 pessoas e feriu outras 23 na colônia prisional histórica de Port Arthur, um lugar turístico no sudeste da Tasmânia. Ele foi condenado a 35 prisões perpétuas. Foi depois desse caso que o Congresso australiano aprovou uma série de medidas que controlam o acesso a armas de fogo.

Com Reuters e AFP

Vi gente com cabeça explodida, diz brasileiro no país

SÃO PAULO O brasileiro Daniel Silva Gonçalves, 19, estava na praia de Bondi, em Sydney, no momento em que terroristas iniciaram o ataque neste domingo (14). “Eu escutei dois barulhos. Todo mundo pensou que eram fogos de artifício, mas sei identificar o barulho de tiro”, afirmou à Folha.

Nascido no interior do Rio de Janeiro e estudante de gastronomia, ele mora na Austrália há pouco mais de um ano e, como de costume aos finais de semana, pegou dois trens para chegar à praia de Bondi, uma das mais famosas e movimentadas do país. O local, disse, “estava cheio porque estava fazendo bastante calor”.

Ao chegar à praia, Daniel se sentou, junto com uma amiga, próximo a uma roda de samba conduzida por contrerrâneos



O brasileiro Daniel Gonçalves viu o ataque em Sidney Reprodução/Instagram

Quando começou a sequência de tiros, segundo Daniel, todos saíram correndo na mesma direção, da saída da praia. Ele estava há cerca de cem metros da ponte em que dois atiradores foram mais tarde rendidos. Ao ouvir os barulhos, ele conta ter visto os homens de longe.

“Essa ponte fica perto do vestiário, onde tem um banheiro para trocar de roupa e tomar banho.” Em cerca de um minuto, disse Daniel, viaturas da polícia já estavam no local, que é patrulhado de forma constante. Após cerca de cinco minutos, já havia algo em torno de 15 viaturas perto de onde ele estava e, minutos depois, um helicóptero começou a sobrevoar o local.

No local, ele afirmou ter visto muitas pessoas chorando, bale-

adas e jogadas ao chão. “Foi muito triste. Eu vi crianças chorando, gente com a cabeça baleada, com a cabeça explodida.”

Daniel conta que, em cerca de 30 minutos, quando ainda estava na região da praia, já tinha visto publicações nas redes sociais que alertavam sobre o que acabara de acontecer.

Com a fuga em massa e o isolamento policial, ele contou ter sido impossível solicitar carro por aplicativo e, por isso, decidiu ir embora a pé com sua amiga. Ambos tentaram embarcar nos ônibus que passavam pela praia, mas não conseguiram.

Daniel chegou em casa cerca de três horas após o atentado. Ele disse que sempre se sentiu seguro no país, mas hoje “pareceu um filme de terror”. GB

ORIENTE MÉDIO

Hamas confirma que líder morreu em Gaza e alerta sobre ameaça à trégua com Israel

CAIRO E DOHA | AFP E REUTERS O chefe do Hamas em Gaza, Khalil al-Hayya, confirmou neste domingo (14) que o comandante da produção de armas do grupo foi morto em um ataque israelense ocorrido na véspera na Faixa de Gaza.

A morte ameaça a trégua no território, disse Hayya em pronunciamento na Al-AqsaTV.

“Conclamamos os mediadores, e especialmente o principal garantidor, o governo dos EUA e o presidente Donald Trump, a trabalharem para obrigar Israel a respeitar o cessar-fogo e a se comprometer com ele”, acrescentou.

mundo

Cuidado vira política climática na COP30

Serviços públicos e proteção social passam a ser infraestrutura essencial

Bianca Santana

Doutora em ciência da informação, mestra em educação e jornalista. Autora de "Quando me Descobri Negra"

A COP30 marcou uma inflexão silenciosa na política climática internacional. Pela primeira vez, o cuidado foi incorporado formalmente aos marcos decisórios do regime global do clima.

De acordo com Geórgia Haddad Nicolau, especialista em estudos do cuidado e diretora do Instituto Procomum, o conceito diz respeito aos serviços públicos, à proteção social e ao trabalho cotidiano que sustenta a vida, do atendimento em saúde à alimentação, da educação ao acolhimento comunitário.

A inclusão da economia do cuidado no Programa de Trabalho de Transição Justa da COP e no Marco de Gênero Ampliado de Belém sinaliza uma mudança de paradigma. Enfrentar a emergência climática exige mais do que tecnologia, inovação verde e infraestrutura física. É fundamental estruturar sistemas capazes de proteger pessoas antes, durante e depois dos eventos extremos.

Durante décadas, resiliência climática foi associada a obras, metas de mitigação e soluções técnicas. Mas enchentes, secas e ondas de calor sobrecarregam também os sistemas de saúde, educação, assistência social e alimentação.

Então as necessidades cotidianas das pessoas atingidas, principalmente as mais vulneráveis, recaem sobre redes comunitárias e trabalho de cuidado não remunerado, feito majoritariamente por mulheres negras, indígenas e periféricas.

O relatório "Centering Care in Climate Finance", da economista jamaicana Mariama Williams, financiado pelo IDRC, centro público canadense de fomento à pesquisa para o desenvolvimento, ajuda a dimensionar a situação.

O estudo mostra que, embora a crise climática pressione diretamente serviços essenciais, menos de 5% do financiamento internacional de adaptação é destinado à saúde, e cerca de 2%, à educação.

A base material da resiliência continua fora das prioridades de investimento, apesar de sustentar a sobrevivência das populações mais expostas.

A proposta central do estudo é tratar sistemas de cuidado como infraestrutura climática. Serviços de saúde territorializados, educação integral, redes de proteção social, alimentação escolar e equipamentos comunitários reduzem perdas humanas, evitam deslocamentos forçados e ampliam a capacidade de adaptação. São, portanto, estruturas sem as quais as demais políticas públicas não funcionam.

Alguns países começaram a traduzir esse entendimento em compromissos formais. O México, por exemplo, lançou sua NDC 3.0 (Contribuição Nacionalmente Determinada) trazendo referências explícitas ao cuidado, especialmente no eixo de adaptação, conectando política climática e proteção social.

O avanço ganhou visibilidade institucional com a criação do Pavilhão dos Cuidados, que reuniu governos, organizações e pesquisadores para discutir clima, gênero e justiça social. Pela primeira vez, o cuidado deixou de ocupar um lugar periférico nas negociações internacionais.

Mas ainda está fora da disputa por recursos. O Programa de Trabalho de Adaptação, por exemplo, não menciona o cuidado.

Resiliência depende de sistemas capazes de proteger vidas. E essa certeza precisa estar não apenas nos debates políticos, mas nas ações concretas.

DOM. Sylvia Colombo SEG. Bianca Santana
TER. Mundo Leu QUA. Rui Tavares QUI. Lúcia Guimarães
SEX. Laura Greenhalgh SÁB. Igor Patrick

Ucrânia abre mão de aderir à Otan em troca de garantias de segurança de países ocidentais

Decisão representa mudança para Volodimir Zelenski, que pleiteava ingressar na aliança militar como salvaguarda contra ataques russos

BERLIM E KIEV | REUTERS A Ucrânia renunciou ao objetivo de ingressar na Otan, a aliança militar liderada pelos Estados Unidos, em troca de garantias de segurança ocidentais, disse o presidente Volodimir Zelenski neste domingo (14), no início de novas negociações de paz em Berlim. É, segundo ele, uma concessão na tentativa de encerrar a guerra com a Rússia, iniciada por Moscou.

Zelenski anunciou a decisão ao voar para a capital alemã, onde teve reuniões com Steve Witkoff, o enviado do presidente americano, Donald Trump, e o genro do republicano, Jared Kushner.

A Ucrânia pleiteava aderir à Otan como salvaguarda contra ataques russos e tem essa aspiração incluída em sua Constituição. A desistência, portanto, representa mudança significativa relacionada às demandas do país. Também atende a uma das exigências da Rússia. Em relação à outra demanda de Moscou, a cessão de território, Kiev tem mantido sua recusa.

Zelenski se reuniu com os en-

viados dos EUA em conversas organizadas pelo premiê da Alemanha, Friedrich Merz. Segundo um interlocutor, o alemão fez breves comentários e deixou os dois lados sozinhos para negociar. Outros líderes europeus também devem chegar ao país para diálogos nesta segunda (15).

Garantias de segurança dos EUA, Europa e outros parceiros, em vez da adesão à Otan, representam uma concessão por parte da Ucrânia, disse Zelenski antes das discussões.

“Desde o início, o desejo da Ucrânia era ingressar na Otan. Essas são garantias de segurança reais. Alguns parceiros dos EUA e da Europa não apoiaram esse pleito”, disse ele em resposta a perguntas de repórteres em um chat numa plataforma de mensagens.

“Assim, hoje, garantias de segurança bilaterais entre a Ucrânia e os EUA, garantias semelhantes ao artigo 5 [da Otan], e garantias de segurança de colegas europeus, bem como de outros países — Canadá, Japão — são uma oportunidade para evitar outra inva-

são russa”, disse Zelenski.

“E já é uma concessão da nossa parte”, afirmou ele, acrescentando que as garantias de devem ser juridicamente vinculantes.

O artigo 5 da Otan dita que um ataque armado contra um país-membro da aliança é considerado uma agressão contra todos, obrigando os outros membros a auxiliarem a nação atacada.

O presidente russo, Vladimir Putin, exigiu várias vezes que Kiev renunciasse às suas ambições ao ingresso na Otan e retirasse as tropas dos cerca de 10% do Donbass, leste russófono da Ucrânia, que ainda controla.

Moscou ainda disse que a Ucrânia deve ser um país neutro e que nenhuma tropa da Otan pode estar no território ucraniano.

Autoridades russas disseram ainda, no início deste ano, que Putin quer um compromisso por escrito das principais potências ocidentais de não expandir a Otan para o leste —o que excluiria formalmente a adesão da Ucrânia, Geórgia, Moldávia e outras ex-repúblicas soviéticas.



Steve Witkoff e Volodimir Zelenski se cumprimentam antes de reunião em Berlim Assessoria da Presidência da Ucrânia/APF

Partido pró-democracia mais antigo de Hong Kong é dissolvido; dirigentes citam pressão do regime

SÃO PAULO O partido pró-democracia mais antigo de Hong Kong, fundado em 1994, anunciou sua dissolução neste domingo (14), após seu congresso anual. A legenda costumava pressionar a China por reformas democráticas e pela defesa da liberdade.

O Partido Democrático foi criado no final do domínio colonial britânico em Hong Kong. Nos últimos anos, o governo de

Pequim intensificou o controle sobre Hong Kong, sobretudo após os protestos pró-democracia massivos e, por vezes, violentos, de 2019.

Após a imposição de uma lei de segurança nacional, a oposição foi enfraquecida e muitos ativistas pró-democracia estão agora presos ou exilados.

Integrantes seniores do partido disseram antes à agência de

notícias Reuters que foram abordados por autoridades ou intermediários chineses e instruídos a dissolver o partido. Caso contrário, teriam de enfrentar consequências graves, incluindo a possibilidade de prisão.

Em junho, outro grupo pró-democracia, a Liga dos Social-Democratas, anunciou sua dissolução em meio à “pressão política”. Com Reuters e AFP

Atraso em divulgação do Censo reflete receio do IBGE com uso de IA

Última etapa da pesquisa de 2022, liberação dos microdados só acontecerá no ano que vem; temor é que ferramentas permitam a quebra do sigilo de quem respondeu

Marina Pinhoni, Natália Santos e Paula Soprana

SALVADOR E SÃO PAULO Novecentos e trinta e um dias depois do fim coleta e apuração dos dados do Censo Demográfico de 2022, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não divulgou os microdados da pesquisa, que permitem análises mais detalhadas para academia e formuladores de políticas públicas. A justificativa do instituto é um “elevado risco” de quebra de sigilo, impulsionado pelo avanço da inteligência artificial. Uma resolução do conselho diretor do IBGE, de novembro, acessada pela Folha, indica vulnerabilidade caso os microdados saiam sob os protocolos de divulgação atuais. O documento ainda aponta para a necessidade de uma nova política de confidencialidade.

Em entrevista, Marcio Pochmann, presidente do IBGE, afirmou que os microdados estão prontos. Reiterou que o adiamento deriva da análise de uma comissão técnica interna, que avaliou risco de reidentificação das pessoas por meio de IA.

“A lei que o IBGE deve seguir é de sigilo estatístico. Várias instituições do mundo estão revisando [processos], porque o avanço da inteligência artificial permite trabalhar com dados desnomeados e torná-los identificados”, diz, acrescentando que não se pode mais divulgar informações como no passado. “Estamos avaliando internamente o que podemos divulgar, se podemos divulgar tudo, se não”, disse à reportagem durante conferência do instituto realizada em Salvador.

Os microdados representam o menor nível de desagregação do levantamento e partem dos questionários mais extensos que o IBGE aplica. Embora os arquivos não tenham os nomes dos entrevistados, é possível identificar uma pessoa a partir da associação de diferentes dados. Isso pode implicar eventuais discriminações, invasão de privacidade ou ataques direcionados.

Institutos de pesquisa redobram o alerta depois da Lei Geral de Proteção de Dados, de 2018. No Censo anterior, de 2010, ela não existia. A norma determina a “utilização de meios técnicos razoáveis e disponíveis no momento do tratamento” para garantir anonimização dos dados, de modo que um dado perca a possibilidade de associação, direta ou indireta, a um indivíduo.

A liberação dessas informações do Censo estava prevista para 4 de dezembro. Tratam-se dos microdados da amostra, que são obtidos por um amplo questionário aplicado a parte da população, e das chamadas áreas de ponderação, menores unidades territoriais usadas nos cálculos da amostra.

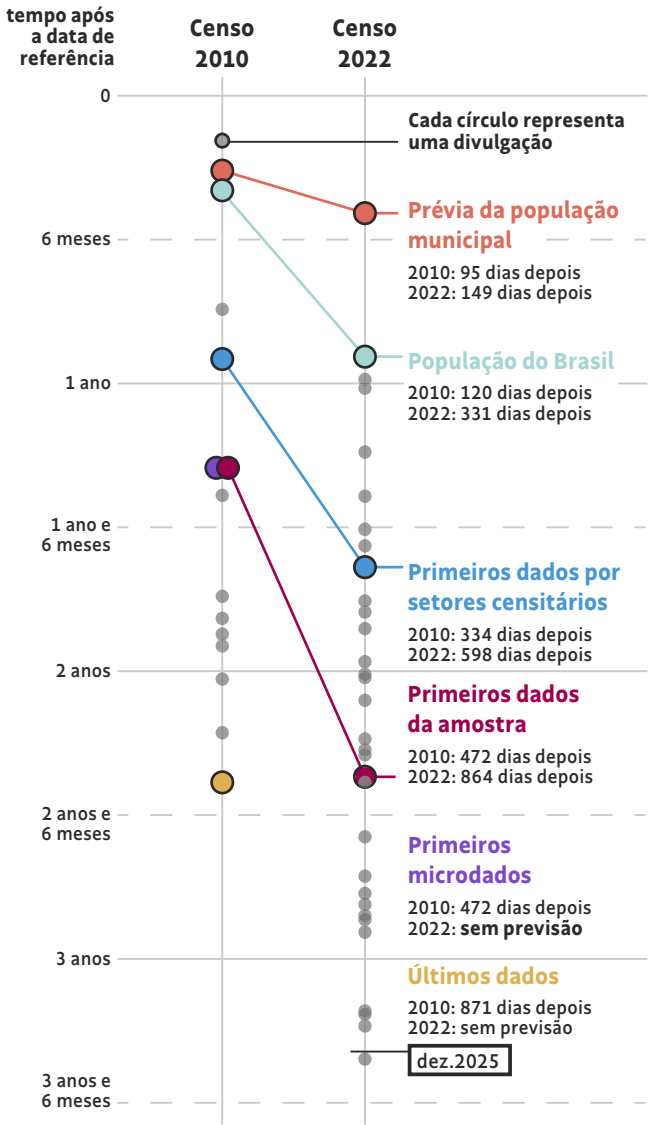


Recenseadores do IBGE na Vila Clementino, em São Paulo

Rubens Cavallari - 18.ago.22/Folhapress

Tempo das divulgações do Censo Demográfico após data de referência

Dias depois da data de referência de cada Censo (1º.ago.2010 e 1º.ago.2022)



Fonte: Análise do DeltaFolha com base em notícias da Agência IBGE e da Folha de S.Paulo

O avanço da inteligência artificial permite trabalhar com dados desnomeados e torná-los identificados

Marcio Pochmann presidente do IBGE

O IBGE, no entanto, adiou a publicação para 2026, mas sem definir nova data.

Embora motivado pelo risco de quebra de sigilo, o atraso reflete uma série de crises enfrentadas pelo IBGE que estouraram na pandemia de Covid e fizeram o Censo de 2022 já nascer em condições desfavoráveis, com uma série de mudanças no calendário.

Maior pesquisa estatística do país, o Censo só foi realizado porque, em abril de 2021, o governo do Maranhão entrou no Supremo Tribunal Federal contra a União e o IBGE para contestar decisão do então presidente Jair Bolsonaro (PL) de não executá-lo naquele ano. Apesar das restrições da pandemia, havia garantias de que ele poderia ser feito.

Considerada uma fundação pública de reputação técnica, o IBGE passou a viver diferentes revezes — corte de verba, suspensão da pesquisa e descredibilização de metodologia. Na discussão do Orçamento daquele ano, os recursos do Censo, que eram de R\$ 2 bilhões, minguiaram para R\$ 53 milhões.

Ao STF o governo do Maranhão alegou que a falta de dados sobre a população do estado poderia gerar perda de receitas tributárias e impossibilitar a criação de políticas públicas. O Supremo acatou o pedido e determinou a realização da pesquisa no ano seguinte, em 2022. A União não liberou orçamento necessário, e o levantamento foi feito com suporte de emendas parlamentares.

Sob hostilidade de parte da população, que ameaçava ou se recusava a responder, recenseadores iniciaram as entrevistas em campo em agosto e as finalizaram 10 meses depois. O questionário também foi enxugado. Um dos quesitos retirados foi o de emigração internacional, que mediria a saída de pessoas do Brasil para outros países.

Já sob o governo Lula (PT), o Ministério do Planejamento fez

um aporte de R\$ 380 milhões de crédito extraordinário para que o instituto conseguisse finalizar o levantamento.

Desde 2023, o IBGE vem divulgando a conta-gotas os dados agregados sobre diversos temas, como população, domicílio, raça, religião e mobilidade. A Folha integrantes do instituto afirmaram que essa foi a estratégia encontrada para conseguir publicar os números mediante as adversidades.

O atraso, em especial dos microdados que estão pendentes, freou a publicação de artigos científicos. No Centro de Estudos da Metrópole, uma das referências nacionais nas análises de transformações políticas e socioeconômicas das cidades, ligado à USP (Universidade de São Paulo), algumas pesquisas estão paradas, assim como sistemas interativos usados com dados do IBGE que são liberados ao público.

“O microdado é insubstituível. Não conseguimos investigar quanto as metrópoles se transformaram em termos de estrutura social na última década, que foi de uma dinâmica social muito negativa com crise econômica muito longa, pandemia, governo Bolsonaro”, diz Eduardo Marques, cientista político e diretor do CEM.

Na área de demografia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), estudantes são direcionados a usar outras fontes de informação enquanto o microdado não é liberado, mas têm perdas. “Um aluno interessado em estudar fecundidade hoje usa os dados do Ministério da Saúde. Com o Censo, você consegue desagregar a informação de fecundidade por religião, por exemplo, algo inviável na base do ministério”, afirma Joice Melo Vieira, professora do departamento de demografia da instituição.

Alguns artigos, por terem dados só até 2010, não são mais interessantes para as revistas científicas. “Esperamos sair o Censo de 22 para atualizarmos e, aí sim, submetermos”, diz ela.

Em junho, o IBGE revelou o crescimento evangélico no país, mas ainda não estão disponíveis informações sobre a evolução de cada denominação. Para Livia Reis, pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião, só os microdados explicam quais igrejas agregaram mais fiéis e quais perderam popularidade.

“Esses números geram um rebuliço no campo religioso. Mas o IBGE está tendo um cuidado essencial, pois entende que os dados não importam só para pesquisadores, podem ser usados como instrumento de disputa interna dentro do campo religioso.”

Enquanto ainda lidam com as pendências de 2022, os técnicos do instituto se preparam para o Censo de 2030, que trará novos desafios de coleta.

No meio do caminho, há ainda duas grandes divulgações censitárias: o Censo Agropecuário, que deveria ser feito a cada cinco anos, mas a última edição é de 2017; e a pesquisa sobre população em situação de rua, a primeira sem a dinâmica de coleta domiciliar. A previsão é para 2027 e 2028, respectivamente.

Dançar entre quatro paredes

Deveríamos avaliar se um ano foi bom pela quantidade de vezes que dançamos

Giovana Madalosso

Escritora, roteirista e uma das idealizadoras do movimento Um Grande Dia para as Escritoras

Embora eu adore dançar em público, até entendo quem tenha vergonha. Não somos ensinados a dançar e, no caso dos homens, nem incentivados a isso. Aprendemos a fazer raízes quadradas e análises sintáticas mas não a dar passinhos nem sacudir os quadris.

Alguém argumentará: fazer raiz e análise sintática é útil e dançar é inútil. É justamente aí que reside a importância de dançar: na sua falta de sentido.

Para muita gente é difícilimo chegar até a pista – há quem não se sinta confortável para dançar nem depois de uma dose de uísque– mas nunca entenderei aqueles que se privam de balançar entre quatro paredes.

O esquema é simples. Você está em casa. De repente, é interpelado por uma melodia que entra pelas orelhas e agita algo. Você sente uma vontade estranha de se sacudir, e talvez um ímpeto de reprimir essa vontade. Como diria o famoso refrão, não se reprima.

Deixe a vida fluir miudinho pelos seus músculos. Liberte os pés dos sapatos. Cumprimente o piso da sala com os metatarsos —há quanto tempo, meu gélido amigo. Se ainda estiver encabulado, feche as cortinas. Os olhos. Solte os ombros, depois os quadris e, acima de tudo, permita-se ser ridículo: alguém que se movimenta livremente jamais será ridículo.

Yes, meu caro Nureyev de apartamento, agora é só seguir assim, cada vez mais solto. Mesmo que seja por poucos minutos. Quem sabe até aumentando o som, incomodando com a sua alegria insolente os vizinhos.

Percebe a banana que, com os braços soltos, você dá para o sistema? Quem mandou afastar o tapete e chacoalhar a barriga em plena terça-feira? Ninguém. E por isso mesmo você está fazendo, por isso mesmo está sentindo uma coisa tão boa em fazer.

Dançar é abrir uma janela no tempo com o corpo. É dar uma cotovelada, e depois um giro, naquelas demandas urgentes que se renovam a cada dia. Dançar é se dar ao prazer. Vale a pena repetir: se dar ao prazer. Oi, prazer, sou todo seu. Não há algo de subversivo nesse movimento?

Um movimento. É isto que dançar deveria ser. Glúteos, unidos, jamais serão vencidos! Todos juntos contra a tensão muscular. Terminações nervosas em greve pelo aumento de som e pela garantia do volume mínimo. Pelos nossos direitos, e esquerdos. A Associação dos Tendões apoia essa proposta.

Dançar deveria ser imperativo. “Desculpe, não posso atender agora, estou dançando.” “Vai você limpar o Júnior no banheiro que agora tô chacoalhando minhas mãos para cima.” “Desculpem, vou chegar um pouco atrasada, estou presa no refrão.”

Que vida é essa em que compramos fatiador de ovos e espelho de aumento e não um estrobo para pendurar no teto da sala? Que vida é essa em que pagamos para usar equipamentos que nos forcem a se mexer quando poderíamos estar fazendo algo parecido de graça e com graça?

Não deveríamos avaliar se um ano foi bom pela quantidade de metas que atingimos, nem pela quantidade de dinheiro que multiplicamos, mas pelo número de vezes que cortamos a tarde com braçadas desajeitadas no ritmo da música.

Estamos vivendo momentos tão duros, em um país tão violento, em que tantos corpos morrem precocemente para nunca mais dançar. Levante comigo, leito, levante comigo, corpo estranho, e honremos esta abundância. Balança a pema, balança sem parar.

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso
TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques
QUI. Sérgio Rodrigues SEX. Tati Bernardi
SÁB. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

Medo da violência provoca mudança na rotina de 72% dos brasileiros, aponta Datafolha

Pesquisa mostra que 56% da população afirma ter evitado usar o celular nas ruas e que 26% diz ter deixado de sair de casa neste ano

André Fleury Moraes

SÃO PAULO O medo da violência levou 72% dos brasileiros a mudar de alguma forma a rotina com a qual estavam habituados, mostra a mais recente pesquisa Datafolha sobre os impactos da violência e da segurança pública — ou da falta dela — na população.

O levantamento ouviu presencialmente 2.002 pessoas de 16 anos ou mais em 113 municípios entre os dias 2 e 4 de dezembro. A margem de erro da amostragem geral é de dois pontos percentuais para mais ou para menos, no nível de confiança de 95%.

A mudança mais visível envolve o uso do celular: 56% dos brasileiros disseram ter deixado de utilizar o aparelho nas ruas nos últimos 12 meses.

Tais atitudes se estendem também ao trânsito e ao ambiente doméstico. O levantamento mostra, por exemplo, que 36% dos brasileiros afirmam ter mudado o caminho para o trabalho ou o local de estudo por medo da violência. Outros 31% passaram a tirar alianças, correntinhas e outros adereços ao sair às ruas, e 27% relataram ter deixado de fazer algo prazeroso.

Em termos práticos, diz a advogada Cecília Mello, desembargadora aposentada do TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região) e especializada em direito penal, o resultado mostra que a insegurança está cada vez mais próxima da população.

“Antes havia a ideia falsa de uma violência controlada. Daquela premissa de que ‘comigo não vai acontecer’, que ‘acontece com fulano porque não presta atenção’. Mas o problema escalou de tal maneira que mostrou que ninguém está imune à violência.”

Segundo o Datafolha, 26% dos brasileiros deixaram de sair de casa em razão do medo da violência. As mulheres são as mais afetadas tanto no recorte geral como nas amostras temáticas.

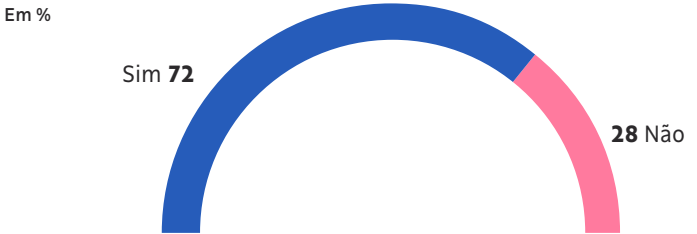
A mudança na rotina pelo medo da violência atinge 76% delas. No caso dos homens, 68%. No recorte por gênero, a margem de erro é de três pontos percentuais para mais ou para menos.

Elas são maioria entre quem não usa celular nas ruas (62% contra 49% dos homens) e representam a maior parte daqueles que deixaram de fazer algo prazeroso: 31% ante 22%.

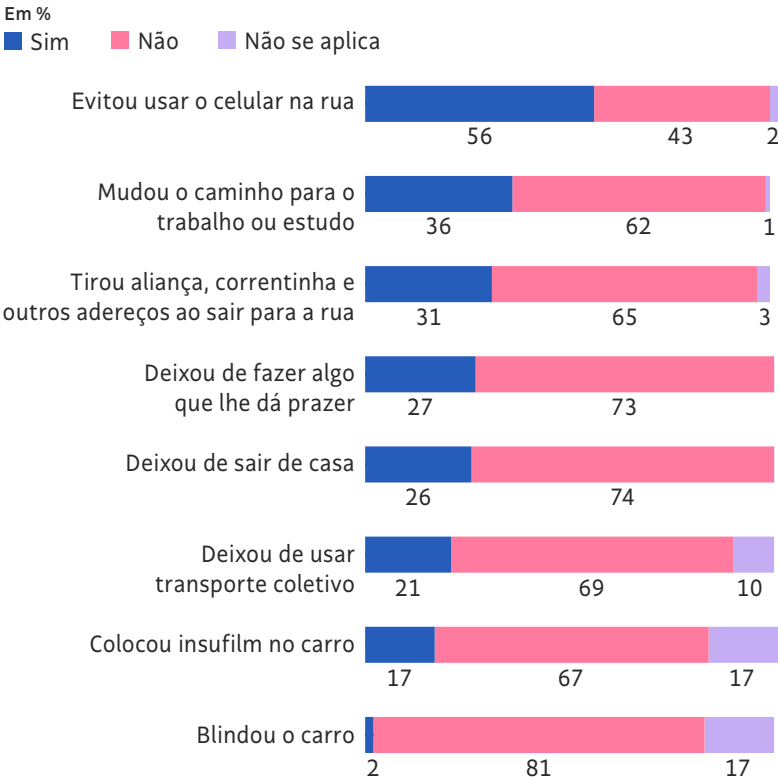
Para Mello, a diferença representa a “distorção social seríssima que a gente vive” —o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2025, por exemplo, mostrou aumento nos registros de violência contra a mulher, que inclui feminicídios e tentativas de femi-

Opinião sobre segurança pública

Mudou algum hábito na rotina por medo da violência em 2025?



Atitudes tomadas em 2025 por medo da violência



Fonte: Datafolha ouviu 2.002 pessoas, com 16 anos ou mais, entre os dias 2 e 4 de dezembro. A margem de erro dos dados gerais é de 2 pontos percentuais

cídio, entre outros crimes.

Como mostrou a **Folha**, a parcela da população que considera a segurança o maior problema do país voltou a subir e chega a 16%. Com isso, o tema fica atrás apenas da saúde, que tem 20%.

A mudança de hábitos é mais expressiva em regiões metropolitanas, onde 80% dos moradores relataram ter tomado alguma atitude devido ao medo da violência. No interior, a taxa foi de 66%.

A principal diferença é no uso de celular na rua, deixado de lado por 68% dos moradores das metrópoles frente a 47% dos habitantes de cidades interioranas.

É um dado que acompanha outras estatísticas. A cidade de São Paulo, por exemplo, teve alta de homicídios (de 2,8%) e furtos (4,6%) nos primeiros dez meses de 2025 (os dados mais novos disponíveis), na comparação com o mesmo período do ano anterior. Esse movimento vai na contramão do registrado no estado, que teve queda nos dois indicadores —redução de 2,6% nos homi-

cídios e de 0,1% nos furtos.

O medo da violência atinge mais de 65% em todas as faixas etárias, sendo mais alto naqueles com 60 anos ou mais (77%).

Também se verifica entre aqueles que votaram em Lula (70%) e em Bolsonaro (76%). No recorte do eleitorado, a margem de erro é de três pontos para o petista e de quatro para o ex-presidente.

Para o sociólogo Cláudio Beato, coordenador do Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), os números representam um indicador da qualidade de vida.

“Se você não tem tranquilidade para sair na rua, significa que nós estamos vivendo em um ambiente muito ruim.” Segundo ele, o resultado é um efeito em cadeia que recai tanto sobre a área social como sobre a econômica. Depois vêm aspectos relacionados à moradia. “Temos a proliferação de condomínios fechados cada vez maiores, que oferecem todos os serviços lá dentro.”

Paulistano **aprova concessão do Ibirapuera**,
diz que parque melhorou e dá **nota 9,1**

Pesquisa Datafolha mostra que 72% consideram que parque está melhor do que há cinco anos, quando o Ibirapuera foi concedido à iniciativa privada; 95% avaliam que está bem conservado

Os mais de 16 milhões de pessoas que frequentam o Parque Ibirapuera por ano não deixam dúvidas, ele é o sinônimo de lazer e atividades físicas da cidade de São Paulo. Agora, uma pesquisa realizada pelo Datafolha com esses frequentadores revela o que o paulistano acha de seu parque favorito. E a avaliação é muito positiva. A nota média alcançada pelo parque é de 9,1, sendo que 50% dos entrevistados deram nota 10.

A avaliação positiva é acompanhada da percepção generalizada de que o parque melhorou nos últimos cinco anos, segundo 72% dos ouvidos pelo Datafolha. Esse período coincide com o da concessão do Ibirapuera à iniciativa privada. Firmada em 2019, ela tem como objetivo modernizar a manutenção, ampliar serviços e reduzir custos públicos de gestão. Fatores que são percebidos pela população.

Por exemplo, 95% dos entrevistados dizem que o Ibirapuera está bem conservado, e 96% afirmam que o parque possui boa infraestrutura esportiva. A sensação de segurança também é elevada — 88% consideram o local seguro, e 86% dizem se sentir mais protegidos ao saber que o parque é monitorado pelo Smart Sampa, o maior programa de videomonitoramento inteligente e integrado da América Latina, lançado pela Prefeitura de São Paulo. Ele integra câmeras a uma central e dispara alertas em caso de alguma ocorrência.

O Datafolha realizou mil entrevistas no Ibirapuera entre 30 de novembro e 7 de dezembro com pessoas com 16 anos ou mais. A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos.

Quase a totalidade dos ouvidos, 95%, aprova as obras recentes feitas no Ibirapuera, como a nova pista de skate, a quadra de tênis e o cachorródromo. Além disso, 87% aprovam o modelo de concessão por permitir que a prefeitura direcione recursos economizados para parques da periferia.

O levantamento também revela que o Ibirapuera se consolidou como espaço para atividades gratuitas, com 68% dos frequentadores participando de ações esportivas ou culturais oferecidas no parque. A caminhada continua sendo a prática mais comum (50%), e o número de visitantes é percebido como crescente por 73% dos entrevistados.

Esse aumento no número de visitantes é explicado também pelo Domingão Tarifa Zero, criado pela atual administração. Com ônibus gratuitos aos domingos, cresceu o número de pessoas que frequentam o parque. E a pesquisa revela que é exatamente o ônibus o meio de transporte escolhido por 53% dos frequentado-



Masao Goto Filho/Estúdio Folha

res que vão ao Ibirapuera. Entre eles, 65% disseram que aumentaram o número de vezes que vão ao parque desde a implantação do Domingão Tarifa Zero.

MAIS PARQUES NA CIDADE

Enquanto a concessão reforça a manutenção de equipamentos consolidados como o Ibira-puera, a prefeitura tem investido paralelamente na expansão de

parques e áreas verdes na cidade. Hoje São Paulo conta com 120 parques públicos, número impulsionado pela atual administração, que inaugurou 12 novos parques com foco especialmente nas regiões periféricas.

Somente em 2024, foram inaugurados quatro parques municipais: Parque Linear Jardim São Francisco, na Penha (zona leste), Parque Linear Sa-

rah (zona oeste), Parque Linear
Córrego Itaquera (zona leste) e
Parque Princesa Isabel (centro).

Em 2025, a prefeitura entregou à população o Núcleo Pabreu do Parque Municipal Jardim Prahna (zona sul), o Parque Linear Córrego do Bispo (na Casa Verde, zona norte), o Parque Jardim Apurá-Búfalos (em Cidade Ademar, zona sul), e o Morumbi Sul (em Campo Limpo, na zona sul).

OPINIÃO DOS FREQUENTADORES SOBRE O NOVO IBIRAPUERA

Resultados da pesquisa Datafolha

Nota média dada ao parque

9,1

Parque melhorou

95%

consideram que o
parque está bem
conservado

87%

concordam que a concessão permitiu à Prefeitura investir mais em parques na periferia

72%

consideram que o parque está melhor hoje que há 5 anos, quando o Ibirapuera foi concedido à iniciativa privada

86%

dizem que se sentem mais seguros sabendo que no parque existe o sistema de monitoramento por câmeras do Smart Sampa

Satisfação com a infraestrutura do parque

96% dizem que o parque tem boa infraestrutura para atividades esportivas

95% que está bem conservado

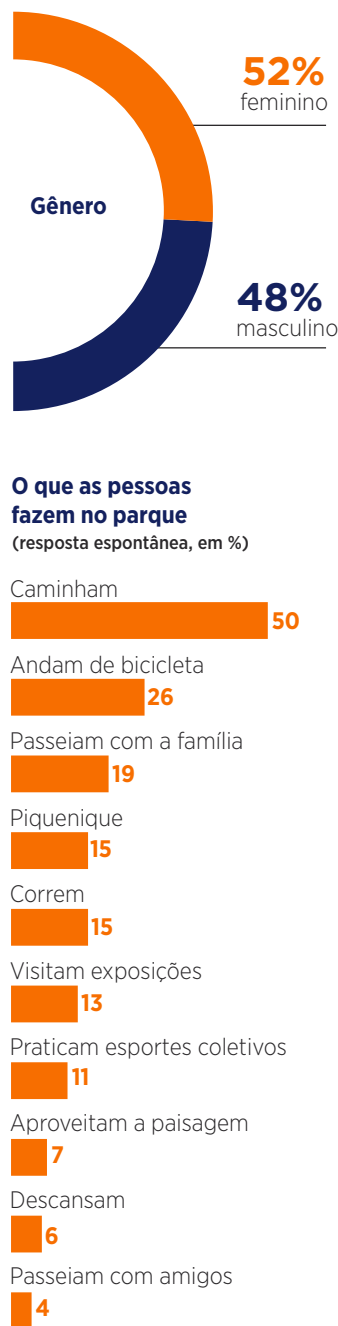
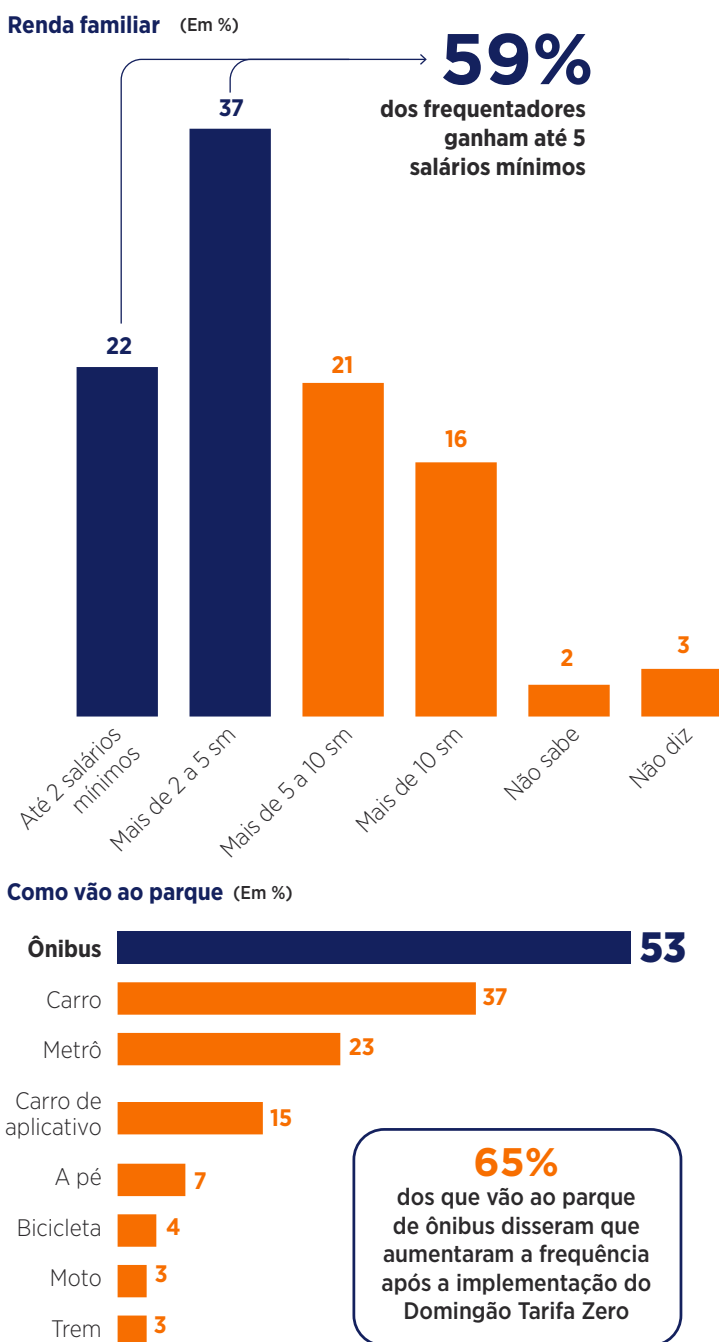
95% aprovam cachorródromo, pista de skate e quadra de tênis

88% que é um lugar seguro

80% que tem muitas atividades culturais e eventos gratuitos

76% que é fácil o acesso via transporte público

66% que tem boa oferta e alimentação



MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

JOSÉ EDUARDO BORELLI AZEVEDO (1983 - 2025)

Motorista do Samu tinha paixão por salvar vidas

Nascido em Bauru, no interior de São Paulo, chegou a cursar biologia

André Fleury Moraes

SÃO PAULO A história se repetia todos os dias: José Eduardo Borelli Azevedo chegava do trabalho e dizia à mãe, Maria Lurdes, a Lurdinha, para que se preparasse. Tinha muita coisa a contar sobre o turno do qual acabava de sair enquanto motorista do Samu (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência).

“Ele passava relatório. Eu escutava das 7h às 19h tudo o que tinha acontecido. Sabia quem havia sido internado, quem havia morrido”, conta a mãe.

José Eduardo era apaixonado pela profissão, especialmente por salvar vidas.

Nascido em 1983 em Bauru (SP), desde cedo demonstrou facilidade com a língua portuguesa. Havia razões para isso: a mãe era professora da disciplina em colégios da cidade e em cursos preparatórios.

Mas gostava mesmo é de adrenalina.

Ainda criança, pegou escondido um avião de aeromodelismo que a família tinha em casa e tentou controlá-lo sozinho. Não deu certo, a hélice atingiu sua perna e foi direto para o hospital.

“Ele ficou muito machucado. Era muito arteiro”, lembra a mãe, hoje com 75 anos.

Tirou de letra a carteira de habilitação porque o pai, dono de autoescola, sempre ensinou orgulhosamente o filho a dirigir.

O interesse pela aventura o acompanhou ao longo da vida. Já mais velho, contava os dias para ir ao rancho da família e passar horas dirigindo a moto que tinha comprado para fazer trilhas.

“Lá eram mais de 200 ranchos e ele conhecia todo mundo. Andava para todo canto e ainda ajudava o pessoal de um lado para o outro com sua moto”, afirma.

José Eduardo chegou a cursar biologia durante um tempo, mas não concluiu. Também trabalhou com retorescavadeira e até deu aulas de apoio para os motoristas recém-iniciados no maquinário. Tornou-se motorista do Samu quando passou em concurso público, já mais velho, na mesma cidade do interior paulista onde nasceu.

Sempre buscou se aperfeiçoar. Passava horas na internet em busca de informações sobre procedimentos do serviço de urgência em grandes cidades, como Belo Horizonte ou Curitiba.

Alguns anos depois foi transferido à Unidade de Transporte de Pacientes, que leva e traz pessoas que fazem tratamentos em outras cidades. Descobriu um novo mundo, conta a mãe.

“Ele era muito apegado aos pacientes, com quem sempre tirava fotos, e à equipe de enfermeiros.”

José morreu em 27 de novembro, vítima de uma hemorragia gastrointestinal. Sem filhos, deixou a mãe, Maria Lurdes, a irmã Viviane, o cunhado Marcelo, a sobrinha Amélia, amigos e uma infinidade de pacientes que ajudou a salvar.



Arquivo pessoal



Agglomerado de prédios e movimentação de banhistas na praia do Boqueirão, em Santos Rafaela Araújo/Folhapress

Cidade mais verticalizada do Brasil, Santos lidera em ilhas de calor no litoral de São Paulo

Prefeitura do município diz ter meta de plantar 10 mil árvores até 2028 e cita criação de mata urbana e parque como principais ações

João Pedro Feza

SANTOS Edifícios altos bloqueiam a brisa do mar e fazem de Santos a cidade líder no litoral de São Paulo em ilhas de calor. O fenômeno se refere a áreas com temperatura mais elevada devido à alteração da paisagem natural por causa da urbanização.

Os dados são da UrbVerde, plataforma digital de monitoramento socioambiental alimentada por pesquisadores da USP (Universidade de São Paulo) e parceiros. Ela aponta que o município tem o pior índice de ilhas de calor no litoral paulista: coeficiente de 83,3 numa escala que vai até 100.

No litoral, a segunda colocada é a vizinha São Vicente (coeficiente de 79,7). A lista paulista é liderada pela capital, com coeficiente de 100. Para calcular esses números, a plataforma multiplica a chamada população vulnerável (idosos e crianças) pelo fator de intensidade térmica (diferença de temperatura entre um setor e outro do município).

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Santos também é a cidade mais verticalizada do país.

“Santos cresceu para cima. É um prédio cobrindo o outro. Falta vento e falta verde”, diz a aposentada Heliete Botelho da Silveira, 75. “Mais verde amenizaria o problema”, concorda o técnico de enfermagem Odair Benjamin, 54, que ressalva: “É paliativo. Solução definitiva não dá mais”.

O aposentado Luiz Yamashiro, 80, divide-se entre Araraquara, na região central do estado, e San-

tos, com casas nas duas cidades. “Sinto mais calor em Santos. E a gente cansa mais rápido.”

A prefeitura afirma fazer sua parte e diz que para combater o problema decidiu juntar no ano passado as secretarias de Desenvolvimento Urbano e de Meio Ambiente. “Não podemos aceitar uma cidade desenvolvida sem respeito à natureza”, avalia o titular da pasta, Glaucus Farinello.

Outra iniciativa foi o lançamento, em março de 2025, do programa “Santos Sustentável” —que tem como uma das metas o plantio de 10 mil árvores até 2028. Assim, a cidade chegaria a 45 mil árvores na área insular (onde vivem mais de 95% da população).

O secretário diz que o município executa uma espécie de “acupuntura verde”: troca de asfalto por natureza (canteiros, hortas e pomares) em trechos que a prefeitura mapeia. Um exemplo é uma mata urbana, iniciada no segundo semestre, com a retirada de asfalto de um estacionamento para plantar 194 mudas de árvores nativas da mata atlântica.

Também criou, em julho, o Parque dos Morros, que é o maior espaço do tipo na cidade, com 290 mil metros quadrados, voltado a preservação da biodiversidade, proteção da fauna e garantia de regeneração ambiental.

A chegada desses “pulmões verdes” como medida mitigatória também inclui plantios em calçadas e praças para ampliar a área permeável e facilitar a infiltração de água de chuva no solo.

Ao todo, de acordo com o IBGE, 67,1% das moradias santistas são

apartamentos. Em segundo lugar aparece Balneário Camboriú (SC), com 63,3%, e em terceiro, São Caetano do Sul (SP), com 52,5%. Entre um censo e outro (2010 e 2022), Santos teve um crescimento de 23,2% no número de apartamentos —eram 91.228 e passaram a ser 112.401.

Para quem caminha pela orla do bairro Ponta da Praia basta olhar para cima: três grandes prédios residenciais estão em construção nas proximidades da faixa de areia. Nos bairros de Aparecida, Embaré e Boqueirão, casas e estruturas baixas também dão lugar a edifícios novos.

“A verticalização é uma questão central”, diz o urbanista e pesquisador da UrbVerde Marcel Fantin. “Interfere na movimentação dos ventos e cria bloqueios contra a circulação adequada, além de desestruturar toda a infraestrutura verde urbana.”

Ele observa que ilhas de calor não só aumentam o cansaço físico como reduzem a capacidade de regulação térmica corporal, o que abre caminho para doenças relacionadas ao aumento da carga de trabalho do coração.

Professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP em São Carlos, Fantin ressalta como eram as casas da costa nas décadas de 1940 e 1950. “Murinhos baixos, quintal verde na frente, árvores frutíferas nos fundos, árvore na calçada. Tudo mudou.”

A intensa atividade portuária, com cargas e caminhões em fluxo diário pelo porto de Santos, o maior da América Latina, também contribui para o cenário.

SP ainda tem 54 mil imóveis sem energia após passagem de ciclone

Enel poderá perder concessão caso não cumpra índices de qualidade, diz MME

SÃO PAULO Quatro dias após o início do apagão causado pela passagem de um ciclone extratropical, 54 mil imóveis ainda enfrentavam falta de energia elétrica na Grande São Paulo por volta das 20h30 deste domingo (14).

A concessionária de energia Enel havia dito, em nota divulgada no sábado (13), que a previsão era de que a situação estaria normalizada até o fim do domingo.

No início do dia, mais de 179 mil clientes estavam sem energia. No auge do apagão, 2,2 milhões de imóveis ficaram às escuras.

Em nota divulgada na noite de domingo, a Enel afirmou que o fornecimento de energia estava voltando ao padrão de normalidade na sua área de concessão, com o “restabelecimento do serviço para os clientes afetados nos dias 10 e 11 de dezembro pelo ciclone extratropical”.

“Técnicos da distribuidora seguem atuando em alguns casos mais complexos de reconstrução de rede, que envolvem troca de cabos, postes e outros equipa-

+

Ministro vai propor agenda com Nunes e Tarcísio

Na nota divulgada neste domingo, o Ministério de Minas e Energia diz que o ministro Alexandre Silveira “irá propor uma agenda com o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e o prefeito da capital, Ricardo Nunes, “para alinhamento de responsabilidades e atuação coordenada, garantindo que todos os órgãos públicos envolvidos cumpram seus papéis na gestão da crise”.

mentos. As equipes também trabalham para atender solicitações de falta de luz registradas após o evento climático”, disse.

A concessionária afirma que desde a manhã de quarta-feira mobilizou um número recorde de equipes em campo, chegando a cerca de 1.800 times ao longo dos dias de trabalho.

Na sexta (12), a Justiça acatou um pedido do Ministério Público e deu 12 horas para a Enel restabelecer a energia elétrica para todos os clientes de sua área de concessão em São Paulo, sob pena de multa de R\$ 200 mil por hora. Em seu despacho, a juíza Gisle Valle Monteiro da Rocha, da 31ª Vara Cível do estado, fez críticas à prestação de serviços da Enel.

Ela também lembrou o histórico de apagões recentes. “É notório o histórico de descumprimentos e deficiências, sobretudo em períodos de chuvas e no final do ano, quando a estrutura de atendimento deveria ser reforçada e, no entanto, recorrentemente se mostra insuficiente”, disse.

“Em 2023 e 2024, apagões de grande magnitude exigiram atuação judicial e regulatória, com decisões do Tribunal de Justiça impondo medidas para reduzir interrupções, acelerar o atendimento e melhorar a transparência informacional”, acrescentou.

O prazo para a decisão fosse cumprida começaria a contar quando a Enel fosse notificada. Questionada se recebeu a notificação, a empresa não respondeu até a conclusão desta edição.

De acordo com o Tribunal de Justiça, a ordem para a notificação foi dada pela magistrada às 20h05 de sexta-feira.

Também neste domingo, o Ministério de Minas e Energia (MME) afirmou, em nota, que a Enel poderá perder a concessão de distribuição de energia em São Paulo caso “não cumpra integralmente os índices de qualidade e as obrigações contratuais previstas na regulação do setor”. O posicionamento, contudo, não deixa claro quais são as condições para perda da concessão.

“O governo do Brasil não tolerará falhas reiteradas, interrupções prolongadas ou qualquer desrespeito à população, especialmente em um serviço essencial como o fornecimento de energia elétrica”, diz trecho da nota.

De acordo com o MME, a “determinação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva é de rigor absoluto na fiscalização e na garantia da qualidade dos serviços de distribuição de energia elétrica”.

A nota do MME diz ainda que, “desde as primeiras ocorrências de interrupção no fornecimento de energia, o ministro Alexandre Silveira determinou a mobilização imediata de todo o setor elétrico, com atuação coordenada dos órgãos públicos e das empresas envolvidas”.

Ainda na sexta-feira, o procurador Lucas Rocha Furtado, do Ministério Público no Tribunal de Contas da União (TCU), pediu que o tribunal obrigue a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) a suspender qualquer processo de renovação de concessão da Enel em São Paulo. A concessão vence em 2028, mas a empresa já pediu a renovação por mais 30 anos. Isso depende de uma decisão do governo federal. O procurador solicitou também que o tribunal analise os investimentos realizados na modernização de rede, assim como na “prevenção de impactos causados por eventos climáticos previsíveis”.

Fuvest propõe reflexão sobre o perdão como tema de sua redação

Gustavo Gonçalves

SÃO PAULO A Fuvest apresentou neste domingo (14) aos candidatos o tema “O perdão é um ato que pode ser condicionado ou limitado” na redação do vestibular.

A proposta fez parte do primeiro dia da segunda fase do exame, que também teve dez questões discursivas de língua portuguesa, literatura e gramática.

Nesta edição, além da redação dissertativo-argumentativa, os candidatos puderam optar pela produção de um texto do gênero carta, definido no momento da prova. A escolha entre dois gêneros estreou neste vestibular e faz parte do novo modelo de redação adotado pela Fuvest.

Na proposta alternativa deste domingo, o candidato deveria escrever uma carta dirigida a uma pessoa fictícia que o havia acusado injustamente de um comportamento moralmente condenável, expondo os motivos para conceder ou negar o perdão.

A coletânea de apoio reuniu textos literários, jornalísticos e artísticos —entre eles uma coluna publicada na *Folha*— que abordam o tema sob diferentes perspectivas, incluindo trechos de obras de ficção, poesia, música, uma fotografia jornalística e um texto de análise, usados como base para reflexão.

Para a analista pedagógica da plataforma Redação Nota 1000, Amanda Rodrigues, o tema mantém afinidade com o perfil da Fuvest ao propor uma reflexão aberta, sem resposta única ou solução prática imediata.



Candidato da segunda fase da Fuvest em local de prova em São Paulo

Leandro Chemalle/Thenews2/Folhapress

+

Segundo dia tem disciplinas específicas

A Fuvest tem 30.787 classificados para segunda fase, que segue nesta segunda-feira (15) com prova com 12 questões discursivas das disciplinas específicas de cada carreira.

Segundo ela, a discussão permite tanto a defesa do perdão condicionado quanto do perdão sem limites, além da análise das consequências do ato de perdoar —ou de não perdoar— nas relações individuais e sociais.

Rodrigues afirma que, por se tratar de um tema abstrato, o desafio do candidato foi relacionar o conceito de perdão a situações concretas, como conflitos familiares, injustiças sociais, violência, cancelamentos nas redes sociais, disputas internacionais e até a Lei da Anistia no Brasil. Ela também aponta semelhança com o tema do simulado aplicado pela Fuvest neste ano, que abordou relações interpessoais e comunicação.

O professor de redação do Curso Anglo, Sérgio Paganim, diz que houve uma mudança em relação aos últimos anos, quando a prova costumava trazer temas mais concretos e sociais, próximos ao cotidiano dos candidatos.

Em relação à proposta alternativa, para Paganim, apesar do tom mais narrativo, a carta também exigia uma dimensão fortemente argumentativa, já que o candidato precisava justificar a decisão.

Para a professora de português e redação do Objetivo, Paula Nogueira, a coletânea exigia do candidato uma leitura atenta para definir o recorte da redação. Ela afirma que a prova cobrava a ca-

pacidade de articular as ideias dos textos de apoio com repertórios próprios e atualizados, o que tornava mais concreto um tema abstrato. Trazer referências do século 21, disse, ajuda a ancorar a discussão e demonstrar leitura crítica da realidade.

No primeiro dia, a redação conta 50 pontos e as dez questões de português, literatura e gramática valem, juntas, 50 pontos.

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados ou ligue **11 3224-4000** whatsapp **11 9 9646-9069** classificados@grupofolha.com.br

NEGÓCIOS

COMUNICADOS

COMUNICADO
Esgotados nossos recursos de contato, convidamos a Sra. Karina Silva Ferreira, portadora da CTPS 46953 série 350-Sp, a comparecer em nosso escritório, a fim de retomar ao emprego ou justificar as faltas desde 10/11/2025, dentro do prazo de 48 hs a partir desta publicação, sob pena de ficar rescindido, por justo motivo, automaticamente, o contrato de trabalho por abandono de emprego, nos termos do art. 482 letra I da CLT. Abandono de emprego

Acelerar rivais do Ozempic vai travar outros remédios, dizem técnicos da Anvisa

Agência afirma que definiu limite de processos priorizados para não prejudicar a análise de outros medicamentos

Mateus Vargas

BRASÍLIA Técnicos de setores de avaliação de medicamentos da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) afirmam que o plano de acelerar a análise de canetas emagrecedoras pode atrasar o lançamento de terapias mais importantes, incluindo para doenças graves, como câncer, epilepsia, Parkinson avançado e AME (Atrofia Muscular Espinhal).

O alerta consta em duas notas técnicas elaboradas no começo de agosto, antes de a agência lançar um edital permitindo que produtos contendo liraglutida ou semaglutida, que são os princípios ativos de emagrecedores como o Saxenda e o Ozempic, furassem a fila de análises.

Questionada sobre as manifestações dos técnicos, a Anvisa afirmou que os documentos tiveram justamente o objetivo de avaliar “todos os aspectos de uma intervenção regulatória”. A agência disse que os riscos foram ponderados e que definiu um limite de processos priorizados para que não haja prejuízo a outras terapias.

O órgão regulador afirmou que possui regras que garantem a priorização de análise de produtos que visam atender a condições sérias debilitantes, doenças raras e emergências em saúde pública, entre outras situações.

“A capacidade operacional da Anvisa tem sido um desafio da atual gestão da instituição e vem sendo enfrentada com uma série de medidas, que vai desde rearranjo de processos, investimentos em novas tecnologias até a reestruturação do quadro de técnicos”, disse.

A agência priorizou 20 canetas e estima que se manifestará ainda em 2025 sobre pedidos de EMS, Megalabs e Momenta.

Uma das notas obtidas pela reportagem contrárias a acelerar o registro das canetas, elaborada pelo setor de avaliação de segurança e eficácia dos medicamentos, diz que a mudança na ordem poderia gerar questionamentos da indústria e da sociedade.

Isso porque os demais pedidos “seriam preteridos mesmo diante de alta relevância clínica e de impacto na saúde pública esperados”, segundo a nota.

O documento ainda afirma que acelerar os concorrentes de medicamentos como o Ozempic não é capaz de coibir as falsificações e a manipulação indiscriminada de medicamentos. “Na verdade, a priori-



O ministro Alexandre Padilha exhibe canetas emagrecedoras da EMS em vídeo após evento da empresa, em agosto

Reprodução



Entidades se dividem entre crítica e apoio

O plano de acelerar o lançamento dos emagrecedores recebeu críticas de entidades como a Interfarma e o Sindusfarma, que apontaram risco de insegurança jurídica e de atraso em outras avaliações de medicamentos.

Já a PróGenéricos disse que havia aumento exponencial da procura por canetas emagrecedoras e que a medida tem “razões excepcionais de interesse público”.

zação não poderia garantir nem mesmo a disponibilidade desses medicamentos no mercado.”

O risco de desabastecimento e os relatos de falsificação são citados pela Anvisa como argumentos centrais para acelerar a análise dos concorrentes. A priorização foi inicialmente sugerida pela gerência de fiscalização do órgão regulador. Ao formalizar o edital, em agosto, a Anvisa também mencionou que o Ministério da Saúde defendeu a priorização para “reduzir a dependência tecnológica” e promover “soberania e autonomia nacional”.

Dias antes de o ministério acionar a Anvisa, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, fez uma espécie de propaganda dos emagrecedores recém-lançados pela farmacêutica EMS, os primeiros de fabricação nacional contendo liraglutida. Os emagrecedores são medicamentos controlados, categoria em que propaganda, entrega de amostra grátis e outras ações de marketing são proibidas. O aumento do consumo para fins estéticos preocupa as associações e sociedades médicas.

Durante a discussão sobre o

edital, outra área técnica, que trata da avaliação da qualidade de medicamentos sintéticos, disse que a Anvisa apresentou dados com “fragilidade conceitual” sobre concentração de mercado e risco de desabastecimento ou falsificação das drogas.

O argumento da agência reguladora, segundo os técnicos do próprio órgão, não teria considerado que parte dos princípios ativos das canetas ainda é protegida por patente.

“Tal omissão induz à percepção equivocada de que a concentração decorre da ausência de concorrência por ineficiência regulatória, quando, na verdade, deriva de monopólio legal decorrente de direitos de propriedade intelectual”, afirma a nota.

O mesmo documento afirma que a falsificação dos fármacos deve ser combatida por meio de ações de fiscalização e repressão sanitária.

“A introdução de cópias não se mostra estratégia eficaz de curto prazo, pois, mesmo aprovadas, essas não seriam competitivas em preço com os medicamentos falsificados, nem há garantias de que a aquisição dos medicamentos falsificados ocorra única e decorrente de motivos ligados ao abastecimento.”

A nota também afirma que a força-tarefa para avaliar as canetas ultrapassaria a capacidade de trabalho do setor. O departamento diz ser contrário à “priorização ampla” e ponderou que, caso a Anvisa decidisse confirmar a medida, no máximo três pedidos deveriam ser analisados por semestre. A sugestão foi acolhida pela direção do órgão.

Já a área de avaliação de segurança e eficácia aponta que a priorização poderia atrasar a análise de medicamentos inovadores “destinados ao tratamento de condições sérias debilitantes com alternativas terapêuticas limitadas ou ausentes, como câncer colorretal metastático, epilepsia refratária/farmacoresistente, esclerose múltipla secundária progressiva, doença de Parkinson em fase avançada, atrofia muscular espinhal”, entre outras doenças.

Brasil faz 1º estudo com técnica que ‘ensina’ células a combater câncer

Vitor Hugo Batista

ORLANDO (EUA) Um estudo realizado por pesquisadores do Einstein Hospital Israelita e financiado pelo Ministério da Saúde mostrou resultados promissores para pacientes com leucemia B e linfomas utilizando a terapia CAR-T.

Considerada uma das técnicas mais promissoras para tratamento de cânceres de sangue (hematológicos), a pesquisa com CAR-T é a primeira aprovada pela Anvisa e realizada inteiramente no Brasil.

O método consiste em retirar o sangue do paciente, modificar as células de defesa (linfócitos T) para que identifiquem e destruam o câncer, multiplicá-las em laboratório e depois reintroduzi-las no organismo, permitindo que o corpo combata o tumor. O processo é totalmente personalizado e realizado uma única vez.

Os dados de fase 1 do estudo intitulado Carthiae mostram que, dos 11 pacientes tratados, 81% tiveram alguma resposta, sendo que 72% tiveram resposta completa, mesmo após vários tratamentos anteriores.

Um ano após a realização do procedimento, 71% dos pacientes estão vivos e sem progressão da doença. Os resultados foram apresentados durante o encontro anual da ASH (Sociedade Americana de Hematologia), que aconteceu em Orlando, na Flórida (EUA), entre os dias 6 e 9 de dezembro.

O Ministério da Saúde investiu R\$ 31,9 milhões no estudo. Em nota, a pasta afirmou que investe R\$ 542 milhões para estruturar uma rede nacional de terapia celular, incluindo CAR-T, para expandir a infraestrutura no país.

O repórter viajou a convite da Johnson & Johnson

Golapu Fashion Indústria e Comércio Ltda

CNPJ: 61.005.187/0001-00 - NIRE: 35.211.618-593

Edital de Convocação de Assembleia Geral Extraordinária (Virtual)

Convocação de Assembleia Geral Extraordinária

Nos termos do Contrato Social e da legislação aplicável, ficam os senhores sócios **Golapu Fashion Indústria e Comércio Ltda**, convocados para a **Assembleia Geral Extraordinária**, a realizar-se no dia **22/12/2025 às 10h00, de forma virtual**, por meio da plataforma MICROSOFT TEAMS, mediante ID da Reunião: 290 356 779 600 34. **Ordem do Dia: 1. Distribuição dos lucros acumulados da Sociedade apurados até 31/12/2025; 2. Destinação da distribuição dos lucros até o ano-calendário 2028. Orientações para participação:** O acesso à assembleia será restrito aos sócios devidamente identificados. Recomenda-se conexão estável à internet e uso de câmera e microfone para garantir a validação da presença. A assembleia será instalada com a presença de sócios que representem, no mínimo, o quórum previsto Código Civil. Caso não haja quórum na primeira convocação, a assembleia será realizada em segunda convocação no mesmo link, às 10h30, com qualquer número de presentes. Guarulhos, 11 de dezembro de 2025. **Roberto Fermino Junior** - Sócio Administrador



PREFEITURA MUNICIPAL DE ITUVERAVA

Termo de Homologação de Processo Licitatório

Prefeitura Municipal de Ituverava - Modalidade: Concorrência - Edital Nº 071/2025 - Processo Nº 085/2025. A Autoridade Competente da(o) Prefeitura Municipal de Ituverava, Sr.(a) Luiz Antônio de Araújo, no uso das atribuições legais, conforme legislação vigente (Lei 14.133/2021, Art. 28, II (PNCP e TransfereGov +Brasil)), após exame e deliberação do processo licitatório Nº 085/2025, em observância ao Instrumento Convocatório (Edital) 071/2025, que institui o(a) Concorrência em epígrafe, resolve homologar a licitação realizada na forma eletrônica, no portal BBMNET Licitações, conforme as condições a seguir:

RESULTADO DA LICITAÇÃO:

Número do Lote: 1	
Finalidade da Licitação:	Contratação de Obras e Serviços Comuns e Especiais de Engenharia
Item 1	
Objeto da Licitação:	contratação de empresa especializada para a execução de obras para a implantação do programa minha casa minha Vida – SUB 50 (FNHIS)- conforme especificações do edital, no Projeto Básico.
Quantidade:	1 Serviço(s)
Marca:	
Valor Unitário:	R\$ 5.733.999,86
Valor Total:	R\$ 5.733.999,86
Participante Vencedor:	TERRA FORTE BRASIL CONSTRUTORA LTDA
Apelido:	Participante 4
Documento do Licitante:	10.412.300/0001-31
Cidade UF:	Barrinha - SP
Valor total Contratado:	R\$ 5.733.999,86

Ituverava - SP, 11 de Dezembro de 2025 as 10 horas e 24 minutos. Autoridade Competente: Luiz Antônio de Araújo, Promotor: Prefeitura Municipal de Ituverava, Unidade de Compra: Prefeitura Municipal de Ituverava.



PREFEITURA MUNICIPAL DE ITUVERAVA

Termo de Adjuicação de Processo Licitatório

Prefeitura Municipal de Ituverava - Modalidade: Concorrência - Edital Nº 071/2025 - Processo Nº 085/2025 Amparo legal: Lei 14.133/2021, Art. 28, II (PNCP e TransfereGov +Brasil). O(A) Prefeitura Municipal de Ituverava, por seu(s) representante(s) abaixo assinado(s), no uso das atribuições legais, após exame e deliberação do processo licitatório Nº 085/2025, em observância ao Instrumento Convocatório, Edital Nº 071/2025, que institui o(a) Concorrência em epígrafe, resolve(m) adjudicar a licitação realizada na forma eletrônica, no portal BBMNET Licitações, conforme as condições a seguir:

RESULTADO DA LICITAÇÃO:

Número do Lote: 1	
Finalidade da Licitação:	Contratação de Obras e Serviços Comuns e Especiais de Engenharia
Critério de aceitação da proposta:	Menor Preço
Item 1	
Objeto da Licitação:	contratação de empresa especializada para a execução de Obras para a implantação do programa minha casa Minha vida – SUB 50(FNHIS) conforme especificações do edital, no Projeto Básico.
Quantidade:	1 Serviço(s)
Marca:	
Valor Unitário:	R\$ 5.733.999,86
Valor Total:	R\$ 5.733.999,86
Participante Vencedor:	TERRA FORTE BRASIL CONSTRUTORA LTDA
Apelido utilizado na sala:	Participante 4
Documento do Licitante:	10.412.300/0001-31
Cidade UF:	Barrinha - SP
Valor total Contratado:	R\$ 5.733.999,86

Responsáveis por adjudicação do(s) lote(s)

Sr.(a) Luiz Antônio de Araújo, como autoridade competente adjudicou:	1
--	----------

Ituverava - SP, 11 de Dezembro de 2025 as 10 horas e 24 minutos Promotor: Prefeitura Municipal de Ituverava, Unidade de Compra: Prefeitura Municipal de Ituverava.

Autoridade Competente: Luiz Antônio de Araújo



Hugo Souza comemora a classificação do Corinthians após defender dois pênaltis no confronto com o Cruzeiro Marina Uezima/Folhapress

Hugo Souza supera Cássio e conduz o Corinthians à final da Copa do Brasil

Em casa, alvinegro perdeu do Cruzeiro no tempo normal, mas avançou nos pênaltis

SÃO PAULO Herdeiro da meta do Corinthians após a saída de Cássio, Hugo Souza foi gigante na noite deste domingo (14), em Itaquera. Com duas defesas nas cobranças de pênaltis, ele foi mais decisivo do que o agora goleiro do Cruzeiro e colocou o time alvinegro na final da Copa do Brasil —a disputa terminou em 5 a 4.

Do outro lado, Cássio —ícone histórico e maior defensor de pênaltis do clube do Parque São Jorge— chegou a pegar a primeira cobrança, batida por Yuri Alberto, mas viu o Corinthians reagir nos chutes alternados e selar a vaga. Hugo defendeu as cobran-

ças de Gabigol e Wallace.

Nos 90 minutos, a equipe celeste venceu por 2 a 1. Como havia perdido o jogo de ida por 1 a 0, o placar agregado terminou empatado em 2 a 2. Arroyo marcou os dois gols do Cruzeiro, enquanto Matheus Bidu descontou para o Corinthians.

Em resposta à postura do Corinthians no jogo de ida, desta vez foi o Cruzeiro quem teve maior controle da bola, pressionou a saída do adversário e criou as principais chances do primeiro tempo. Aos 16 minutos, os visitantes quase abriram o placar quando Mateus Pereira acertou um vo-

leio, mas Hugo Souza defendeu. No rebote, Gustavo Henrique travou a finalização de Sinisterra.

O goleiro alvinegro voltou a aparecer bem em chute de Kaio Jorge, aos 24 minutos, mas não conseguiu evitar que Arroyo abrisse o placar, aos 39. O equatoriano, que começou no banco de reservas e entrou após a lesão de Sinisterra, marcou de cabeça.

A vitória parcial dos visitantes levava a decisão para os pênaltis, mas o cenário durou pouco.

Logo aos 4 minutos do segundo tempo, após um contra-ataque, Arroyo marcou seu segundo gol na partida e ampliou a vanta-

“
Para ser sincero, não queria que [a classificação] fosse assim. Queria que a gente tivesse ganho o jogo e aí seria mais tranquilo, mas Deus quis assim

Hugo Souza
goleiro do Corinthians

gem, virando o placar agregado.

A reação dos donos da casa também foi rápida. Aos 9 minutos, Matheus Bidu completou de cabeça após cruzamento de Garro e ajeitada do zagueiro Gustavo Henrique na área. A disputa por pênaltis voltava a surgir no horizonte de Itaquera.

O gol animou a equipe da casa, que passou a pressionar em busca do empate. Empurrado pela torcida, o Corinthians acertou duas vezes a trave: primeiro com Matheus Bidu e, depois, com Breno Bidon.

Cássio também precisou se esforçar em ao menos três finalizações de alto grau de dificuldade, sendo decisivo contra o ex-clube. A pressão do Corinthians continuou até o fim do jogo, mas não houve novos gols no tempo regulamentar, confirmando a decisão nas penalidades.

Pela primeira vez, a torcida corintiana teve Cássio como adversário em uma disputa desse tipo. Ele é o maior defensor de pênaltis da história do clube, com 32 cobranças defendidas ao longo de sua trajetória no Parque São Jorge —marca que inclui 21 defesas em disputas por pênaltis e outras 11 no tempo normal.

No Cruzeiro, onde atua desde o ano passado, o goleiro contabilizava até então quatro defesas: três no tempo normal e uma em disputa de pênaltis, registrada na semifinal do Campeonato Mineiro de 2025, contra o América-MG.

Com a disputa de hoje, Cássio chegou a cinco cobranças defendidas, mas a estatística foi ofuscada pelo brilho de Hugo Souza. Agora, o dono da meta alvinegra chegou a dez defesas, com quatro no tempo normal e seis em decisões por pênaltis.

“Para ser sincero, não queria que [a classificação] fosse assim. E aqui no Corinthians as coisas nunca são tranquilas. Deus quis dessa forma”, disse Hugo Souza.

A classificação já garantiu ao Corinthians pelo menos R\$ 33 milhões de premiação, valor pago ao vice-campeão. Em caso de título, vai somar mais R\$ 44 milhões.

Palmeiras fatura tetra no Paulista contra o arquirrival

SÃO PAULO O Palmeiras confirmou o tetracampeonato no Paulista Feminino em cima de seu maior rival, o Corinthians, neste domingo, no estádio Canindé, na zona norte da capital.

O alviverde já havia levantado a taça em 2001, 2022 e 2024.

Neste domingo, o Corinthians venceu por 1 a 0, com gol de Gabi Zanotti em cobrança de pênalti. Mas o Palmeiras já havia goleado por 5 a 1 no primeiro duelo da decisão na Arena Barueri, no último dia 7, e deixou praticamente assegurado o título da competição.

Com a vantagem conquistada no último jogo, o Palmeiras dificultou bastante o avanço do Corinthians diante de sua torcida.

Um dos destaques da partida, a capitã do Corinthians, Gabi Zanotti, sofreu e ela mesma cobrou pênalti aos 7 minutos do segundo tempo. Assim a artilheira do Corinthians marcou o seu 18º gol na temporada.

Aos 40 minutos do segundo tempo, Joselyn Espinales chegou marcar um gol para o Palmeiras, mas que foi anulado pela jogadora estar em posição irregular.

A equipe palmeireNSE recebeu a taça das mãos da presidente do time, Leila Pereira.

Para a atacante Amanda Gutierrez, o título traz um bom sentimento. “Quando cheguei aqui disse que íamos colocar o Palmeiras na prateleira que ele merece e fizemos isso hoje”, disse a jogadora, que se despediu do Palmeiras neste domingo.

Amanda Gutierrez foi vendida em outubro para o Boston Legacy, dos Estados Unidos, por um valor recorde no futebol feminino brasileiro: US\$ 1,1 milhão (R\$ 5,9 milhões).

“O que aconteceu comigo tem ajudado muito o clube, fico muito feliz com tudo que o Palmeiras poderá construir com esse dinheiro”, disse.



Jogadoras do Palmeiras celebram a conquista do Paulista após superar o Corinthians na decisão Fabio Menotti/Ag. Palmeiras

RACISMO NO VÔLEI

Jogador argentino diz ter sido chamado de macaco, após jogo no interior de São Paulo

SÃO PAULO O jogador argentino Manuel Armoa Morel, 23, afirmou que foi chamado de macaco por um torcedor do Sesi Bauru, no interior de São Paulo, na noite deste sábado (13), e registrou boletim de ocorrência.

Ponteiro do Vôlei Guarulhos, Morel fazia o aquecimento logo depois da derrota para o Sesi, por 3 sets a 2, pela Superliga, quando um homem começou a gritar: “mono [macaco] chora, mono chora”.

A diretoria do Guarulhos diz que o atleta está profundamente abalado e se comprometeu em auxiliá-lo, além de acompanhar o caso até que o agressor seja responsabilizado criminalmente, como prevê a legislação.

entrevista da 2ª | mundo



Ato contra o ex-presidente Jair Bolsonaro na avenida Paulista, em São Paulo Bruno Santos- 13.set.21/Folhapress

Jason Stanley Brasil é um líder mundial contra fascismo e virou exemplo ao prender Bolsonaro

Especialista em autoritarismo autoexilado no Canadá afirma que instituições brasileiras se provaram sólidas; para estudioso, Trump quer que os EUA sejam país conhecido internacionalmente por crueldade, ódio e racismo

Victor Lacombe

SÃO PAULO O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro (PL) têm muito em comum. Tratam-se de líderes de direita antissistema que chegaram ao poder de forma inesperada em uma eleição polarizada e que, tendo sido derrotados em tentativa de reeleição, agiram para tentar reverter o resultado nas urnas — culminando em uma invasão violenta a prédios públicos. O desdobramento desses episódios, entretanto, foi radicalmente diferente nos dois países. No Brasil, Bolsonaro foi primeiro declarado inelegível e depois, condenado no julgamento da trama golpista e preso. Nos EUA, Trump passou quatro anos reconstruindo sua influência no Partido Republicano até vencer a eleição de 2024 e voltar à Casa Branca.

Para especialistas, a prisão de Bolsonaro marcou um ponto fora da curva entre líderes considerados autoritários do século 21.

Um dos estudiosos que prestou atenção nisso foi o filósofo americano Jason Stanley, um dos mais importantes especialistas em fascismo do mundo e autor do livro “Como Funciona o Fascismo”.

Stanley era professor da Universidade Yale até decidir, em março deste ano, que deixaria os EUA junto com a família por temer que o país se tornasse uma ditadura fascista em breve. O intelectual se autoexilou no Canadá, onde chegou em setembro deste ano para trabalhar na Universidade de Toronto.

Em entrevista à *Folha* por telefone, Stanley diz que considera o Brasil um líder na luta contra o fascismo mundial, fala sobre as tentativas de Trump de redefinir o que significa ser americano, e especula quais podem ser os próximos passos de seu governo.

*

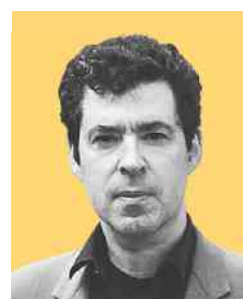
Como o senhor decidiu que deixaria os EUA? No começo, era uma declaração política contra o regime Trump. Mas a ficha só caiu

que eu realmente estava mudando de país quando de fato me mudei. Aí deixou de ser uma declaração política e se tornou uma realidade.

Eu morava na região de Nova York desde 2004, tinha muitos amigos. Quando você muda de país, perde seus amigos, tem de tirar novos documentos, é duro. Mas aqui no Canadá eu não preciso ficar me preocupando se as coisas que eu digo vão afetar a instituição em que trabalho.

E como o senhor avalia essa escolha agora? O que fez desde que saiu de seu país? Bem, eu viajei o mundo. Eu acho que a luta contra o fascismo é uma luta global, e o Brasil está no centro dessa luta. O Brasil deu o exemplo e mandou seu líder autoritário, Jair Bolsonaro, para a cadeia por tentar permanecer no poder [após perder as eleições].

Apesar de enormes obstáculos, apesar da sua Suprema Corte ter sido alvo de sanções, o Brasil liderou a luta contra o fascismo. Suas instituições se mantiveram de pé.



Jason Stanley, 56

É filósofo e professor de Estudos Americanos na Murk School of Global Affairs da Universidade de Toronto, no Canadá. Nascido no estado de Nova York em uma família judia, é doutor pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e autor dos livros “Como Funciona a Propaganda”, “Como Funciona o Fascismo” e “Apagando a História”

E o mundo agora quer entender como o Brasil fez isso, como derrotou esse inimigo. Todo mundo ama o Brasil neste momento e se pergunta: como vocês conseguiram?

Se o senhor tivesse que arriscar, como acha que o Brasil conseguiu? Não sei. Seus ministros [do Supremo Tribunal Federal] foram corajosos, suas instituições foram sólidas, talvez o seu líder autoritário não conseguiu mobilizar a opinião pública de maneira eficaz ou não foi muito competente como líder autoritário.

Mas creio que a resposta está nas instituições: a imprensa permaneceu crítica, inclusive a *Folha* e a jornalista Patrícia Campos Mello, que não se permitiu ser intimidada apesar de ser atacada por Bolsonaro. O povo não foi intimidado. Os juízes e os jornalistas não foram intimidados.

Havia uma impressão de que as instituições americanas eram sólidas, e que Trump teria dificuldade em erodi-las, mas o que vemos é outra coisa: a Suprema Corte, as universidades e parte da imprensa buscaram acomodar o presidente. Por quê? Havia mesmo essa impressão? Sabe, eu gosto de conversar com jornalistas brasileiros porque vocês são muito mais realistas sobre os EUA do que os europeus. Os jornalistas europeus dizem: meu Deus, a América, a terra do leite e do mel, a terra da liberdade, o que está acontecendo? Mas os brasileiros me perguntam: quanto tempo a ditadura vai durar por aí? Vocês são latino-americanos, vocês não acreditam que os EUA sejam um paladino da democracia e da liberdade, acreditam?

Continua na pág. A35



Protestos em São Paulo (alto); invasão do Congresso Nacional; Trump e Bolsonaro na Flórida Miguel Schincariol - 7.set.25/AFP, Gabriela Biló - 8.jan.23/Folhapress, Tom Brenner - 7.mar.20/ Reuters

Continuação da pág. A34

É difícil acreditar nisso quando o golpe de 1964 foi apoiado pelos EUA. Exatamente! Nós derrubamos governos e, quando vocês ficam democráticos demais, isso nos incomoda. Então, para responder sua pergunta, os EUA são um país corrupto. Basta olhar para os oligarcas e bilionários e a forma como o dinheiro tem um papel tão gigante na nossa política. Explicar o escândalo que [tornou Bolsonaro inegável por abuso de poder econômico e político] é impossível nos EUA: nós não temos leis de financiamento de campanhas eleitorais.

A realidade é que somos um país muito corrupto que, de alguma forma, vendeu a propaganda para o mundo de que não somos.

Então o senhor não está surpreso ao ver as instituições cedendo a Trump. Não. As instituições sempre se entreolham para saber quem está resistindo e quem está cedendo, e isso aconteceu nos EUA. Além disso, o regime Trump atacou uma por vez: um escritório de advocacia por vez, uma universidade por vez. Cada instituição que não foi atacada achou que estava escapando. Foi uma estratégia muito inteligente.

Há também o fato de que os oligarcas pró-Trump têm muito poder. Eles estão comprando cada vez mais veículos de imprensa, estão em cada vez mais conselhos de universidades. A estrutura dos EUA, há décadas, funciona para colocar tudo no bolso desses oligarcas. Dessa forma, basta que um autocrata apareça para controlar esses oligarcas e eles fazem tudo o que ele quiser para conseguir dinheiro do governo.

O senhor escreveu muito sobre fascismo e propaganda. Acredita que o objetivo final de Trump seja inaugurar uma ditadura fascista nos EUA? Trump está envelhecendo, e deve haver uma disputa por sucessão em breve. O mundo tem sorte de Trump ter 79 anos de idade. Então, mais importante do que perguntar o que Trump quer é perguntar o que a máquina por trás dele quer.

Essa máquina é composta de diferentes grupos: um deles é abertamente supremacista branco, xenofóbico e fascista, sem dúvida. Outro orbita a manosphere. Outro são os oligarcas e bilionários que manipulam essas pessoas, que dizem: me dê o seu dinheiro e em troca destruiremos seus inimigos. Isso acontece nos EUA e no Brasil, aliás.

Mas esses grupos não têm os mesmos objetivos, o que os une é a figura de Trump. A questão é: qual deles vai liderar o movimento Maga? Não sabemos. J. D. Vance é o sucessor óbvio, e ele parece desejar uma ditadura cristã na qual ele tem todo o poder. Ele vai conseguir? Há forças poderosas que se opõem a isso.

Ao mesmo tempo, Trump ainda não agiu nesse sentido. Há um Judiciário independente nos EUA, e haverá eleições no próximo ano. Ele não conseguiu consolidar seu poder, não. Mas o Partido Republicano parece acreditar que vai ficar no poder para sempre. Trump deu aos republicanos a sensação de que jamais haverá outro presidente do Partido Democrata.

Além disso, acredito que a Suprema Corte dos EUA age com a intenção exclusiva de manter no

poder um partido de extrema direita e garantir que os oligarcas continuem enriquecendo — outra razão pela qual o que aconteceu no Brasil foi tão importante, porque vocês têm um Supremo independente.

Dessa forma, há forte apoio para que um ditador assuma o poder nos EUA no futuro próximo. Mas há também grande resistência da sociedade civil americana.

Quando digo que Trump não consolidou poder, quero dizer que os eleitores não estão intimidados. As instituições, sim, mas não os eleitores. E há políticos como Zohran Mamdani [prefeito eleito de Nova York] e Gavin Newsom [governador da Califórnia] que enfrentam Trump de uma forma que a imprensa, as universidades, os tribunais e os escritórios de advocacia não fazem.

Ouseja, há oposição. Mas Vance, se conseguir suceder Trump, seria implacável e muito eficiente em consolidar poder e criar uma ditadura e Estado de partido único.

Qual o papel de agências como o ICE [o serviço de imigração dos EUA] nesse projeto, na opinião do senhor? Trata-se de supremacia branca e crueldade explícita. Os agentes do ICE estão normalizando nos EUA as táticas que ditaduras violentas usam: sequestros, enfiar pessoas em carros... e estão anunciando para o mundo: “O negócio dos Estados Unidos é a crueldade. Os EUA são um país de ódio. É isso o que somos”.

A analogia histórica do ICE são as SA [a Sturmabteilung, ou divisão de assalto, os camisas-paradas da Alemanha nazista]. O governo diz para quem quiser ouvir que, nessa organização, você po-



O Brasil deu o exemplo e mandou seu líder autoritário, Jair Bolsonaro, para a cadeia por tentar permanecer no poder. Apesar de enormes obstáculos, apesar da sua Suprema Corte ter sido alvo de sanções, o Brasil liderou a luta contra o fascismo. Suas instituições se mantiveram de pé

Vocês são latino-americanos, vocês não acreditam que os EUA sejam um paladino da democracia e da liberdade, acreditam? Nós derrubamos governos e, quando vocês ficam democráticos demais, isso nos incomoda. Os EUA são um país corrupto

de ser tão cruel quanto quiser. É uma redefinição dos EUA. O ICE é o novo rosto do país.

O senhor mencionou a Alemanha nazista. Historicamente, o fascismo ganhou força na Europa depois de grandes crises e no cenário de devastação da Primeira Guerra Mundial. Não há crises comparáveis no mundo desenvolvido hoje. O que alimenta movimentos de extrema direita contemporâneos? Essa é a grande questão. Na Suécia, na Alemanha, não há desespero econômico, não há filas de pessoas com fome. E ainda assim partidos fascistas nesses e em outros países são cada vez mais populares. É um mistério se pensarmos na história clássica do fascismo no século 20. O que acontece é que esses partidos de hoje inventam crises, como a crise cultural, a crise da imigração. São, em grande parte, crises inventadas, mas que parecem ter efeito como se fossem reais.

O grande inimigo, então, se torna a ideologia woke. O cartão de visita do fascismo hoje, em qualquer lugar do mundo, é ser contra o woke — ser contra pessoas trans, por exemplo. Da Rússia ao Brasil. E, de alguma forma, isso funcionou.

O que precisa acontecer para que o senhor retorne aos EUA? O que eu estou tentando fazer aqui em Toronto é criar um polo de resistência ao autoritarismo. O Canadá, acredito, é o lugar ideal para fazer isso hoje. Eu vejo o problema de maneira internacional, e por isso o Brasil é tão importante também.

Não quero ficar falando só sobre os EUA. Nem tudo é sobre os EUA. O Brasil provou isso.



Troncos permanecem empilhados após inundações que mataram ao menos 1.006 pessoas na Indonésia

Em Aceh Tamiang, norte de Sumatra, troncos de árvores arrastados por uma enchente há duas semanas estão agora amontoados no local onde antes existiam casas às margens de um rio; autoridades e equipes de resgate enfrentam dificuldades para prestar assistência aos mais de 5.400 feridos e aos cerca de 1,2 milhão de desabrigados

Yasuyoshi Chiba/AFP

TUDO + UM POUCO

Carolina Muniz

Jornalista e autora do blog Tudo + um pouco

Veja dicas de como adubar plantas no verão

Entenda que produtos usar, com que frequência aplicar e aprenda a evitar erros comuns; engenheiro agrônomo esclarece principais dúvidas sobre o tema

Com a chegada dos dias mais quentes, quando as plantas aceleram o crescimento, adubar os vasos se torna ainda mais importante.

“Assim que começa a esquentar, as plantas soltam folhas e flores novas e acabam exigindo mais adubo por consequência. Então, este é um ótimo momento para adubá-las, assim como ao longo de todo o verão”, afirma o engenheiro agrônomo Gaspar Yamasaki, que comanda o canal Cultivando no YouTube.

A seguir, o especialista esclarece as principais dúvidas sobre adubação.

Por que adubar?

Em vasos, as plantas não conseguem buscar novos nutrientes além daqueles presentes no próprio substrato. Como esse recurso vai se esgotando, é necessário repor os nutrientes regularmente. Adubar é fundamental para garantir que a planta se desenvolva de maneira saudável.

Qual adubo usar?

Há três grupos de adubos: os orgânicos, de origem vegetal ou animal; os químicos ou minerais; e os organominerais, que combinam características dos dois primeiros.

Entre os orgânicos, há diversas opções, como húmus de minhoca, torta de mamona, farinha de ossos, compostos orgânicos e esterco curtido. Nessa categoria, Gaspar destaca o bokashi, uma mistura pronta, fácil de usar e que costuma oferecer todos os nutrientes de que a planta precisa.

No grupo dos adubos minerais, o mais conhecido é o NPK (nitrogênio, fósforo e potássio). O especialista, porém, não recomenda a versão granulada para vasos, porque o risco de queimar as raízes em caso de excesso é maior.

Para esse tipo de cultivo, ele considera mais seguros e práticos os fertilizantes solúveis, que também trazem a sigla NPK no rótulo para indicar a proporção de nutrientes.

O NPK 10-10-10 é normalmente indicado para folhagens, enquanto o NPK 4-14-8, mais rico em fósforo, favorece flores e frutos. Na maioria dos produtos, a própria embalagem já informa para quais tipos de plantas o adubo é indicado.

Ainda dentro dos adubos minerais, Gaspar recomenda os cotes para os iniciantes na jardinagem. São fertilizantes de liberação lenta que podem durar de 3 a 12 meses, reduzindo bastante a necessidade de reaplicação.

Qual deve ser a frequência?

Para definir a frequência ideal, é preciso considerar o tipo de planta e, principalmente, o adubo utilizado. Fertilizantes de liberação lenta, como os cotes, duram meses. Já os adubos solúveis exigem aplicações mais frequentes, uma vez que disponibilizam os nutrientes de forma imediata.

De maneira geral, na primavera e no verão, quando as plantas estão em crescimento, a adubação pode ser feita cerca de uma vez por mês. No inverno, pode ser necessário ampliar o intervalo ou, no caso de espécies que entram em dormência, suspender a adubação.

A planta dá sinais de falta de adubo?

Sim. O principal indício é o amarelamento das folhas, em especial das mais velhas —um sintoma típico de deficiência de nitrogênio, geralmente o primeiro nutriente cuja falta se manifesta.

Outro sinal é o desenvolvimento abaixo do esperado: a planta cresce lentamente, demora a emitir novos brotos e floresce menos do que deveria.

A planta fica travada, mas não morre por falta de adubo. Quando a adubação é retomada, o crescimento tende a se normalizar ao longo do tempo.

Adubar em excesso faz mal?

Sim. E é um erro bastante comum. O excesso de adubo pode queimar as raízes e comprometer toda a planta. Para evitar problemas, a orientação é seguir as instruções do fabricante —normalmente, os rótulos dos fertilizantes indicam a quantidade e a frequência de uso.

“Acho sempre melhor considerar o indicado na embalagem como a dose máxima. Se você colocar menos adubo, o risco é que sua planta cresça um pouco menos. Se você colocar mais, o risco é a sua planta morrer”, explica Gaspar.

Pode adubar com sobras de alimentos?

Não é indicado jogar restos de legumes, verduras e frutas diretamente nos vasos. O ideal mesmo é ter uma composteira em casa, para depositar os diferentes materiais orgânicos e conseguir um adubo equilibrado. Mas é possível adicionar itens como borra de café e casca de ovos.



Como cuidar de petúnia



Conhecida por suas flores de diferentes cores, a petúnia precisa de sol pleno e rega frequente para se desenvolver bem.

A seguir, Bárbara Sales, assistente de curadoria botânica de Inhotim, em Brumadinho (MG), ensina como cultivar a planta.

Luz Deve receber pelo menos seis horas de sol por dia.

Rega Mantenha o solo úmido, mas nunca encharcado. Evite molhar as flores e as folhas, para prevenir fungos e apodrecimento.

Adubo Escolha fertilizantes ricos em fósforo, como o NPK 4-14-8. Também é possível usar o NPK 10-10-10.

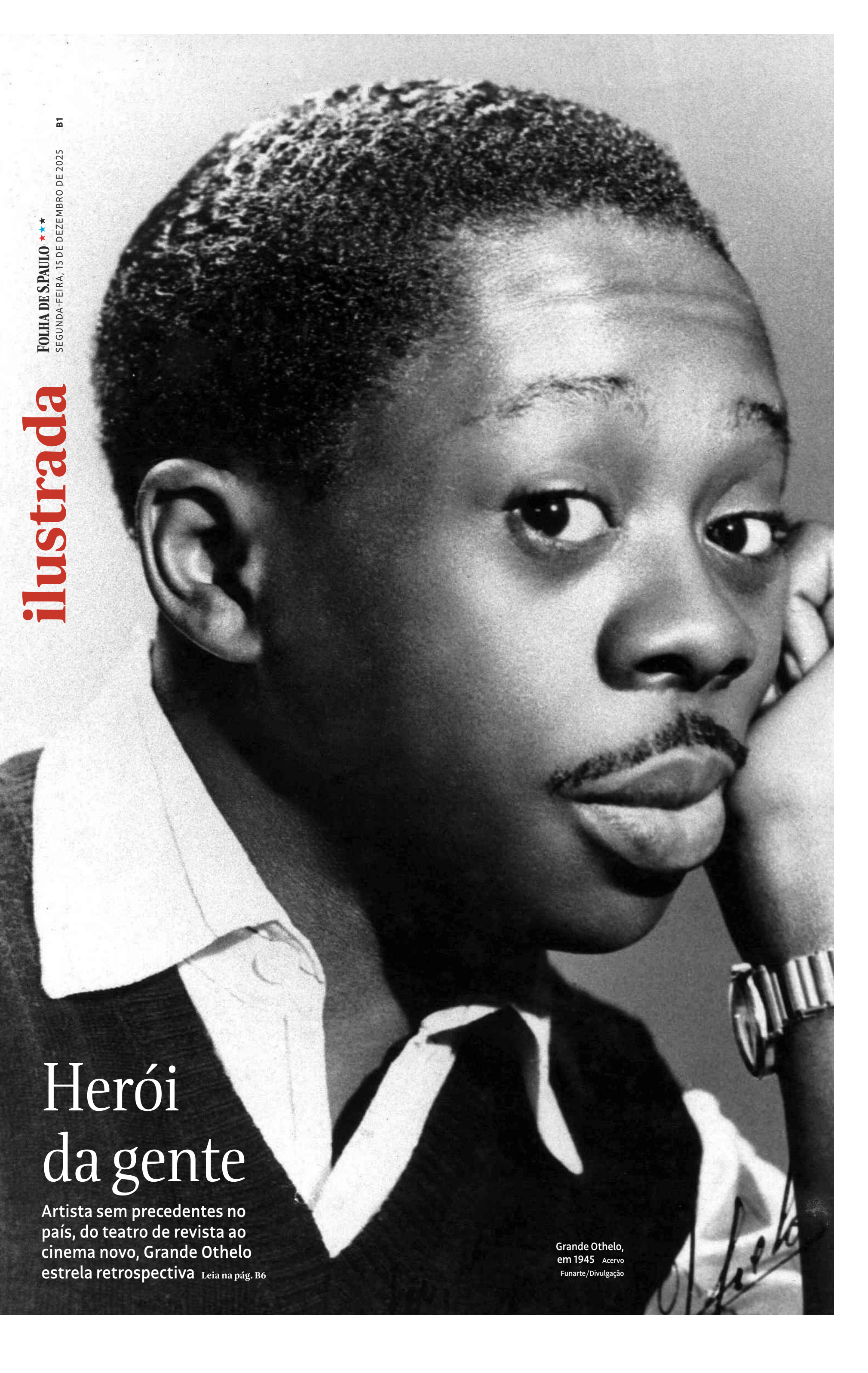


Accesse o QR Code para se inscrever

Herói da gente

Artista sem precedentes no país, do teatro de revista ao cinema novo, Grande Othelo estrela retrospectiva Leia na pág. B6

Grande Othelo,
em 1945 Acervo
Funarte/Divulgação



MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

GERAÇÃO ROBÔ

Uma nova rodada da pesquisa “Jovens, Inteligência Artificial e Mercado de Trabalho”, feita pela agência de dados Nexus e encomendada pela organização social Demà, mostra que a Geração Z, que nasceu entre 1997 e 2010, passou a considerar o domínio de ferramentas de inteligência artificial como requisito para a empregabilidade. Mas o grupo também manifesta temor sobre os impactos da tecnologia no futuro profissional.

GERAÇÃO 2 Segundo o levantamento, 65% dos entrevistados, de 14 a 29 anos, afirmam que conhecer IA é essencial para o desenvolvimento na carreira, e 84% dizem que o tema será decisivo na hora de conseguir uma vaga. Outros 64% pretendem fazer cursos na área.

EMPREGO O entusiasmo, porém, vem acompanhado de apreensão. Para 47% dos jovens, a IA gera preocupação, sobretudo pelo risco de automação de postos de trabalho. Já 42% se dizem empolgados com as possibilidades abertas pela tecnologia.

ENSINO No campo educacional, a adesão é ainda mais clara. Sete em cada dez entrevistados consideram a IA uma aliada no aprendizado. As ferramentas são usadas principalmente para pesquisas acadêmicas (83%) e para auxiliar em tarefas, trabalhos e estudos (71%). Mesmo assim, 24% temem que o uso excessivo leve à dependência ou reduza o esforço pessoal necessário para aprender.

CONTEXTO A pesquisa ouviu 2.016 jovens nas 27 unidades da federação, entre 14 e 20 de julho. A margem de erro é de dois pontos percentuais, com nível de confiança de 95%.

VIOLÊNCIA O Instituto de Referência Negra Peregum, a Uneafro Brasil e a Rede Liberdade ingressaram, na quinta (11), com uma ação civil pública contra o Governo do Estado de São Paulo denunciando violações de direitos de crianças e adolescentes provocadas pela letalidade policial.

VIOLÊNCIA 2 A iniciativa se baseia em um levantamento realizado pela Rede Liberdade. Entre 2023 e 2024, 11,26% das mortes resultantes de ações policiais envolveram menores de idade, majoritariamente na capital, mas também em cidades da Baixada Santista.

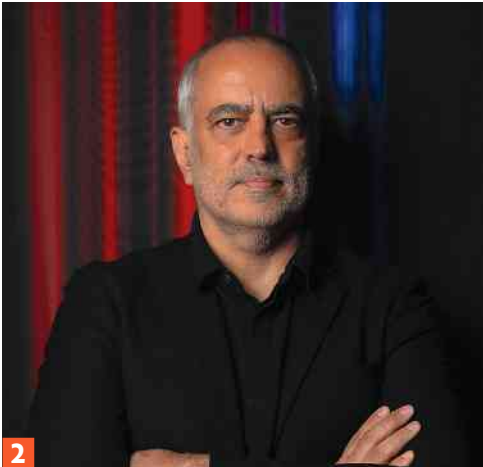
VIOLÊNCIA 3 Em nota, a Secretaria da Segurança Pública afirmou que a proteção de crianças e adolescentes é prioridade na gestão. A pasta também diz que as mortes de menores em ocorrências de letalidade policial representaram 4,9% do total em 2023 e 2024.



CORTE DE FITA

O músico Di Ferrero **1** e a atriz Suzana Pires **2** participaram na quinta (11) do lançamento da nova fase do Complexo Cidade Matarazzo, no centro de São Paulo. O empresário francês e fundador do empreendimento, Alex Allard **3**, recepcionou os convidados. O presidente da LVMH na América Latina, Davide Marcovich **4**, esteve por lá

Fotos Ronny Santos/Folhapress



TELINHA

O escritor e roteirista Raphael Montes **1** e o diretor Heitor Dhalia **2** compareceram à primeira edição do “Feito Aqui – Nasce no Brasil. Viaja pelo Mundo”, realizado pela Netflix na terça-feira (9), no espaço Villaggio JK, em São Paulo. O produtor KondZilla **3** e a vice-presidente de conteúdo da empresa de streaming no Brasil, Elisabetta Zenatti **4**, também estiveram presentes

Fotos Ronny Santos/Folhapress

SORRIA A Coalizão Direitos na Rede, a campanha Tire Meu Rosto da Sua Mira e outras entidades de direitos digitais pediram que o relator do PL 2338/2023, deputado Aguinaldo Ribeiro (PP-PB), recue da intenção de flexibilizar o uso de tecnologias de reconhecimento facial em espaços públicos. O parlamentar afirmou, no fim de novembro, que o texto aprovado pelo Senado seria “restritivo demais”.

SORRIA 2 As organizações divulgaram um documento técnico apontando que o projeto, na forma atual, já cria um “vácuo regulatório”. Embora classifique o reconhecimento facial como tecnologia de “risco excessivo”, lista exceções tão amplas que, segundo as entidades, deixaa praticamente todos os usos de segurança pública de fora de mecanismos de transparência e controle.

SORRIA 3 Elas afirmam que uma nova rodada de afrouxamento ampliaria violações constitucionais, riscos de discriminação racial e desperdícios de recursos públicos.

SOM O rap é o gênero mais gravado nos estúdios das Fábricas de Cultura, com cerca de 170 registros, seguido por MPB (160) e samba/pagode (150). O estudo foi feito pela Polie-sis, gestora do programa, em parceria com a Secretaria da Cultura do Estado, e analisou mais de 1.100 projetos gravados em 2024 e 2025.

SOM 2 As Fábricas de Cultura, espaços públicos e gratuitos, existem desde 2007. Elas ficam localizadas em regiões periféricas e oferecem formação artística e acesso à cultura para crianças, jovens e adultos.

SOM 3 O levantamento mostra que cada território mantém uma identidade própria. O Capão Redondo segue como polo do rap, mas também atrai MPB e pagode. A Brás-ília se destaca pela heterogeneidade, com MPB e rock no topo e crescimento de podcasts. Em Igua-pe, predominam repertórios tradicionais, como o guarani.

VOANDO Maria, Rafael e José são os nomes mais frequentes entre os clientes que voaram com a Azul entre 2018 e 2025. Para marcar seus 17 anos, a companhia realizou um levantamento com base nos 310 milhões de passageiros transportados no período analisado. Entre os sobrenomes, lideram Silva, Santos e Oliveira. O estudo ainda aponta que 59% dos viajantes eram homens e 41%, mulheres.

ESTANTE O economista João Saboia lança no próximo 16 de dezembro, na Livraria Argumento, no Rio de Janeiro, o livro “Economia e Mercado de Trabalho no Final da Ditadura”. A obra reúne artigos publicados por ele na Folha entre 1979 e 1984, com análises da crise econômica que marcou os últimos anos do regime militar. O prefácio é assinado pelo deputado Eduardo Suplicy.

OUTRO CANAL

Gabriel Vaquer
gabriel.vaquer@grupofolha.com.br

Justiça nega pedido para tirar série ‘Tremembé’ do ar

A Justiça de São Paulo negou um pedido de liminar de Sandra Regina Gomes, conhecida como Sandrão, para tirar do ar a série “Tremembé”, lançada em outubro pela plataforma Amazon Prime Video. A ex-presidiária está processando a empresa e quer uma indenização de R\$ 3 milhões por uso irregular de sua imagem, além de danos morais e materiais.

DETALHES A coluna teve acesso à decisão da juíza Ana Clara de Moura Oliveira. Nela, a magistrada afirma que a questão do direito de imagem precisaria ser mais bem discutida no processo. Ela também afirma que uma decisão liminar que retirasse a produção do ar poderia configurar censura.

DETALHES 2 “A liberdade de expressão e manifestação deve ser responsável, assumindo danos por eventuais prejuízos”, diz o texto. A juíza também propôs uma

audiência de conciliação entre as partes. A ideia, segundo ela, é que se chegue a um acordo para que o processo seja encerrado sem passar pelo litígio. A data da audiência ainda não está definida.

RETORNO Thaís Oyama está de volta à TV Cultura. A jornalista assinou contrato na sexta-feira (12) e retorna à emissora da Fundação Padre Anchieta, onde já esteve até 2023, antes de tirar um período sabático da televisão. Ela irá dividir a apresentação do programa Linhas Cruzadas com o filósofo e escritor Luiz Felipe Pondé, colunista da Folha. Thaís comandava a atração antes de se afastar da TV.

QUEM DÁ MAIS? A Conmebol está no mercado oferecendo a plataformas pagas 76 jogos da Libertadores das temporadas que vão de 2027 a 2030. O pacote com mais partidas foi adquirido pela ESPN. A Paramount, que estava na



NO AR NO SBT E DISNEY+
Huub van Ballegooy, da ITV, dona do The Voice, posa com Leonardo Lessa e Daniela Busoli, da produtora Formata, e Boninho; ele visitou o set da atual temporada do reality Divulgação

briga para comprar o torneio, decidiu retirar sua proposta. Em nota, a entidade máxima do futebol sul-americano confirma que já recebeu ofertas pelos direitos de exibição dessas partidas.

MUDANÇAS A Globo decidiu mexer no Esporte Espetacular, seu programa esportivo exibido aos domingos. Fernando Fernandes deixará a apresentação para se dedicar às reportagens especiais de aventura. A partir de janeiro, Karine Alves passa a comandar a atração sozinha. Ou seja, Fernandes, que participou como comentarista e apresentador de coberturas olímpicas e paralímpicas, não terá um substituto no programa.

VELHO CONHECIDO Famoso por ter protagonizado “Os Dez Mandamentos”, Sergio Marone está de volta à Record depois de nove anos. O ator assinou contrato com a emissora e será um dos protagonistas da nova série bíblica “Amor em Ruínas”, que começa a ser gravada em fevereiro do ano que vem.

SBT News foge do escopo da emissora aberta mirando audiências mais ricas

Canal de jornalismo que estreia na TV fechada nesta segunda quer disputar público com GloboNews e CNN e tem o ex-ministro Fábio Faria como o líder da implantação

Eduardo Moura

OSASCO (SP) O ex-ministro Fábio Faria, marido de Patrícia Abravanel, andava sorridente de um lado para o outro no estúdio oito do SBT, em Osasco, na Grande São Paulo. Ia a passo rápido, o topete tremulando, para fazer a social com tanta gente importante que chegava de helicóptero. A pomada capilar devia ser das boas, e o penteado terminou a noite da última sexta intacto.

O evento de lançamento do SBT News, projeto do qual Faria é o maior entusiasta, conseguiu reunir um line-up de peso. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seu vice, Geraldo Alckmin, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo, o governador paulista Tarcísio de Freitas e o prefeito paulistano Ricardo Nunes, todos eles sentados na fileira da frente, ao lado do clã Abravanel.

O canal chega à TV fechada, no YouTube e na plataforma +SBT na segunda, às 18h, prometendo 20

horas de programação ao vivo. A diversidade de espectros políticos também se revelou entre os patrocinadores —estão desde a Havan de Luciano Hang à JBS dos irmãos Batista, além de EMS, Gerdau, Tim, Amil, BYD e Cedro.

Talvez nenhuma emissora encarne tanto o espírito mambembe do brasileiro quanto a fundada por Silvio Santos, entre atrações e slogans—Jequiti, Baú da Felicidade, “Roda a Roda” e o bordão “má ôê” são patrimônios afetivos.

Todas as autoridades que discursaram no evento mencionaram de forma bem-humorada algo do entretenimento do SBT, sem citar o seu jornalismo—setor da casa marcado por polêmicas.

Morto no ano passado e “ressuscitado” no evento com inteligência artificial, Silvio Santos defendia que o noticiário deveria ser favorável ao governo —desde o período da ditadura à redemocratização. Há cinco anos, chegou a vetar uma edição do SBT Brasil,

o principal jornal do canal, após o destaque a um vídeo vazado de uma reunião ministerial de Jair Bolsonaro, em maio de 2020.

Todo esse conjunto, por outro lado, pode ser um obstáculo para o que o SBT News se propõe a ser —um produto de prestígio entre as classes A e B. Pessoas de dentro do novo canal afirmam que estão mais que cientes desse desafio no campo simbólico e que o marketing está concentrado nisso. O monitoramento de audiência só terá olhos para a GloboNews e para a CNN. O foco, dizem, será todo voltado aos bastidores de Brasília e ao mercado financeiro.

Segundo essas fontes, o lançamento do canal vem depois de o Grupo Silvio Santos entender que não chegava às classes A e B, muito menos ao chamado “triple A”—a camada mais ao topo da cadeia alimentar brasileira. E é com esse público, os tomadores de decisão, que o SBT News quer falar.

Sobre o desafio de acessar essa

As autoridades que discursaram no lançamento mencionaram o entretenimento do SBT, mas não seu jornalismo. O setor tem polêmicas históricas —Silvio Santos defendia que o noticiário devia ser favorável a todos os governos

O histórico lúdico da emissora aberta pode ser um grande desafio para o que o canal se propõe a ser —um produto de prestígio que quer falar com as classes A e B, os chamados tomadores das decisões

camada da população, a equipe diz que o conteúdo vai falar por si.

Para isso, Faria foi atrás de nomes conhecidos pela cobertura quente e por furos jornalísticos. Da sucursal de Brasília da Folha vieram cinco jornalistas, dentre os quais a diretora de Redação, Camila Mattoso. Outra figura importante é Leandro Cipoloni, um dos responsáveis pela criação da CNN Brasil, após passar anos na Record. Em frente às câmeras, haverá jornalistas como Celso Freitas, Amanda Klein e Raquel Landim.

Fábio Faria é filiado ao Progressistas. Líder de implantação do SBT News, foi ministro das Comunicações de Bolsonaro entre 2020 e 2022. Antes, foi deputado federal por quatro mandatos e é há dois anos gerente sênior de relacionamento do BTG Pactual —banco patrocinador do canal. Ele também é filho de Robinson Faria, que foi governador do Rio Grande do Norte, então no PSD, e hoje é deputado federal pelo PL.

“O jornalismo não pode apenas ser arma política”, disse Faria, no evento de sexta. “Espero que tenhamos muito bom senso, muito discernimento para que a gente possa ajudar no bom jornalismo.”

“O SBT não tem partido. Eu acho que a presença de todas as autoridades aqui hoje mostra muito o que é o SBT”, afirmou ainda. “O lado do SBT News vai ser o lado do SBT, que é o Brasil.”

11 anos no topo.
Pode passar
mais uma camada
de orgulho.

Risqué continua no topo quando o assunto é **Top Feminino e Esmalte de Unhas.**

Essa conquista é de todas vocês, que fazem nossa história com o brilho das unhas intacto.

35 ANOS | **RISQUÉ** |

TÁ NAS NOSSAS MÃOS

ilustrada



Capas de diversas edições da revista Playboy, que trouxe ensaios célebres com Claudia Ohana, Vera Fischer e Carla Perez, entre outras musas do país Daniela Toviansky/UOL

Antes rainha dos ensaios eróticos com estrelas, Playboy agora é cinquentona

No Brasil, a revista desnudou celebridades como Sônia Braga, Adriane Galisteu e Betty Faria, mas o sucesso desde o fim dos anos 1970 foi trocado pela pornografia na internet

SÃO PAULO Em agosto de 1975, a editora Abril lançou a primeira edição da Revista do Homem, que trazia então algo inédito em língua portuguesa — material da Playboy, que já era o título mais conhecido no mundo das publicações para o público masculino, lançado nos Estados Unidos em dezembro de 1953. A revista era famosa até no Brasil, porque, desde o final dos anos 1960, bancas de São Paulo e do Rio de Janeiro ofereciam alguns exemplares importados da publicação.

Esse potencial fez a Abril comprar os direitos de reportagens e ensaios fotográficos para turbinar a Revista do Homem. E a iniciativa passou a ser destacada na capa — acima do logo estava a inscrição “com o melhor

de Playboy”. Na edição de estreia, o ensaio principal foi com Livia Mund, estrela de propagandas de televisão. As “coelhinhos” importadas preenchiam ensaios secundários no restante das páginas.

Depois de negociações, a Abril aumentou o valor que pagava aos americanos e, em junho de 1978, Playboy passou a ser o título. Na memória afetiva das pessoas, há um equívoco sobre a estrela da capa da primeira revista após a mudança do nome. Na edição de junho, quem aparece é a modelo americana Debra Jo Fondren.

Dois meses depois, Betty Faria se tornou a primeira brasileira na capa. A repercussão foi muito maior, a ponto de sites de revistas antigas venderem erroneamente exemplares com a

atriz na capa como se fosse a primeira Playboy publicada no país.

A fórmula era fiel à original americana — ensaios eróticos, excelência em textos de jornalistas e cronistas, e a grande entrevista mensal com nomes relevantes, que em algumas edições chegou a ocupar 14 páginas. A escolha do entrevistado era entre aqueles com alcance mundial que saíam na revista americana, como Marlon Brando ou Henry Kissinger, ou brasileiros incontestáveis para tal destaque, como Chico Buarque e Millôr Fernandes. Para investir no ensaio de capa, o alvo claro era uma estrela da TV,

Betty Faria abriu caminho para Sônia Braga, Dina Sfat, Claudia Raia, Maitê Proença, Claudia Ohana e outras musas da Globo.

Betty Faria se tornou a primeira brasileira na capa da Playboy, quando a revista adotou este nome no Brasil, no meio da década de 1970

Exemplares com seu ensaio e os com as fotos da atriz Sônia Braga, que também já estampou a capa, já foram vendidos por R\$ 5.000 em sites de periódicos antigos na internet

Algumas, como Lídia Brondi, em 1984, tiveram suas fotos publicadas em uma revista especial separada, vendida junto com o exemplar normal. Nos anos 1980, a busca por nudez ampliou as opções para modelos, cantoras, apresentadoras de TV e atletas. Nesse segmento, causou polêmica a capa com Hortência. A Playboy americana já tinha apresentado ex-atletas, mas a brasileira, ainda em atividade, era uma das maiores jogadoras do basquete mundial.

A década de 1990 marcou o auge da revista, quando alcançou suas maiores vendagens. Foi intensificada a busca por mulheres que protagonizaram polêmicas, como a modelo Luma de Oliveira, que não saía das colunas sociais e das páginas da Playboy. A revista publicou cinco ensaios de capa com ela, entre 1987 e 2005.

Outro exemplo é Adriane Galisteu, que apareceu em três edições — 1995 e 1996, na onda de ter sido a última namorada de Ayrton Senna, e em 2004, já consolidada como apresentadora de TV.

Mas foi quase na virada para o século 21 que surgiram as reais campeãs de vendagem da revista.

Continua na pág. B5



Continuação da pág. B4
Na Band, o programa H, de Luciano Huck, criou personagens que apareciam quase nus e provocavam a garotada no auditório com jogos eróticos. Suzana Alves era a Tiazinha, e Joana Prado, a Feiticeira. As duas lideram as vendas da Playboy. Em dezembro de 1999, a edição recordista com Feiticeira vendeu 1,247 milhão de exemplares, superando por pequena diferença a edição de março do mesmo ano, com Tiazinha, que alcançou 1,223 milhão de revistas. O pódio é completado pela primeira aparição de Adriane Galisteu, com vendagem de 960 mil revistas. O top dez traz as dançarinas do grupo É O Tchan — Scheila Carvalho, Sheila Mello e Carla Perez. A lista fecha com a cantora Kelly Key e a atriz Marisa Orth. Um segredo muito bem guardado é o cachê que as mulheres receberam. A Abril nunca divulgou os números. Os valores estimados foram divulgados pelas estrelas, que, segundo a editora, aumentavam as cifras. Suzana Alves afirmou ter recebido por sua primeira revista cerca de R\$2 milhões. Segundo vários direto-

res do periódico, nenhuma mulher recebeu sete dígitos. O último grande cachê pago pela Playboy foi em 2010, para Cleo Pires. Os anos 2000 marcaram as capas com mulheres dos reality shows. Sabrina Sato é o exemplo mais bem-sucedido entre mais de 40 capas vindas desses programas. Mas a primeira década do século viu a oferta de nudez e pornografia na internet derrubar o interesse pelos ensaios da Playboy. Nos anos 1980 e 1990, a divulgação da capa do mês seguinte era um segredo na Abril. Depois da virada do século, a editora passou a se preocupar em divulgar as estrelas que assinavam contrato para já começar a divulgação, na busca por leitores. Em 2015, a Abril fechou a revista. No ano seguinte, o grupo brasileiro PBB Entertainment licenciou novamente o título e tentou emplacar a mesma repercussão, sem sucesso. A operação durou menos de dois anos, com publicação irregular e baixas vendas. O glamour da Playboy e a força da marca são incontestáveis. Bem conservados, exemplares das edições mais vendidas passam de R\$ 500 em leilões. **Thales de Menezes**

A década de 1990 marcaria o auge do título, quando alcançou as suas maiores vendagens. Foi intensificada então a busca por mulheres que protagonizaram polêmicas, como a modelo Luma de Oliveira, que nunca saía das colunas sociais e das páginas da Playboy — a revista publicou cinco ensaios de capa com ela, entre 1987 e 2005
Outro exemplo é Adriane Galisteu, que apareceu em três edições — 1995 e 1996 e 2004, já consolidada como um rosto famoso de programas de TV

Publicação redefiniu o que é ser homem, segundo o filósofo trans Paul Preciado

Em ‘Pornotopia’, intelectual vê como revista fez do homem solteiro, dono do seu espaço doméstico, um novo ideal de masculinidade

LIVROS
Pornotopia: Um Ensaio Sobre a Arquitetura e a Biopolítica da Playboy
★★★★★

Autor: Paul B. Preciado. Trad.: Denise Bottmann. Ed.: Zahar. R\$ 104,90 (352 págs.); R\$ 44,90 (ebook)

Diogo Bercito

Numa noite de 2001, o filósofo espanhol Paul Preciado ligou a televisão. Estava com insônia. Na tela, Hugh Hefner, o fundador da revista Playboy, aparecia de pijama falando sobre como o homem tinha de conquistar o espaço doméstico. Preciado, também de pijama, não dormiu mais. No dia seguinte, ele se enfurrou numa biblioteca de Nova York e se pôs a ler as primeiras edições da revista, lançada em 1953. Nas duas semanas que passou ali, se surpreendeu em ver que a Playboy tinha tantas fotos de arquitetura e design quanto de mulheres peladas. Daquela constatação saiu sua tese de doutorado em arquitetura, defendida na prestigiosa universidade americana Princeton. O trabalho se desdobrou no livro “Pornotopia”, lançado em 2010 em espanhol, em 2014 em inglês e agora em português. A chegada do ensaio ao Brasil coincide com sua popularidade. Homem trans, Preciado é uma referência nos estudos queer, de gênero e de sexualidade. É conhecido, em especial, pelo livro “Testo Junkie”, em que narra a experiência de se medicar com o hormônio testosterona. Preciado mostra, em “Pornotopia”, que Hefner e sua revista transformaram a noção do que significa ser um homem nos Estados Unidos e no mundo. O Brasil, aliás, foi um dos primeiros países a ter sua própria versão da Playboy, lançada em 1975. A tese central de Preciado é de que a Playboy promoveu uma mudança radical no conceito de masculinidade durante a Guerra Fria. O ideal até então era o do homem casado que morava no subúrbio. A ousada revista, entretanto, vendia uma outra possibilidade — o homem solteiro. Não apenas solteiro, mas doméstico. Ele já não precisava estar no espaço público nem demonstrar sua masculinidade fazendo coisas como caçar animais na floresta. Em vez disso, o playboy de Hefner morava sozinho num apartamento bacana. Daí todas as fotografias de design de interiores e móveis, assim como a glamorização da famosa “mansão Playboy” de Hefner. Preciado vai mais longe e sugere que as imagens de mulheres peladas eram secundárias, incluídas quase que para garantir que não fosse uma revista feminina ou, pior ainda para Hefner, uma publicação gay. O apartamento desse novo homem, o playboy, tinha de ser bem decorado e incluir equipamentos de última geração. Preciado mostra, também, que muitos desses apetrechos eram giratórios, como as poltronas e as camas. O design construía um espaço doméstico eficiente. A meta era seduzir mulheres para passarem a noite — e facilitar sua partida no dia seguinte. Não eram mensagens das entrelinhas. A revista discutia abertamente sua ideologia, sugerindo que as mulheres tinham roubado o espaço doméstico e expulsado o homem dele. Cabia ao playboy retomar o que era seu e, como Hefner, até passar os dias na poltrona, de pijama. Preciado diz que o discurso de Hefner coincidia com o das feministas e o antecipava. Os dois campos negavam a ideia de que a casa é o habitat natural da mulher. Só que, na visão da Playboy, a mulher ficava sem habitat. Tanto o espaço público quanto o doméstico eram direito do homem para se divertir com quantas mulheres ele quisesse. A revista também redefiniu essa mulher. Já não era a esposa suburbana e tampouco a prostituta. Nas páginas da Playboy, sobressaía a vizinha, num misto de ingenuidade e sedução — e sempre disponível. Isso explica, em parte, as fotos eróticas de mulheres em espaços domésticos, surpreendidas, por exemplo, passando o aspirador nuas ou só vestindo calcinha. Os eletrodomésticos propagandeados pela revista eram tão eficientes, segundo Preciado, que conseguiram até tirar a mulher da cozinha, um símbolo da vida suburbana do século 20. O livro de Preciado é sofisticado. Transparece a influência dos seus mentores, o francês Jacques Derrida e a húngara Ágnes Heller. De Michel Foucault, aproveita a teoria sobre os mecanismos de poder. Contudo, com tantas referências costuradas num texto acadêmico, o livro exige atenção e paciência.

ilustrada

Thales de Menezes

SÃO PAULO Circo, poesia, romance, música, rádio, teatro dramático, teatro de revista, chanchadas, cinema novo, televisão. Definitivamente, não é pouca coisa. E, se a internet tivesse surgido quando ele ainda estava vivo, talvez Grande Othelo pudesse se transformar em influenciador.

Sebastião Bernardes de Souza Prata foi um artista precoce e versátil, nascido em 1915 em Uberlândia, no interior de Minas Gerais, que conseguiu se moldar a tantas atividades em seus 78 anos de vida. Os 110 anos de nascimento justificam sua escolha como personagem da “Ocupação Grande Othelo”, mostra no Itaú Cultural, em São Paulo, até março do ano que vem.

Grande Othelo morreu ainda em fase de muita atividade e grande reconhecimento. Em 1993, foi vítima de um infarto ao desembarcar no aeroporto Charles de Gaulle, na França. O ator viajava para o Festival dos Três Continentes, em Nantes, no qual seria homenageado num painel dedicado à negritude no cinema.

Se o grande sucesso popular vinha desde as décadas de 1940 e 1950, quando formou com Oscarito uma dupla de astros no auge das chanchadas no cinema brasileiro, Othelo aos poucos foi consolidando sua atuação de constante desafio a uma indústria cultural excludente e racista.

“As novas gerações não o conhecem. Destacamos aqui sua arte e também essa combatividade”, diz Galiana Brasil, gerente do núcleo de curadorias e programação artística do Itaú Cultural. “Grande Othelo já discutia pautas de agora, como as diferenças salariais entre atores brancos e negros.”

Na dupla de comédia que ele fazia com Oscarito no cinema, seus nomes dividiam a posição de destaque nos cartazes, mas ele recebia cachês menores do que o parceiro branco. “A exposição traz muito a questão dos sindicatos, da luta pela profissionalização.”

Othelo chamava a propalada democracia racial no Brasil de falácia e reiterava que seu sucesso era individual e à margem de uma discriminação forte no circuito de arte do país. Ele tinha consciência de que era o primeiro artista negro brasileiro a conseguir destaque em várias áreas criativas e se mantinha publicamente em constante alerta para a questão racial.

Entre os 160 itens na exposição, muitos documentos resgatam essa resistência. Um de seus embates polêmicos foi com o escritor de novelas Gilberto Braga, após este declarar que o teatro iria acabar. Othelo responde que “o teatro acabará se a TV continuar com a novela à noite, impedindo assim o povo de sair à rua e ir ao teatro”.

Galiana Brasil também destaca as anotações de próprio punho de Othelo. “Ele mantinha muitos caderninhos, com ideias, poemas e rascunhos. E agendinhas”, diz, mostrando uma com as anotações dos contatos de Gilberto Gil.

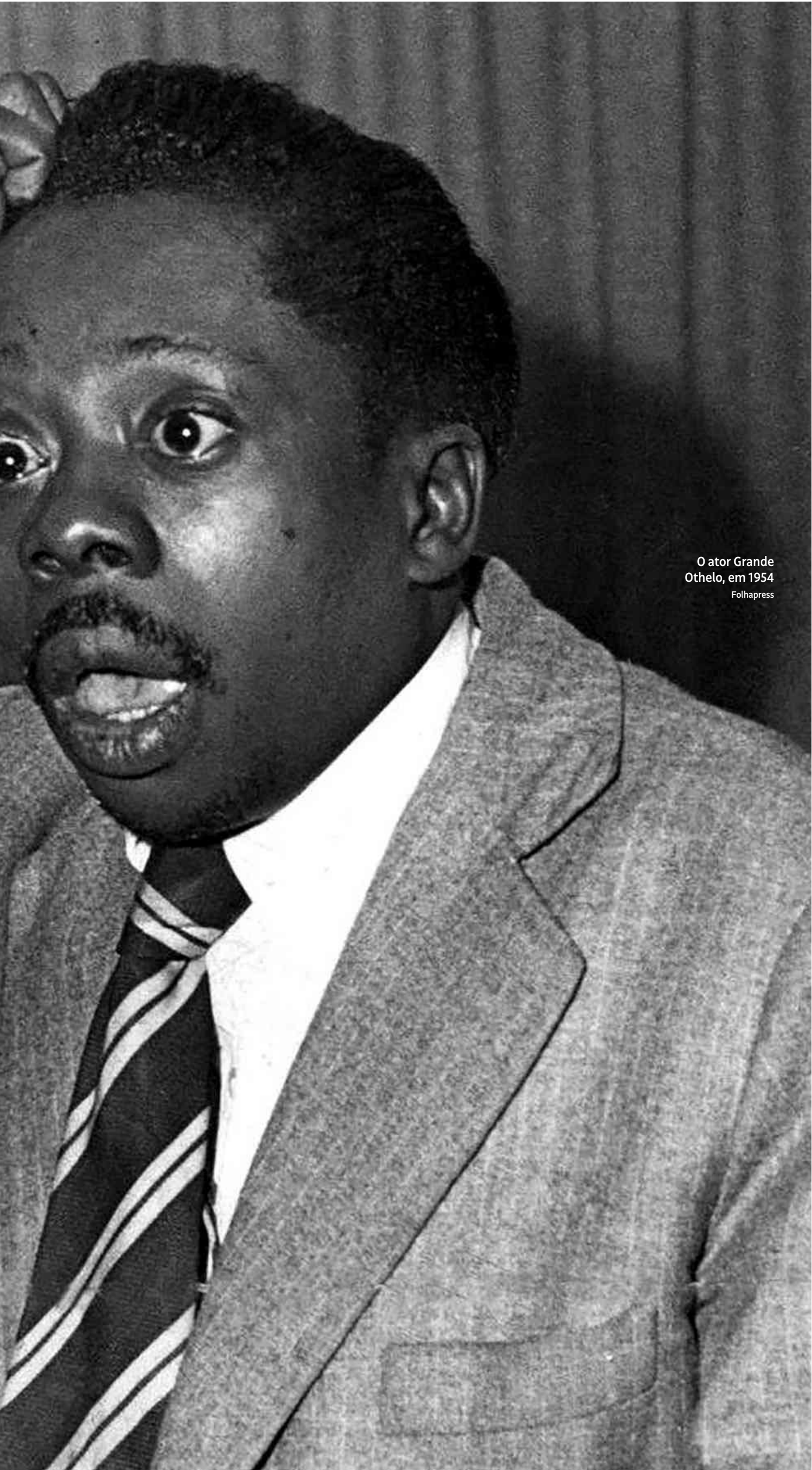
Montada no primeiro andar do Itaú Cultural, a mostra tem consultoria de Deise de Brito e foi projetada visualmente por Kleber Montanheiro, que já foi responsável por outras edições da série “Ocupação”.

Continua na pág. B7

Exposição relembra Grande Othelo, um dos maiores artistas da cultura brasileira

Mostra no Itaú Cultural destaca combates do ator pelos direitos dos negros e raridades da sua carreira no teatro, no cinema e na televisão





O ator Grande Othelo, em 1954
Folhapress

Continuação da pág. B6

No caso de Grande Othelo, Kleber Montanheiro teve muito material para distribuir no espaço. “Com teatro, música, cinema e TV, a vida dele é uma viagem por imagens do século passado.” O currículo impressiona —foram 103 peças, mais de uma centena de filmes e 42 gravações em disco.

Com uma área central que mostra uma praça carioca estilizada, a mostra reúne fotos, roteiros, partituras, cartas, figurinos e outros objetos. A maior parte do material veio do acervo de Othelo, guardado desde 2008 no Centro de Documentação e Pesquisa da Funarte, no Rio de Janeiro. Há também material dos arquivos da TV Cultura e da TV Globo.

E, como destaque, foi montado um pequeno cinema, com poltronas antigas, para quem quiser assistir a trechos de seus filmes. “No imaginário das pessoas, o cinema é a lembrança que chega mais forte”, afirma Galiana Brasil.

O destaque para seus filmes é evidente. Além de um site sobre a exposição, que traz mais itens e recordações de Othelo que ficaram fora do espaço físico da montagem, há mais uma atração para visitas digitais. O streaming gratuito da instituição, o Itaú Cultural Play, ajuda a complementar o perfil do artista. Estão disponibilizados ali filmes relevantes da carreira de Othelo, como “Carnaval Atlântida”, de 1952, comédia na qual ele contracena com o parceiro Oscarito e outra lenda do cinema brasileiro, José Lewgoy.

Outro longa divertido, de novo com Oscarito, é “Matar ou Correr”, de 1954, chanchada que tira onda com os faroestes —a começar pelo título, uma brincadeira com “Matar ou Morrer”, de 1952, com Gary Cooper e Grace Kelly.

A versatilidade de Othelo pode ser conferida em dois dramas dirigidos por Nelson Pereira dos Santos —“Rio Zona Norte”, de 1957, com Jece Valadão, Paulo Goulart e a cantora Ângela Maria, e “Jubiabá”, de 1987, adaptação de Jorge Amado ao lado de Betty Faria.

Fazem parte da programação “Também Somos Irmãos”, de 1949, de José Carlos Burle, com Jorge Dória e Ruth de Souza, atriz que foi parceira constante de Othelo na defesa de questões de negritude, e o policial “Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia”, de 1977, estouro de bilheteria dirigido por Hector Babenco.

Mas a mostra não estaria completa sem “Macunaíma”, clássico do fim do cinema novo, realizado por Joaquim Pedro de Andrade, em 1969. Na criativa e elogiada adaptação do livro de Mário de Andrade, Othelo divide o personagem protagonista, o “brasileiro sem caráter”, com Paulo José.

Uma curiosidade —no pequeno cinema dentro da ocupação, há cenas de “Carnaval no Fogo”, filme de 1949, dirigido por Watson Macedo. Num episódio que bem poderia ser uma brincadeira com o título do filme, os rolos do longa queimaram em um incêndio, e só restou o trecho em exibição ali. Uma relíquia cinematográfica.

Ocupação Grande Othelo

ONDE Itaú Cultural - av. Paulista, 149, São Paulo. QUANDO Ter. a sáb. , das 11h às 20h; dom. e feriados, das 11h às 19h. Até 8 de março de 2026. PREÇO Grátis

ilustrada

QUADRINHOS

Piratas do Tietê Laerte



Bicudinho Caco Galhardo



Níquel Náusea Fernando Gonsales



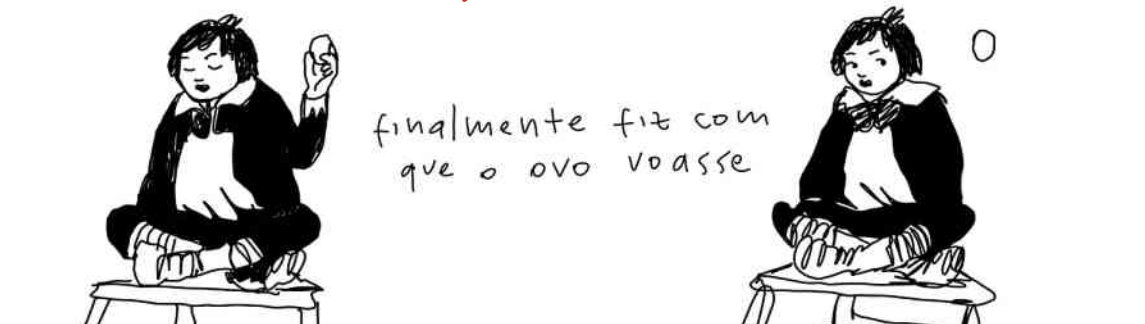
Não Há Nada Acontecendo André Dahmer



Viver Dói Fabiane Langona



Péssimas Influências Estela May



Vida Besta Galvão Bertazzi



SUDOKU www1.folha.uol.com.br/jogos

FÁCIL

				4		9	7	6
	2	4	7					
	8	9						
	4	7	2		1			
			9			5	3	7
		8	5	7		2	4	1
		1					2	5
			4		7		8	3
			1	2	3	6		

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

4	6	9	3	2	1	5	7	8
3	8	1	7	5	4	2	9	6
5	2	7	8	6	9	1	3	4
1	4	2	9	7	5	8	6	3
7	3	5	4	8	6	9	1	2
6	9	8	1	3	2	7	4	5
2	1	4	5	9	3	6	8	7
8	5	3	6	1	7	4	2	9
9	7	6	2	4	8	3	5	1

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Padrão, qualidade / Imposto sobre Operações Financeiras 2. Substância que promove a retenção de umidade 3. Apêndice do cano das armas de fogo, para dirigir a pontaria / Lustrar, polir 4. A tenista polonesa Swiatek, umas das melhores da modalidade / (-calçado) Indivíduo sem elegância, de roupas desajeitadas 5. Samuel Rosa, músico do "Skank" / Indivíduo que pertence a uma ordem religiosa 6. Mulher de idade madura, que impõe respeito 7. Cobrar 8. Narrativa breve de um fato engraçado ou picante 9. Não doce / Abreviatura de ultravioleta, raio que pode provocar o câncer de pele 10. (Ingl.) Cromo para projeção / Rio gaúcho, um dos formadores do estuário do Guaíba 11. Um dos sobrenomes do poeta pernambucano João Cabral (1920-1999) / (Inf.) O pai do pai ou da mãe 12. Que se pode afundar 13. Admiradores / O instrumento que acompanha a cantiga sertaneja.

VERTICAIS

1. Semelhante a moeda cunhada / Som que imita o choro 2. Entrar num país estrangeiro para nele viver / De Hamburgo ou Bonn 3. A Holtz atriz de "Eu, a Vó e a Boi" / Curso de um processo, segundo as regras 4. Interjeição que exprime aversão / Diminuidor 5. Liev Tolstói (1828-1910), romancista russo de "Guerra e Paz" / Homem importante de uma nação, classe, partido / Sarah Vaughan (1924-1990), cantora de jazz 6. De acabamento esmerado / Sete, em romanos 7. Que se cobriu de água / Gaiola para criação de galinhas 8. Uma inflamação tratada pelo otorrinolaringologista / Influenciável 9. Naturalmente cruel / Fruto muito comum no NE.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									

Covo, 8. Otite, Atuável, 9. Fero, Graviola. 4. Eca, Frenador, 5. LT, Prócore, SV, 6. Apianado, Vil, 7. Inundado, VERTICAIS: 1. Numismal, Snif, 2. Imigrar, Alemã, 3. Vera, Trâmites, UV, 10. Slide, Cai, 11. Neto, Vovo, 12. Inversível, 13. Fas, Viola. HORIZONTAIS: 1. Nível, IOF, 2. Umectante, 3. Mira, Puir, 4. Iga, Pinto, 5. SR, Frade, 6. Matrona, 7. Arrecadar, 8. Anedota, 9. Amaro,

Do ponto de vista bolchevique

O boleto é uma peça-chave de qualquer sociologia materialista

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'A Era do Niilismo'. É doutor em filosofia pela USP

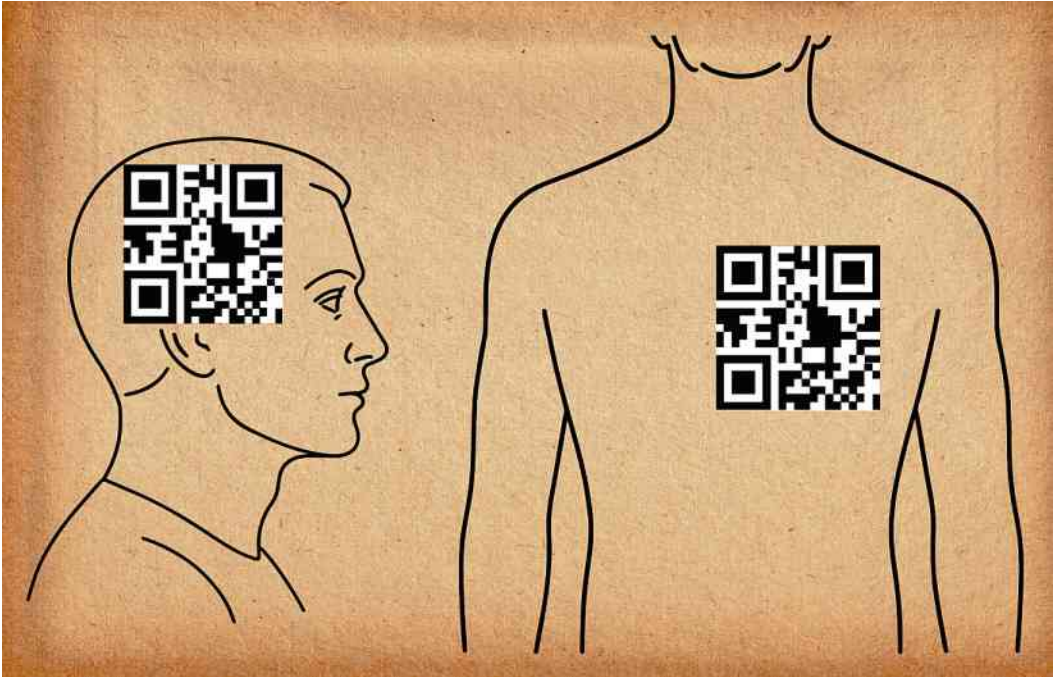
Dependendo de qual lugar você ocupa na cadeia alimentar, sua percepção de realidade pode mudar completamente. Trata-se aqui de um enunciado metodológico, ou, até mesmo, epistemológico, derivado de um marxismo um tanto selvagem. “Disclaimer”: óbvio que seu lugar na cadeia alimentar não esgota as causas ou fundamentos totais da sua percepção da realidade.

O que vale aqui como infraestrutura é a potência —alguém chique diria potência spinoziana— que brota do fato de você não acordar de manhã preocupado com como pagará boletos. O boleto é uma peça-chave de qualquer sociologia materialista.

Refiro-me aqui à potência para crer na vida. Há um otimismo que nasce da condição social e econômica. Há, claro, ricos deprimidos e otimistas pobres, como muitos evangélicos. Mas algum bolchevique raiz poderia chegar a propor que ricos deprimidos deveriam pagar um imposto específico elevado por poluir o ar social com um negativismo que deveria ser privilégio dos mais vulneráveis.

Num mundo bolchevique ideal não haveria depressão, mas, se houvesse, nunca seria direito de um rico ser deprimido. Ricos têm a obrigação de passar boas energias para o mundo. Deveriam pagar imposto sobre a contaminação social com suas emoções negativas indevidas.

Mas é bonito ver como alguns milionários creem na vida, no Brasil e na humanidade. Encantame a leveza com a qual discutem grandes problemas da humanidade, sempre com um sorriso na fa-



Ricardo Cammarota

Na miséria do mundo atual, o boleto é uma entidade metafísica. Substância universal simples que determina toda a dinâmica ontológica hoje. Uma espécie de pequeno primeiro motor infernal da ordem social cotidiana. E ainda há os fugitivos desse determinismo todo, que são só irresponsáveis

ce e a crença inabalável no futuro da humanidade, do Brasil e do mundo, diria mesmo, da galáxia. Do ponto de vista bolchevique, seria proibido um rico falar de ética.

Acho que um grande pecado da esquerda das últimas décadas foi se acostumar a comer em restaurantes étnicos estilo Nova York. Melando-se com o molho que indica status social. No caso dessa cidade, agora governada por um socialista populista mentiroso, como todo populista, que encantou hordas de idiotas, o fundamental para reduzir o custo dos restaurantes que a esquerda frequenta são os imigrantes ilegais. “Não existe gente ilegal” é um desses slogans de revolucionários de butique, como se dizia. O grande segredo da xenofobia da direita com imigrantes ilegais é a sensação de que eles roubam seus postos de trabalho porque recebem muito menos do que os trabalhadores legais. O grande segredo da defesa dos imigrantes ilegais por parte dos descolados é que estes não perdem empregos para aqueles. De novo, exemplo de materialismo social selvagem, mas nem por isso menos consistente.

Uma lei nesse assunto é que o seu lugar na cadeia alimentar determina sua percepção, cognição, episteme, afetos, tudo. Mesmo que não 100%, diria muito mais do que metade, talvez, dois terços? Sobra pouco. O sujeito é imensamente condicionado pelo lugar que ocupa na cadeia alimentar. Santo Agostinho inventou a dis-

cussão sobre o livre arbítrio. É livre ou não é? Para ele, a discussão circulava ao redor da herança do pecado. Após a constatação de determinantes materialistas, entendemos que, no lugar do mal surgido do pecado original, ficou o mal surgido pela necessidade constante de grana para os boletos.

Na miséria que caracteriza o mundo atual, o boleto é uma entidade metafísica. Substância universal simples que determina toda a dinâmica ontológica. Uma espécie de pequeno primeiro motor infernal da ordem social e afetiva cotidiana. Claro que há pessoas que escapam desse determinismo, simplesmente porque são irresponsáveis e passam para os outros a pressão dos boletos. Toda família tem alguém assim, não é verdade?

Claro que não pensamos nisso o tempo todo, só se você estiver muito esmagado na cadeia alimentar. Existem os mentirosos de governos que dizem resolver isso distribuindo dinheiro para os esmagados, mas a principal função disso é angariar votos. Não há virtude possível na política quando você precisa angariar votos. Impasse estrutural da democracia. O boleto é o que faz as pessoas comuns colaborarem com regimes autoritários quando não são aderentes ao regime em si.

A pergunta que não quer calar —é possível escapar dessa dinâmica social? Sem muito dinheiro ou irresponsabilidade moral? Difícil. Isso quer dizer que a resposta filosófica para uma questão banal como essa é assim miseravelmente incapaz? Sim, é.

Quase todas as grandes questões da vida são insolúveis, o que fazemos é lidar com elas, minimizando seus efeitos mais deletérios, tentando escapar das suas armadilhas. A lucidez aqui é saber que a leveza fácil sempre custa muito dinheiro. O dinheiro é feliz. Mas o peso da ansiedade financeira é a lei para quase todos nós.

SEG. Luiz Felipe Pondé TER. João Pereira Coutinho QUA. Wilson Gomes QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres SEX. Djamila Ribeiro SÁB. Mario Sergio Conti

MULTITELA

Suspense acompanha um perigoso universo de mulheres nos EUA

Casadas e Caçadoras

Netflix, 16 anos

A série de suspense se tornou um sucesso inesperado quando estreou nos Estados Unidos em julho. A trama acompanha Sophie, que se muda para uma pequena cidade no estado do Texas e acaba atraída pelo mundo glamoroso e perigoso de uma socialite local e seu círculo de mulheres, onde segredos e sedução se misturam. Estrelada por Brittany Snow e Malin Åkerman, é inspirada no livro de May Cobb.

Especial Beleza Fatal

HBO Max, 16 anos

Gravado na mansão dos Argento, o mesmo cenário da novela, o especial traz Camila Pitanga, Camila Queiroz, Giovanna Antonelli, Julia Stockler, Caio Blat, Herson

Jacqueline Cantore

cantorejac@gmail.com



O Grande Roubo do Louvre

Discovery, 20h40, e HBO Max, 12 anos

Contado em tempo real, o especial reconstrói o ousado roubo de joias que ocorreu em outubro no Museu do Louvre, em Paris. Depoimentos de testemunhas, análises forenses e reconstruções gráficas detalham como foi o furto

Capri, Marcelo Serrado, Murilo Rosa e Romani para que relembrem os bastidores da produção.

Roda Viva

TV Cultura, 22h, livre

O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, será sabatinado no programa para falar de questões como a falta de luz e água que afetou a cidade, nesta semana, após um ciclone, o potencial reajuste no preço dos ônibus, a lei dos mototáxis por aplicativo e o destino do MDB nas eleições de 2026.

Casamento Armado

TV Globo, 22h25, 14 anos

Jennifer Lopez e Josh Duhamel vivem noivos prestes a se casarem num resort da República Dominicana, quando um grupo de piratas invade a cerimônia e faz os convidados de reféns. Os dois vão ter de salvar a família e os amigos —e não se matarem primeiro— em uma festa com adrenalina.

LIVROS

Carla Madeira, autora de 'Tudo É Rio', vai debater escrita em live da CasaFolha

SÃO PAULO A escritora Carla Madeira participará de uma live na CasaFolha nesta segunda, às 19h30. No encontro, ela vai tirar dúvidas ligadas a seu curso “Tudo É Palavra: Conteúdo e Forma na Escrita Criativa”, disponível no site casafolhasp.com.br.

A aula ao vivo será transmitida no mesmo endereço, que hospeda cursos exclusivos de personalidades de destaque em diferentes áreas, como a chef Helena Rizzo, o cineasta José Padilha e a psicanalista Vera Iaconelli.

Para participar do encontro com a autora de best-sellers como “Tudo É Rio” e “Véspera” é preciso ser assinante da plataforma. É possível se vincular ao serviço pelo endereço casafolhasp.com.br/assine. A assinatura, com desconto promocional de 67%, sai por R\$ 19,90 por mês no plano anual (R\$ 59,90

sem a promoção) e inclui acesso ilimitado a todas as notícias da Folha no site e no aplicativo. Quem já é assinante da Folha pode fazer o upgrade por R\$ 10 adicionais no plano do jornal em casafolhasp.com.br/upgrade.

Na live, a ideia é aprofundar alguns assuntos abordados no curso, que percorre todas as etapas da escrita —desde a concepção até a divulgação, passando pelo processo criativo, pela lapidação das frases, pelas dificuldades, pelo leitor e pelo mercado.

Assinantes, além de acompanhar ao vivo, podem enviar perguntas antecipadamente, por meio de link na plataforma, ou durante a live, através do chat.

A CasaFolha já tem 32 cursos exclusivos, dos quais cinco são de escrita, com nomes como Itamar Vieira Junior, Ruy Castro, Tati Bernardi e Rosa Montero.



Craig William/Museu Britânico

Mais antiga evidência de produção intencional de fogo tem 415 mil anos

Neandertais usaram fogueira repetidamente em área próxima a bebedouro, dizem arqueólogos com base na análise de materiais encontrados em sítio na Inglaterra

REUTERS E AFP Arqueólogos anunciaram ter descoberto a evidência mais antiga conhecida de produção intencional de fogo. De acordo com eles, neandertais acenderam fogueiras em uma área onde hoje é o condado de Suffolk, na Inglaterra.

O achado foi descrito em um artigo publicado na última quarta-feira (10) na revista Nature. As evidências analisadas pelos autores são do sítio de Barnham, identificado no fim do século 19.

O primeiro indício de que ali poderia ter sido feita uma fogueira surgiu em 2021, quando houve a identificação de sedimentos que haviam sido aquecidos propositalmente. Depois de quatro anos de um trabalho minucioso, provou-se que as cinzas não tiveram origem natural.

“O momento-chave foi a descoberta de pirita de ferro”, afirmou o arqueólogo Nick Ashton, curador de Coleções Paleolíticas do Museu Britânico em Londres e autor principal da pesquisa. “Acreditamos que eles [neandertais] levaram pirita para o local com a intenção de fazer fogo. E isso tem enormes implicações.”

A pirita é um mineral usado para produzir faíscas que iniciam o fogo e é muito rara na região, o que indica ter sido levada até o local propositalmente. No sítio, também havia machados de pedra que podem ter sido usados para triturar o mineral.

Os pesquisadores afirmaram que todo esse material era de uma fogueira utilizada repetidamente e situada perto de um bebedouro onde os neandertais acampavam.

Até então, a evidência mais antiga conhecida de produção de fogo era de cerca de 50 mil anos em um sítio no norte da França,



Fotos Jordan Mansfield/Divulgação

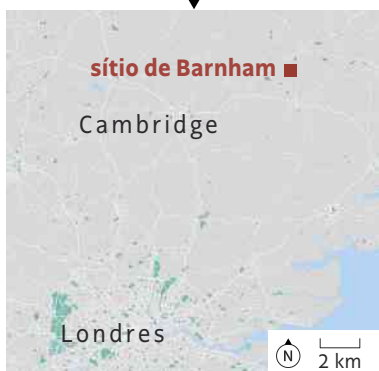


também atribuída a neandertais.

O uso controlado do fogo foi revolucionário para a linhagem evolutiva humana. O ato permitiu cozinhar, fornecer proteção contra predadores e proporcionar calor, ajudando caçadores-coletores a prosperar em áreas com ambientes mais frios.

Por meio do cozimento, por exemplo, nossos ancestrais conseguiram eliminar patógenos da carne e toxinas de raízes e tubérculos comestíveis.

1 Ilustração de faíscas sendo produzidas com o uso de pirita, mineral usado para produzir faíscas que iniciam o fogo; **2** fragmento de pirita encontrado no sítio de Barnham, apesar de o mineral ser muito raro na região; **3** machado de mão encontrado ao lado da fogueira que, segundo a nova pesquisa, era feita por neandertais



Acreditamos que eles [neandertais] levaram pirita para o local com a intenção de fazer fogo

Nick Ashton
curador de coleções paleolíticas do Museu Britânico e autor principal da pesquisa

Somos uma espécie que usou o fogo para moldar o mundo ao nosso redor

Rob Davis
arqueólogo do Museu Britânico e coautor do estudo

Esse processo tornou alimentos mais macios e digeríveis, liberando energia corporal do intestino para impulsionar o desenvolvimento do cérebro.

Ser capaz de consumir uma maior variedade de alimentos favoreceu uma melhor sobrevivência e permitiu alimentar grupos maiores de humanos, segundo os pesquisadores.

O fogo também pode ter contribuído para a evolução social. O seu uso durante a noite contribuiu para a socialização, levando, por exemplo, à contação de histórias e ao desenvolvimento de linguagem e de sistemas de crenças.

“A fogueira seria um centro social”, afirmou o arqueólogo Rob Davis, do Museu Britânico, coautor do estudo.

“Somos uma espécie que usou o fogo para moldar o mundo ao nosso redor”, acrescentou o arqueólogo, observando que as novas descobertas mostram que essa característica é algo que nossa espécie, *Homo sapiens*, tem em comum com os neandertais e possivelmente com outros parentes humanos, como os denisovanos.

O sítio paleolítico em Barnham data de antes dos fósseis mais antigos conhecidos de *Homo sapiens* na África. Os pesquisadores disseram acreditar que os neandertais, nossos primos evolutivos próximos, foram os criadores do fogo, uma evidência da inteligência e engenhosidade desses humanos arcaicos.

O paleoantropólogo Chris Stringer, também coautor do estudo, disse que nenhum resto fóssil humano foi encontrado no sítio de Barnham. Mas ele destacou que pedaços de um crânio com características de um neandertal e com cerca de 400 mil anos foram encontrados em meados do século 20 a menos de 160 quilômetros dali, em uma cidade chamada Swanscombe.

De acordo com Stringer, os fragmentos do crânio de Swanscombe correspondem a fósseis de neandertais de um sítio perto de Burgos, na Espanha, que datam de aproximadamente 430 mil anos atrás.

Os neandertais foram extintos há cerca de 39 mil anos, pouco depois de o *Homo sapiens* ter se espalhado pelo território europeu.

Trabalhos arqueológicos anteriores no local proporcionaram aos cientistas uma boa compreensão de como era o lugar na época em que a fogueira foi feita, com uma rica variedade de animais, além de evidências de atividade humana na forma de marcas de corte em ossos de presas.

Existem evidências arqueológicas da África datando de mais de um milhão de anos atrás de humanos utilizando fogo de ocorrência natural — de incêndios florestais ou raios —, mas esses locais não apresentavam evidências de produção deliberada de fogo.

Os pesquisadores passaram quatro anos realizando testes para mostrar que as evidências de Barnham eram de fogo propositalmente produzido. Segundo eles, diversas evidências demonstraram isso, incluindo testes geoquímicos que revelaram temperaturas superiores a 700 graus Celsius com uso repetido de fogo no mesmo local.



Crânio do *B. salgadoensis*, extinto há cerca de 90 milhões de anos, foi um dos analisados no estudo Divulgação

Com vida n’água, crânio de jacaré se tornou mais vulnerável a esforço

Comparação com espécies terrestres mostra que aquáticas têm forma ‘piorada’ para mordida, mas que facilitam deslocamento

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Todos os crocodilos e jacarés de hoje são caçadores semiaquáticos, com crânio relativamente longo e achatado, e um novo estudo pode ter desvendado a principal lógica evolutiva por trás disso. Embora esse não seja o formato craniano ideal para morder as presas, é o que funciona melhor debaixo d’água. A conclusão, que está num novo trabalho assinado por pesquisadores brasileiros e colegas do exterior, baseia-se em tomografias da cabeça dos bichos, incluindo tanto espécies viventes (modernas) quanto as que existiram durante a Era dos Dinossauros. A pesquisa saiu no mês passado no periódico científico Proceedings of the Royal Society B.

A comparação entre animais modernos e antigos é importante porque a forma atual do crânio desses répteis, embora varie relativamente pouco entre as espécies viventes, é só parte de uma diversidade muito maior de morfologias (formatos).

No Brasil do período Cretáceo, por exemplo —ou seja, a fase final do reinado dos dinossauros, entre 143 milhões de anos e 66 milhões de anos atrás—, muitos membros do grupo tinham crânios semelhantes aos dos dinossauros carnívoros. E, tal como eles, também caçavam em terra,



Jacaré-paguá (*Paleosuchus palpebrosus*), espécie analisada no estudo Zuzana/Adobe Stock

e não no ambiente aquático.

A equipe do estudo, que inclui Fabiano Vidoi Iori, do Museu de Paleontologia Pedro Candolo (SP), Fresia Ricardi-Branco, da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), e Ismar Carvalho, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), explica que é possível dividir a diversidade morfológica do crânio dos bichos em dois grandes tipos de formato.

De um lado estão as espécies de crânio com forma de cúpula e laterais curtas, cuja morfologia “clássica” praticamente desapareceu após a Era dos Dinossauros.

De outro, temos a atual “cara de crocodilo” (e jacaré) típica dos bichos modernos, que é larga e achatada. Essa morfologia também estava presente na Era dos Dinossauros. A questão é saber quais processos evolutivos acabaram produzindo esses padrões.

Para investigar as diferenças,

os paleontólogos submeteram os crânios dos animais a sessões de tomografia.

Do lado das espécies modernas, a equipe incluiu na análise o aligátor-americano (*Alligator mississippiensis*), o crocodilo-do-nilo (*Crocodylus niloticus*) e o jacaré-anão ou jacaré-paguá (*Paleosuchus palpebrosus*, única espécie brasileira do trio). Todos são carnívoros semiaquáticos.

Entre os animais da Era dos Dinossauros, a amostra foi formada por três espécies terrestres encontradas no interior de São Paulo. Entre elas estão o superpredador *Baurusuchus salgadoensis*, de até quatro metros de comprimento, e dois animais menores: o *Montealtosuchus arudacamposi*, que provavelmente capturava presas pequenas, e o *Caipirasuchus paulistanus*, talvez herbívoro (algo que não se vê entre seus parentes modernos).

A análise mostrou que havia uma diferença significativa na técnica de ataque às presas: os bichos extintos provavelmente “mordiam e puxavam”, enquanto os atuais dependem de táticas como o chamado giro da morte, no qual o réptil segura a vítima e roda o corpo dentro d’água para abatê-la. Mais importante, porém, é o fato de que os bichos terrestres extintos tinham maior eficiência muscular e crânios mais aptos a resistir ao esforço de morder (e, no caso da espécie herbívora, de mastigar). Na prática, são estruturas cranianas mais resistentes a uma fratura causada por esforço, por exemplo.

A análise indica, portanto, que a evolução dos crocodilos e jacarés semiaquáticos exigiu uma espécie de troca com base na relação custo-benefício. Para desenvolver crânios que facilitassem o deslocamento na água, foi preciso perder a eficiência da musculatura e a segurança da mordida em termos relativos.

Ao que parece, valeu a pena, já que as espécies terrestres de crânios poderosos acabaram não sobrevivendo durante a extinção em massa que acabou com a maioria dos dinossauros (menos as aves) há 66 milhões de anos.

Notícias de dar arrepio em quem tem espinha

Crise do clima não perdoa subserviência e omissão perante governos ineptos

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de “A Ciência Encantada de Jurema” (ed. Fósforo)

Sábio Walter Franco: “Tudo é uma questão de manter / A mente quieta / A espinha ereta / E o coração tranquilo”. Esta coluna vai para quem ainda tem espinha para manter ereta, longe de Tarcísio, Hugo, David, Alexandre, Claudio, Gilmar, Luiz & cia. Anda difícil aquietar mentes e tranquilizar corações em meio a tanto incêndio.

Quem ainda não perdeu o juízo nem a vergonha na cara saberá ligar os pontos.

A Enel pôs mais da metade das cidades da Grande São Paulo de joelhos. Repetem-se os blecautes de 2023 e 2024, mais uma vez desencadeado por tempestades e amplificado em impacto sobre a população pela incompetência da concessionária de energia elétrica. Aquecimento global e frigidez neoliberal.

Não foi só a Enel, nem só a área metropolitana. Na Mantiqueira, a Neoenergia Elektro mantinha sem luz por três dias, na sexta-feira, bairros inteiros de Santo Antônio do Pinhal. Nada mudou nem vai mudar se a maioria mantiver a cabeça baixa.

Jornais noticiam que este ano deve terminar como 2º ou 3º mais quente na história. Não por coincidência, mas por omissão e desígnio, fará companhia a 2024 e 2023 no trio de recordistas do ranking de medidas da temperatura média da atmosfera.

Outra nova nada boa destaca o saldo amargo da COP30, reunião em Belém do Pará que pariu um rato, não um mapa do caminho para nos livrar dos combustíveis fósseis. Nem merece o nome de cúpula do clima, pois a COP30 foi o evento com menos representantes de governo (7.500) dos últimos dez anos.

Não veio nenhuma delegação oficial dos EUA, segundo maior emissor de gases do efeito estufa, atrás da China —que nem mandou seu manda-chuva, Xi. A União Europeia, antes campeã do bom-mocismo verde, anda ocupada em se rearmar, agora que a maré baixa de Trump a revelou pelada perante um celero Putin.

O Velho Mundo tinha uma meta audaz, parar de fabricar em 2035 veículos com motores a explosão, beberões de gasolina e diesel que propõem o aquecimento global. Deu um cavalo-de-pau. Friedrich, para quem é melhor a gélida Alemanha que a ebulição de Belém, aplaudiu a licença para manter a combustão de fósseis.

Por aqui, Luiz deu prazo de 60 dias para sua equipe rascunhar um esboço provisório tentativo de mapa do caminho para transição energética —sem combinar com os russos, americanos, chineses e indianos. Parece piada de mau gosto, depois de engolir o sapo de David na foz do Amazonas, ora na pista para deglutir uma boiada inteira com o PL da Devastação e a PEC do marco temporal.

Soa quase irônico ler no jornal britânico The Guardian que, na maior parte do mundo, o crescimento econômico já se desacoplou das emissões de CO₂. Dez anos depois do Acordo de Paris, adotado na COP21, que sagrou a meta de conter em 1,5°C o aquecimento desde a era pré-industrial, a Austrália começa a receber refugiados climáticos de Tuvalu, nação insular em vias de submergir na elevação do mar.

Por falar em inundação, chuvas torrenciais estão matando milhares na Ásia. E não só humanos: estima-se que enchentes já vitimaram 6% a 11% da população de nossos primos orangotangos em Sumatra.

Só restam algumas espinhas dorsais. Corações e mentes já arderam na pira do capital.

ciência

MENSAGEIRO SIDERAL

China tenta lançar nesta
terça foguete reutilizável

Nova versão so lançador Longa Marcha 12A partirá do espaçoporto de Jiuquan

Salvador Nogueira
salvadornogueira@gmail.com

A China está prestes a se tornar o segundo país a desenvolver e demonstrar um lançador de classe orbital com primeiro estágio capaz de pouso controlado e reutilização.

A Casc (Corporação de Ciência e Tecnologia Aeroespacial da China) pretende lançar na noite desta terça-feira (16, manhã de quarta, 17, na China) a primeira versão do lançador Longa Marcha 12A e tentar realizar o pouso do primeiro estágio em uma plataforma próxima.

A decolagem acontecerá do centro de Jiuquan e consistirá na segunda tentativa de realizar algo do tipo pelos chineses. Duas semanas antes, o foguete Zhuque-3, da empresa privada LandSpace, sediada em Pequim, realizou seu primeiro voo e conseguiu atingir a órbita, mas o primeiro estágio falhou em sua tentativa de pouso.

O Longa Marcha 12A, por sua vez, é estatal, e baseado em uma versão totalmente descartável, o Longa Marcha 12, que já realizou quatro voos desde novembro de 2024, o último deles na quinta-feira passada (11). A configuração em dois estágios, assim como o diâmetro de 3,8 metros, é a mesma para as duas versões, mas o 12A trocou motores movidos a querosene por outros que usam metano.

A reutilização é uma peça fundamental no plano chinês de equiparar suas capacidades espaciais com os Estados Unidos, que demonstraram pela primeira vez a possibilidade de pousar um primeiro estágio de forma controlada há dez anos, com o foguete Falcon 9, da SpaceX.

Foi justamente essa tecnologia que viabilizou comercialmente a megaconstelação de satélites Starlink, que a empresa de Elon Musk utiliza para fornecer internet rápida e de baixa latência em escala global e que a essa altura já é composta por aproximadamente 8.000 satélites.

No mês passado, a Blue Origin, empresa de Jeff Bezos, igualou o feito, realizando um pouso suave do primeiro estágio do seu foguete New Glenn e começando a projetar uma sombra de competição sobre a SpaceX.

A seguir, deve a vez dos chineses, que também têm seu próprio projeto de megaconstelação de satélites em andamento: o Guowang já tem 127 satélites em órbita, os últimos nove lançados no voo mais recente do Longa Marcha 12, o de quinta passada. O plano eventualmente é ter 13 mil deles lá em cima, embora de forma paulatina — 400 são esperados até 2027.

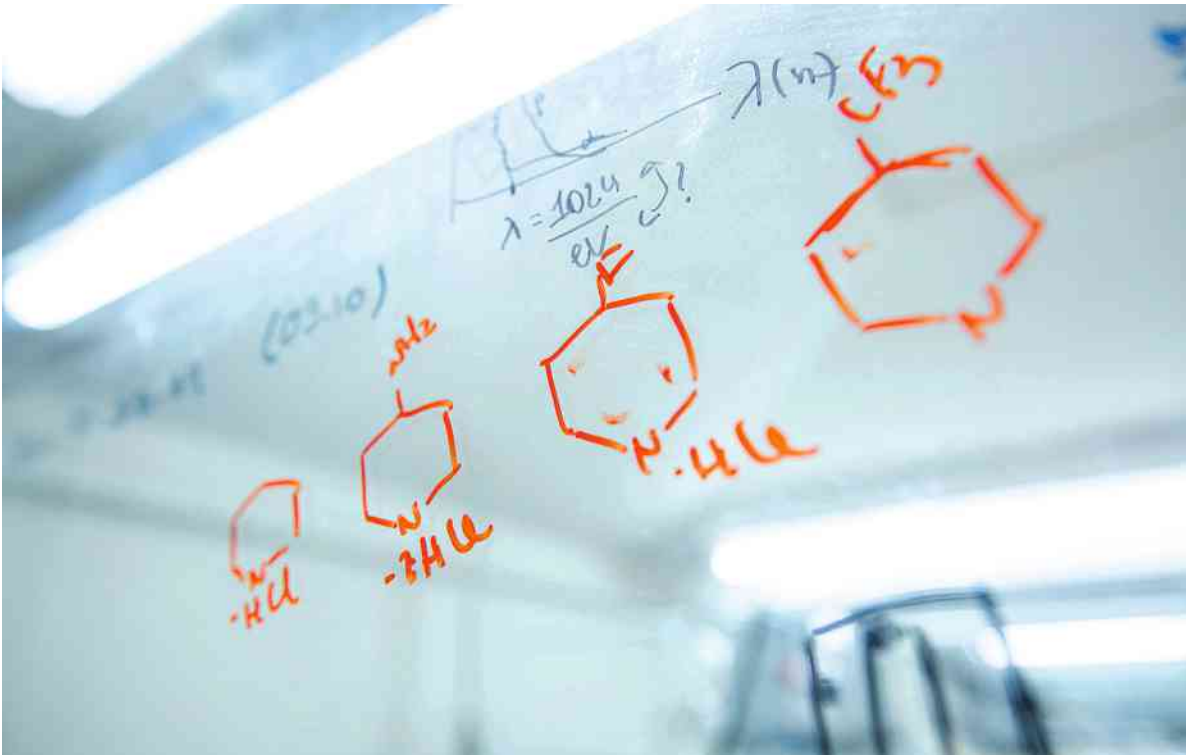
Com isso, a transição para o modelo de negócios de foguetes reutilizáveis, com consequente barateamento do acesso ao espaço, começa a se concretizar, depois de uma década em que a SpaceX pôde usufruir sozinha dessa tecnologia.

Não por acaso Musk já está pensando no próximo passo, cogitando abrir a empresa ao capital com ações na bolsa para investir em infraestrutura espacial para IA — ele está apostando que será mais fácil manter os servidores operando no espaço, em razão da disponibilidade da luz solar e facilitação de controle térmico.

Além da corrida pela reutilização, americanos e chineses também travam uma competição para ver quem chega primeiro à superfície da Lua no século 21. Os americanos devem lançar a missão Artemis 2, que levará quatro astronautas ao redor da Lua, entre fevereiro e abril de 2026 — mesmo ano em que os chineses pretendem fazer o voo inaugural de seu foguete lunar Longa Marcha 10 e sua nova cápsula Mengzhou, destinada a realizar missões lunares tripuladas. Se esse primeiro voo já será com astronautas, não sabemos.

2026

é o ano em que os chineses pretendem fazer o voo inaugural de seu foguete lunar Longa Marcha 10 e sua nova cápsula Mengzhou



Laboratório em instituto de química de universidade em São Paulo Ze Carlos Barretta - 6.nov.24/Folhapress

Brasileiros poderão publicar
sem pagar em revistas da ACM,
Elsevier e Springer Nature

Acordos de R\$ 1 bi firmados por Capes também permitem a leitura de artigos científicos; medida beneficia integrantes de 452 instituições

Ana Bottallo

SÃO PAULO Pesquisadores de 452 instituições de ensino superior do país terão acesso gratuito a periódicos da Elsevier e da Springer Nature a partir de 2026. Eles poderão tanto ler as revistas das duas editoras, que estão entre as principais do mundo, quanto submeter artigos científicos em formato híbrido ou acesso aberto para publicação nelas.

O mesmo ocorre em relação aos da ACM (Association for the Computing Machinery), mas já a partir deste mês.

A medida está prevista em acordos transformativos (TA, na sigla em inglês) firmados pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), órgão ligado ao MEC (Ministério da Educação) com as três editoras. A assinatura dos termos ocorreu em Brasília no último dia 4 em cerimônia que celebrou os 25 anos do Portal de Periódicos da Capes.

Os acordos com Elsevier, a maior editora científica do mundo, e Springer Nature, que publica os periódicos do grupo Nature, entram em vigor em 1º de janeiro de 2026 e se estendem por três anos. O da ACM já está valendo. Juntos, eles somam US\$ 215 milhões (R\$ 1 bilhão).

Atualmente, brasileiros que desejam ver seus artigos científicos em revistas “open access” da Elsevier e da Springer Nature — isto é, que demais pessoas podem baixar e ler gratuitamente — têm de arcar com os chamados APCs (custos de processamento de artigo). Estes variam de algumas centenas de dólares a até quase US\$ 13 mil (R\$ 70 mil), no

caso de publicação no portfólio da Nature.

Os valores, segundo as editoras, cobrem despesas relacionadas à editoração e formatação dos artigos. Já o processo de revisão e de editoração científica é feito por acadêmicos convidados que não são remunerados para isso.

O custo para a Capes será de US\$ 153 milhões (R\$ 823,6 milhões) com a Elsevier, de US\$ 59,8 milhões (R\$ 322 milhões) com a Springer Nature e de US\$ 2,4 milhões (R\$ 13,2 milhões) com a ACM — os valores consideram a cotação dos dias 23 e 30 de outubro, no caso das duas primeiras, e o dia 7 de agosto para a ACM.

No caso da Springer Nature, o acordo abrange os periódicos de modelo híbrido, ou seja, são restritos para leitura mediante assinatura ou estão em processo de se tornar de acesso aberto. O contrato, segundo a editora, permitirá o acesso e a publicação gratuitamente de mais de 6.000 artigos por ano.

A Elsevier, por sua vez, possui em torno de 8.000 artigos com acesso aberto que poderão ser

acessados por pesquisadores brasileiros. A publicação sem custos valerá para aproximadamente 160 revistas da editora.

O termo estabelecido com a ACM permite a publicação e acesso aberto a todas as revistas publicadas por ela.

A Springer Nature disse à Folha que procura oferecer “acesso igualitário ao conteúdo e à publicação” e que as vantagens do acordo com o órgão brasileiro incluem “poder apoiar melhor os pesquisadores brasileiros afiliados [às instituições participantes] na realização desses benefícios”.

Procurada, a Elsevier declarou, por meio de um porta-voz, “ter o prazer de apoiar a publicação de pesquisa de acesso aberto no Brasil” e que “mais de 1.800 revistas estão incluídas no acordo, cujo contrato é por um período de três anos, de 2026 a 2028”.

Os acordos valerão para as instituições de ensino superior e pesquisa que integram o Portal de Periódicos da Capes (um total de 452). Este serviço paga anualmente as editoras pelo acesso de leitura aos periódicos científicos nas universidades.

Com os acordos, espera-se incentivar a publicação nestas revistas, reduzindo os valores que antes eram pagos anualmente (um primeiro valor para publicar nos periódicos e um segundo para o acesso à leitura).

Segundo nota da Capes enviada à reportagem, “os acordos transformativos vem ampliando o número de publicações em algumas editoras e, assim, há ampliação da participação da comunidade científica brasileira na literatura científica internacional”.

R\$ 1 bilhão

é o valor estimado dos acordos transformativos firmados neste mês pela Capes com as três editoras. A maior fatia, de R\$ 823,6 milhões, é da Elsevier

160 revistas

da Elsevier, a maior editora científica do mundo, permitirão a publicação de artigos sem custos para pesquisadores brasileiros a partir de janeiro de 2026